

Organizadora: Francisca Lopes Rodrigues



# Memórias da Infância:

O Brincar e outros afazeres infantis

Organizadora: Francisca Lopes Rodrigues

# **Memórias da Infância:**

O Brincar e outros afazeres infantis

A todas as crianças que,  
por alguma razão, tiveram  
a sua infância interrompida

# Universidade Federal do Tocantins

## Editora da Universidade Federal do Tocantins

### **Reitor**

*Luis Eduardo Bovolato*

### **Vice-reitor**

*Marcelo Leineker Costa*

### **Chefe de Gabinete**

*Emerson Subtil Denicoli*

### **Pró-Reitor de Administração e Finanças (PROAD)**

*Jaasiel Nascimento Lima*

### **Pró-Reitor de Assuntos Estudantis (PROEST)**

*Kherlley Caxias Batista Barbosa*

### **Pró-Reitora de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários (PROEX).**

*Maria Santana Ferreira dos Santos*

### **Pró-Reitora de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas (PROGEDEP)**

*Michelle Matilde Semiguem Lima Trombini Duarte*

### **Pró-Reitor de Graduação (PROGRAD)**

*Eduardo José Cezari*

### **Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESQ)**

*Raphael Sânzio Pimenta*

### **Pró-Reitor de Tecnologia e Comunicação (PROTIC)**

*Ary Henrique Morais de Oliveira*

### **Conselho Editorial**

*Ruhena Kelber Abrão Ferreira*  
*Membros do Conselho por Área*

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

*Eder Ahmad Charaf Eddine*  
*Marcela Antunes Paschoal Popolin*  
*Marcio dos Santos Teixeira Pinho*

### **Ciências Humanas, Letras e Artes**

*Barbara Tavares dos Santos*  
*George Leonardo Seabra Coelho*  
*Marcos Alexandre de Melo Santiago*  
*Rosemeri Birck*  
*Thiago Barbosa Soares*  
*Willian Douglas Guilherme*

### **Ciências Sociais Aplicadas**

*Roseli Bodnar*  
*Vinicius Pinheiro Marques*

### **Engenharias, Ciências Exatas e da Terra**

*Fernando Soares de Carvalho*  
*Marcos André de Oliveira*  
*Maria Cristina Bueno Coelho*

### **Interdisciplinar**

*Ana Roseli Paes dos Santos*  
*Ruhena Kelber Abrão Ferreira*  
*Wilson Rogério dos Santos*

Copyright © 2024 – Universidade Federal do Tocantins – Todos direitos reservados  
Universidade Federal do Tocantins (UFT) | Câmpus de Palmas  
Avenida NS 15, Quadra 109 Norte | Plano Diretor Norte  
Bloco IV, Reitoria - Palmas/TO | 77001-090

**Preparação:** Joilene Lima

**Revisão:** O conteúdo dos textos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade dos respectivos autores

**Capa e projeto gráfico:** Joilene Lima

**Diagramação:** Raissa Bambirra

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins SBIB)**

---

R696m Rodrigues, Francisca Lopes

Memórias da infância: O brincar e outros afazeres infantis. / Francisca Lopes Rodrigues. – Palmas, TO: EdUFT, 2024.

181p.

Portal de Livros da Editora vinculada à Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-

Graduação (Propesq/UFT), a Editora da Universidade Federal do Tocantins (EdUFT).

ISBN: 978-65-5390-076-9.

1. Educação. 2. Infância. I. Título.

CDD 370

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizada desde que citada a fonte.

## Prefácio

Oh! que saudades que tenho  
Da aurora da minha vida,  
Da minha infância querida  
Que os anos não trazem mais!  
Que amor, que sonhos, que flores,  
Naquelas tardes fagueiras  
À sombra das bananeiras,  
Debaixo dos laranjais!

[...]

Cassimiro de Abreu (1858)

As memórias da infância talvez sejam as lembranças mais bem-sucedidas na vida de qualquer pessoa, pois elas perduram, norteiam e solidificam a personalidade que se assumirá na vida adulta. O que uma pessoa viveu na infância, de forma positiva ou negativa, vai determinar a sua compreensão de si mesma e o seu posicionamento junto à sociedade. Por isso é importante a atenção à fase inicial da vida, para que as experiências vivenciadas pelas crianças as conduzam às aprendizagens que as tornem pessoas felizes, solidárias e éticas, que as levem a assumir posturas cidadãs, comprometidas com a preservação e construção de um mundo melhor e incluyente.

Neste mundo desigual, o que tem predominado é a divisão, e neste apartheid as crianças também vão convivendo com a diferença que, de um lado, dá a algumas acesso à educação de qualidade, uma rica alimentação, moradias dignas, meios de comunicação, oportunidade de conhecer lugares, comprar brinquedos, obter melhores cuidados, e até o direito à paternidade. Do outro lado, muitas crianças não têm a oportunidade de frequentar uma escola, de ter brinquedos, vestimentas, alimentação, moradia, cuidados com a saúde e famílias estruturadas. São crianças que estão à margem, sofrem violência de variadas formas, convivem com a pobreza, e muitas vivem sem famílias, sem educação e acolhimento.

De fato, nem todas as crianças podem viver a sua infância! Nem

todas puderam viver naturalmente esse período que é envolto na não responsabilidade e no brincar! Quando escrevi meu trabalho de doutoramento, sobre as representações da infância feitas pelo cinema, a tese que defendi foi a de que

A infância pertence a um mundo de coisas fantásticas, e que as crianças, enquanto portadoras do status do *in-fans*, possuem as condições naturais para habitar nele, mas nem sempre e nem todas podem adentrá-lo, pois muitas intempéries da realidade as desviam do caminho e as fazem encarar o mundo real das coisas, desde cedo. (LOPES, 2012, p. 27).

Infelizmente, para muitas crianças o período da infância foi um período frustrante e doloroso e, por isso, não gostariam de trazê-lo à memória; gostariam de esquecê-lo, pois desejam fugir das sombras que acompanham essa etapa da vida. Mas, apesar dessas diferenças, existe algo que é maior do que as situações vivenciadas, algo que iguala todas as crianças: o apelo ao brincar, a capacidade de distração, de jogar, de sonhar e representar.

Sim! As crianças brincam! Mesmo que seja de faz de conta, representando os papéis que sonham em assumir um dia, mesmo que seja repetindo, revivendo os próprios papéis desempenhados na vida real. E essa capacidade de brincar faz com que apreendam o seu mundo e aprendam a suavizar as mais diversas situações vivenciadas na família, na educação escolar, nas ruas, nas exigências das religiões, e até mesmo em situações de trabalhos precoce.

O romancista Frank McCourt, em seu livro de memórias “As cinzas de Ângela” (1996), o qual também virou filme com o mesmo título, lançado em 1999, conta a história de sua infância pobre até à adolescência vivida na Irlanda. Uma de suas frases marcantes é a seguinte:

Quando olho para trás e vejo a minha infância, pergunto-me como consegui sobreviver. Obviamente, foi uma infância miserável: a infância feliz geralmente é sem graça. Pior do que a infância miserável comum é a infância miserável irlandesa, e pior ainda é a infância miserável irlandesa católica.

No romance, assim como no filme, o que se vê são os percursos de todas as fases da infância de um menino pobre, com um pai beerrão, com muitos irmãos, sem ter o que vestir e o que calçar, estu-

dando em uma escola conservadora e tendo que assumir o papel de filho mais velho, às vezes, até o papel do pai ausente. Tudo isso levou o menino a trabalhar desde cedo e a alimentar o sonho de retornar à sua terra natal, de onde saiu aos quatro anos de idade. Esse desejo fortalecia as suas ações e o alimentou até que conseguiu realizá-lo, mesmo que, para isso, tivesse que tomar decisões incondizentes com a formação cristã que recebia em casa e na escola.

A história da infância do menino Frank McCourt não é diferente da história de muitos dos autores que compõem este livro; que abriram os baús de suas memórias e deixaram fluir as suas histórias. São histórias de alegrias e de tristezas; de brincadeiras e de aprendizados; de conquistas e de frustrações; histórias de uma vida fácil ou difícil, que se realizaram com outras pessoas ou na solidão. Mas são, sobretudo, histórias de saudades de um tempo que não volta mais.

Para alguns autores não foi fácil escrever suas memórias, mesmo as memórias do brincar, pois as lembranças envolviam fortes e diversos sentimentos. Mas escreveram porque sentiram a importância de reviver e reavivar as lembranças do tempo mais preciso: o tempo de vida em construção. Escreveram porque sentiram que fazer transbordar certas lembranças seria, ao mesmo tempo, um reencontro consigo mesmo e a oportunidade de superação de saudades.

Para mim, o trabalho de organização deste livro foi cansativo, mas extremamente gratificante e emocionante, pois envolveu o acompanhamento e a feitura dos escritos de cada um e cada uma, sobretudo para conversar, tirar dúvidas e incentivar! Nesse processo, muitas vezes sorri e chorei sozinha ao ler as histórias! E noutras vezes me identifiquei com algumas delas.

Assim, quero parabenizar as autoras e os autores desses escritos, inclusive aqueles que não constituíram capítulos neste volume. Obrigada por compartilharem comigo as suas memórias!

Com carinho,  
Professora France  
Tocantinópolis-TO, maio de 2023



## Referências:

LOPES, Francisca Rodrigues. *Representações da Infância no cinema: Ficção e Realidade*. Tese de Doutorado. PUC-SP, 2012.

McCOURT, Frank. *As cinzas de Ângela*. Trad. Lídia Cavalcante-Luther. São Paulo: Presença, 2002.

## APRESENTAÇÃO

Este livro surgiu a partir das disciplinas História da Infância e Ludicidade e Educação que fazem parte do currículo do curso de Pedagogia do Campus de Tocantinópolis. Logo no início das aulas propus aos alunos que, na medida em que as discussões avançassem, fossem registrando as suas lembranças da infância. A intenção era a de que, no final do semestre, esses registros fossem transformados em ensaios, artigos ou documentários. Porém, quando nos deparamos com o edital para publicação de E-book pela editora da UFT, consideramos que seria uma grande oportunidade de compartilharmos esses ensaios.

A disciplina “História da infância” traz em sua ementa reflexões acerca das concepções da infância na história; a construção social e histórica da infância; a infância na família e na sociedade; a crianças como sujeito histórico e social; as concepções pedagógicas sobre a infância; políticas públicas para a infância; práticas de educação infantil e a infância na era digital. Diante disso, sugeri à turma que registrasse as suas memórias considerando seus lugares de nascença, as famílias, as escolas, as mudanças e tudo mais que envolve a vida de uma criança.

Para a turma de Ludicidade e Educação a sugestão foi a de que escrevessem sobre as brincadeiras que marcaram as suas infâncias, ressaltando tanto os fatos positivos quanto os negativos, já que a ementa da disciplina enfatiza o papel da ludicidade na construção da identidade e autonomia da criança; a função simbólica do brincar e a autoestima. Traz também discussões que levam à necessária distinção entre jogo, brinquedo e brincadeira e a importância destes no desenvolvimento da aprendizagem infantil, além de propor a realização de um levantamento das brincadeiras da região.

Na medida que os registros foram sendo compartilhados, fomos vendo a riqueza daqueles registros e o quanto era bom escrever sobre si mesmo. Para muitos era como fazer uma catarse da fase da infância, o que ajudava a entender e a superar alguns traumas.

Dessa forma, este livro está dividido em duas partes: a primeira, “*Memórias e histórias de Infâncias*”, é composta pelos escritos da turma de História da Infância. São quinze ensaios que trazem os mais varia-

dos assuntos vivenciados no tempo em que eram crianças.

O *Alex Padilha* escreveu sobre as saudades que sente de seu chão, um assentamento, local onde aprendeu, cresceu e se tornou independente; A *Ana Paula* Moreira demonstrou o quanto estão vívidas as suas memórias da infância e relembra as brincadeiras que brincava na casa de sua avó; *Edinelma Alves*, em seu ensaio, traz principalmente as lembranças e imagens de seu povoado e como essas lembranças têm uma grande importância em sua vida; *Francinalva da Silva* Moraes, expôs as lembranças de uma infância muito feliz mesmo morando na roça, mas todas as coisas como escola, brincadeiras, trabalho e a igreja só lhe deixaram boas recordações; *Jucilania Sousa Silva*, buscou nas imagens todas as belezas de lugar de origem, a escola, a família, os banhos nos ribeirões e outras tantas brincadeiras que marcaram a sua infância.

*Lidiane Krukwane Xerente* nos presenteia contando a sua vida de menina indígena morando na aldeia, fala de seus estudos, da relação familiar, da alimentação e também dos brinquedos e brincadeiras; *Mara Janiely Fernandes* fala de lembranças e de saudades, apesar de ter vivido uma infância feliz e rodeada de seus familiares; *Maria Alzerina*, nos faz transbordar os olhos com as imagens dos lugares de sua infância que ela denomina de infância roubada; *Maria Victória Lima* expõe sobre as aprendizagens que a fase da infância lhe proporcionou, das mudanças com a família e da vivência junto a sua avó; *Milena Matos Fernandes* descreve suas memórias e as saudades que sente do seu tempo de infância em que fora muito feliz.

*Pedro Lucas*, em suas memórias, lembra de como a sua infância foi marcada por encontros e saudades em suas idas e vindas com a família; *Raquel Cassiano* fala das suas mais belas lembranças, as lembranças de quando era uma criança que brincava nas águas do rio Tocantins, que ia para a roça e que se divertia com tudo isso; *Sabrina Sousa* diz que escrever as suas memórias trouxe-lhe imagens vivas e também nostalgias, mas ressalta com apreço as lembranças de suas amadas bonecas; *Thaylanne Macedo* destaca, em seu ensaio, momentos lindos que viveu na infância, sobretudo aqueles relacionados com seu doce e memorável lugar de nascença, lugar que ela considera que teve uma boa infância e *Vanimarcia Almeida*, revisitando o seu passado, trouxe à memória lembranças de um tempo feliz: o tempo da infância com tudo que a permeia, e considera que tais recordações jamais

devem ser esquecidas.

A segunda parte "*Memórias e histórias do brincar*" é composta por sete ensaios da turma de Ludicidade e Educação, nos quais as autoras dão ênfase às suas brincadeiras da infância, como pode-se observar pelos temas pautados em seus ensaios.

*Andressa da Silva* expõe as lembranças das brincadeiras de sua infância e estas lembranças são expressas não só por palavras, mas por desenho feito à mão que traduzes uma de suas habilidades desenvolvidas desde a infância; *Camila Cristina* preferiu ressaltar, em seu ensaio, as vivências do brincar que se tornaram momentos inesquecíveis da infância e, com isso, mostra como cada experiência a ajudaram a se relacionar com as outras crianças; *Gabriela Batista* demonstra um grande carinho pelas suas memórias da infância, pela consciência que esta é uma etapa da vida que jamais voltará; *Iala Pereira*, em seu texto, busca (re)construir os significados de acontecimentos de sua infância a partir das brincadeiras que realizava e dos brinquedos que tinha. Ressalta ainda as brincadeiras que foram frustrantes em sua infância.

*Ingedy Chaves* relembra as origens do brincar e considera que são lembranças que ficaram para sempre em sua memória e inseriram grandes significantes em sua infância; *Janessa Carvalho* rememora imagens e passagens de sua infância e expressa isso não só com palavras, mas, também, com imagens significativas que representam as diversas formas de brincar e *Jayne Miranda* compartilha conosco em seu ensaio sobre as recordações que tem das brincadeiras que marcaram a sua vida e acrescenta que, sem dúvidas, as atividades lúdicas a fizeram superar dificuldades e fazer muitas amizades.

É importante destacar que o exercício da escrita não é fácil, e não foi fácil para as autoras e os autores que compuseram este livro, porém cada história aqui descrita é por demais encantadora. A leitura de cada ensaio leva-nos a encontrar a nossa própria infância.

## SUMÁRIO

1. SAUDADES DO MEU PEDAÇO DE CHÃO.....	20
INTRODUÇÃO:.....	20
1. Mudança da cidade para o campo.....	20
2. Mudança de escola.....	22
3. Despedida da infância.....	23
CONCLUSÃO.....	24
2. VÍVIDAS MEMÓRIAS DOS TEMPOS DE MINHA INFÂNCIA...24	
INTRODUÇÃO:.....	24
1. Meus primeiros espaços.....	25
2. Brincando de escolinha.....	26
3. Faz de conta que é uma casinha na árvore.....	26
4. Quintal da minha avó.....	27
5. Um dia esquecido.....	27
CONCLUSÃO:.....	29
3. MEMÓRIAS DA MINHA INFÂNCIA: UM POUCO DA HISTÓRIA DO MEU POVOADO.....30	
INTRODUÇÃO.....	30
1. Lembranças da minha Casa:.....	31
2. Lembranças do meu Município.....	31
3. Lembrança das Férias.....	33
4. Lembranças das Brincadeiras.....	35
CONCLUSÃO.....	36
REFERÊNCIAS:.....	36
4. aS LEMBRANÇAS DE UM TEMPO BOM.....	37
INTRODUÇÃO.....	37
1. Minha vida em família.....	37

2. Uma Lembrança.....	38
3. Minha primeira escola.....	39
4. As brincadeiras da infância.....	39
CONCLUSÃO.....	41
5. a MINHA INFÂNCIA E AS MEMÓRIAS DO MEU LUGAR PARTICULAR, MINHA TERRINHA NATAL.....	41
INTRODUÇÃO: .....	41
1. A escolinha .....	43
2. Grandes aventuras.....	44
3. Brincadeiras e Brinquedos.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS: .....	48
6. LEMBRANÇAS DE MINHA INFÂNCIA NA ALDEIA .....	49
INTRODUÇÃO .....	49
1. A vida de estudos.....	51
2. O sonho de brinquedos .....	53
3. As fontes de vida e esperança.....	54
CONCLUSÃO.....	56
7. SAUDOSAS LEMBRANÇAS.....	57
INTRODUÇÃO .....	57
1. Lar, doce Lar.....	57
2. As brincadeiras .....	59
3. A Escola.....	60
4. Julho.....	61

CONCLUSÃO.....	63
REFERÊNCIAS:.....	63
8. UMA INFÂNCIA ROUBADA .....	64
INTRODUÇÃO .....	64
1. Lembranças da nossa primeira conquista.....	65
2. Meus primeiros anos de escola .....	67
3. O início do sofrimento.....	69
4. O dia em que me sentir livre como um pássaro.....	69
5. O juramento dos meus pais .....	71
6. As brincadeiras preferidas.....	71
7. As lembranças que me emociona.....	73
CONCLUSÃO.....	74
9. MINHA INFÂNCIA: LEMBRANÇAS AFETIVAS E APRENDIZADOS PARA A VIDA .....	75
INTRODUÇÃO:.....	75
CONCLUSÃO:.....	81
BIBLIOGRAFIA:.....	82
10. MEMÓRIAS E SAUDADES DE UMA INFÂNCIA FELIZ.....	82
INTRODUÇÃO .....	82
1. Memórias marcantes .....	83
2. Brinquedos.....	87
CONCLUSÃO.....	88
11. MEMÓRIAS DE UMA INFÂNCIA MARCADA POR ENCONTROS E SAUDADES.....	89
INTRODUÇÃO .....	89
1. A Semana da viagem.....	90
2. Encontros.....	91

3. A Casa do meu Avô.....	92
4. A casa do meu Avô: o lugar ideal para uma criança brincar..	93
5. Despedidas.....	95
CONCLUSÃO.....	96
REFERÊNCIA:.....	96
12. A CRIANÇA DAS ÁGUAS DO TOCANTINS.....	97
INTRODUÇÃO.....	97
1. A primeira casa.....	97
2. A mudança.....	98
3. As brincadeiras.....	99
4. Diversões na chácara da família.....	99
5. Histórias assustadoras.....	100
CONCLUSÃO.....	101
13. MINHAS AMADAS BONECAS.....	101
INTRODUÇÃO.....	101
1. As lembranças de uma doce infância.....	102
CONCLUSÃO.....	106
REFERÊNCIAS.....	106
14. MEU DOCE MEMORÁVEL LUGAR.....	107
INTRODUÇÃO.....	107
1. Relatos do meu nascimento.....	107
2. Minha primeira Escola.....	108
3. A minha Casa.....	108
4. As melhores Brincadeiras.....	109
5. Meios de Transportes e criações.....	110
6. Lembranças Felizes e Triste.....	111



15. RELATOS SOBRE MINHA INFÂNCIA .....	112
INTRODUÇÃO .....	112
1. Brinquedos e brincadeiras.....	112
2. Jogos que costumava jogar na infância.....	114
3.Os brinquedos que marcaram na minha infância.....	114
CONCLUSÃO.....	114
16. REVISITANDO O PASSADO: TRAZENDO À MEMÓRIA O QUE O TEMPO NÃO APAGOU .....	115
INTRODUÇÃO .....	115
1. Memórias do ingresso na escola, o jardim da infância.....	115
2. Meu ensino fundamental.....	116
3. Eu, minhas amigas e nossas brincadeiras .....	117
CONCLUSÃO.....	119
REFERÊNCIAS.....	119
1. LEMBRANÇAS DAS BRINCADEIRAS DA MINHA INFÂNCIA	120
INTRODUÇÃO .....	120
1. Brincadeiras que marcaram a minha Infância.....	121
2. Uma brincadeira que marcou meu tempo de Escola.....	124
3. Uma brincadeira que foi frustrante na infância.....	125
CONCLUSÃO.....	127
REFERÊNCIAS .....	127
2. MINHAS VIVÊNCIAS: MOMENTOS INESQUECÍVEIS NA MI- NHA INFÂNCIA .....	128
INTRODUÇÃO .....	128
1. Brincadeiras da minha infância.....	130
2.Brincadeiras que marcaram o período escolar.....	132
3.Brincadeira que foi frustrante na Infância.....	133

4. Brinquedo que marcou a minha infância.....	135
CONCLUSÃO.....	136
3. MEMÓRIAS DE UMA INFÂNCIA QUE JAMAIS VOLTARÁ.....	138
INTRODUÇÃO:.....	138
1. Brincadeira no âmbito familiar que marcou minha infância;	140
2. Brincadeira que marcou durante a infância no ambiente escolar.....	141
3. Brincadeira que marcou minha infância negativamente.....	142
CONCLUSÃO.....	143
REFERÊNCIAS:.....	143
4. (RE)CONSTRUINDO SIGNIFICADOS A PARTIR DAS BRINCADEIRAS DA MINHA INFÂNCIA.....	145
INTRODUÇÃO.....	145
1. Brincadeiras da minha infância.....	149
2- Brincadeira que me marcou no período escolar.....	150
3- Brincadeira que foi frustrante na minha infância.....	151
CONCLUSÃO.....	152
REFERÊNCIAS.....	152
5. (RE)LEMBRANDO AS ORIGENS DO BRINCAR: MEMÓRIAS SIGNIFICANTES DA MINHA INFÂNCIA.....	153
INTRODUÇÃO:.....	153
1. As brincadeiras da minha infância.....	156
2. Brincadeiras da infância no âmbito escolar.....	158
3. Brincadeira Frustrantes.....	159

CONCLUSÃO: .....	160
REFERÊNCIAS: .....	161
6. REMEMORANDO MINHA INFÂNCIA.....	162
Janessa Carvalho Vieira.....	162
INTRODUÇÃO .....	162
1. As Brincadeiras que marcaram a minha Infância.....	163
2. Lembrança de uma brincadeira no contexto escolar. ....	165
3. Brincadeiras frustrantes da minha infância. ....	166
CONCLUSÃO .....	167
REFERÊNCIAS.....	169
7. RECORDAÇÕES LÚDICAS: AS BRINCADEIRAS QUE MARCA- RAM MINHA VIDA.....	170
INTRODUÇÃO: .....	170
1. A infância.....	172
2.Brincadeiras que marcaram a infância: .....	174
3. Brincadeira em contexto escolar.....	175
4.Brincadeira que marcaram de forma negativa .....	176
CONCLUSÃO:.....	177
REFERÊNCIAS .....	178
PALAVRAS FINAIS .....	179
Dados da autora .....	180
Francisca Rodrigues Lopes.....	180

# PARTE I

## MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE INFÂNCIAS

### 1. SAUDADES DO MEU PEDAÇO DE CHÃO

Alex Oliveira Padilha

#### INTRODUÇÃO:

A infância é vista como a melhor fase da vida de uma pessoa. Neste texto venho contar um pouco de minha infância, trazendo como foco especial o lugar onde morei e tive muitas experiências, cujas lembranças trago comigo e sinto muitas saudades até os dias de hoje.

A infância foi a fase em que aprendi muito e pude adquirir experiências inesquecíveis, sem deixar de lembrar que conheci pessoas das quais guardo boas lembranças. A minha motivação para a elaboração deste texto surgiu na disciplina de História da Infância, onde abordamos discussões que me fizeram rememorar muitos aspectos que vivi na infância. Meu maior objetivo com este texto é trazer algumas lembranças que permanecem em minha memória sobre a minha infância, relembando os momentos mais marcantes que já vivi.

O texto está organizado da seguinte forma: inicialmente apresento como foi essa parte de minha infância; em seguida falo de como era minha forma de trabalho, brincadeiras, escola, etc; e finalizo falando sobre as coisas que mais me marcaram nesse curto período chamado Infância.

#### 1. Mudança da cidade para o campo

Tudo começou no ano de 2007, tinha apenas doze anos de idade e morava com minha família em Porto Franco-MA, a minha cidade natal. Lembro-me, como se fosse hoje, que havia acabado de ganhar

um novo irmão, e estava curtindo bastante. Porém, meu pai era integrante de um projeto de assentamento já legalizado, e foi aí que minha vida mudou da noite para o dia.

Então tive que me mudar para esse assentamento, pois meu pai, como tinha que manter a renda familiar, teve que ficar na cidade para trabalhar. Na época, ele trabalhava como mototáxi. Fui então para esse assentamento e fiquei morando sozinho lá por volta de uns 2 a 3 meses, até que eles se mudassem de lá.

Como eu falei, tinha apenas 12 anos, não sabia cozinhar, não sabia fazer quase nada, apenas o que minha mãe me ensinava. Mas, nesse período, tive que aprender a fazer minha própria comida, e me virava como podia. Também tinha que cuidar de animais, como os "porcos".

No começo, não gostava muito de lá. Porém, fui conhecendo algumas pessoas e me aproximando delas. E assim criei laços de amizades que duram até hoje. Nós costumávamos pescar, brincávamos na frente das casas, íamos quase todos os dias para a sede da fazenda para dormir. Lá, jogávamos dominó, baralho, e tudo era uma maravilha. Aos finais de tarde, tomávamos banho no rio, pois não tinha banheiro, chuveiro, água encanada. A maioria dos afazeres possuíam relação direta com o rio, como lavar roupas, coleta de água para cozinhar. Esse rio também era o nosso meio de diversão.



Foto: Ribeirão Água Boa no Assentamento São Raimundo



Fonte: Arquivo Pessoal

## 2. Mudança de escola

Com relação ao estudo, eu tinha que ir para a cidade todos os dias para poder estudar. Fazia uma caminhada de 7 km, muitas vezes a pé, outras vezes de bicicleta, até que a prefeitura colocou um carro, chamado “pau de Arara”, para que nos levasse até a beira da estrada para assim conseguirmos pegar o ônibus e chegarmos até a cidade de Porto Franco, que ficava a 27 km de distância.

Como o assentamento já estava legalizado, logo a prefeitura providenciou uma escola na sede da fazenda, escola essa que era toda improvisada e estava em situação bem precária. Havia também poucos professores. Os poucos professores muitas vezes faltavam por motivos de saúde, imprevistos familiares ou coisas do tipo. E como nós já estávamos na oitava série, quando esses professores faltavam, tínhamos que dar aula para os alunos das séries inferiores. Isso era legal. Apesar de ficarmos sobrecarregados, era satisfatório, e dava para superar. As imagens a seguir mostram o lugar onde a escola estava localizada.

Foto: Escola Municipal São Raimundo no Assentamento São Raimundo



Fonte: Arquivo Pessoal

### 3. Despedida da infância

Minha família logo mudou para o assentamento, meu pai muito sistemático e exigente sempre brigava, sempre tinha alguma punição para qualquer coisa que eu fizesse, então eu já tinha vivido aquele período sozinho, já não aguentava mais e assim resolvi morar sozinho, conversei com alguns familiares para poder tomar essa decisão, foi complicado no começo tive que conversar com várias pessoas do conselho tutelar, porém consegui alugar uma kitnet e lá estava eu morando sozinho na minha cidade natal, Porto Franco-MA.

Logo comecei a estudar no ensino médio aos 14 anos e assim fui levando minha vida, precocemente entrei na responsabilidade de ter uma casa, me manter, comprar minha comida, pagar aluguel, roupas etc.; logo comecei a trabalhar para ganhar dinheiro para sobreviver aos 14 anos de idade.

## CONCLUSÃO

Porém trago com muito orgulho todas essas experiências, todas essas coisas que vivi e pessoas que conheci, o que deixo como exemplo é a minha força de vontade perseverança, pois lutei muito, batalhei muito para ter tudo o que eu tenho hoje, para ser a pessoa que sou hoje, tenho minha casa própria, meu meio de transporte, sou universitário e ainda continuo batalhando por melhorias e mais melhorou, peço a vocês que não interrompam e não deixem que nenhuma criança ao seu redor deixe de viver a sua infância, pois é muito ruim, é muito triste lembrar de uma infância que às vezes a pessoa não teve ou até pensar nossa eu poderia ter feito isso e não ter conseguido fazer.

## 2. VÍVIDAS MEMÓRIAS DOS TEMPOS DE MINHA INFÂNCIA

Ana Paula Moreira de Souza Brito

### INTRODUÇÃO:

A história, por meio de ações humanas, como brincadeiras tradicionais, pode resgatar e fazer compreender a nossa própria história como sujeitos e construtores dela. Nesse sentido, o presente texto despertou-me a importância de rememorar os acontecimentos que se tornaram significativos de minha infância.

Nessa perspectiva, as diversas e distintas histórias da infância pelo mundo trazem a necessidade de captar e tornar alguns momentos únicos em nossa vida, fazendo parte de quem somos. Portanto, este ensaio está dividido em cinco subtítulos que descrevem momentos diferentes dessa fase. E em cada um deles apresenta variadas brincadeiras, salientando instantes de adaptação aos primeiros espaços ou mudanças, dias de divertimentos e lugares que me trazem afetividade, além de surpresas.

Isto posto, o objetivo é instigar e expressar a importância de relembrar e valorizar as nossas antigas memórias, o que ocorre no desenrolar desta leitura. Com isso, é possível questionar a forma como



as histórias vivenciadas impactam em nossas vidas.

## 1. Meus primeiros espaços

Quarta-feira do dia 19 de maio de 2004, exatamente às 11 horas da manhã, no hospital municipal de Tocantinópolis-TO, eu vim ao mundo. Minha mãe, sentindo muita dor e sono, visto que não conseguia dormir há três dias, e ao mesmo tempo estava muito grata e entusiasmada para a chegada de sua primeira filha. Quando nasci, fomos para a casa de minha avó, que sempre cuida tão bem de nós, e lá ficamos para os devidos cuidados pós-parto.

Com relação a meu nome, um fato peculiar agitou a história, pelo motivo de o meu pai, ao ir fazer o registro civil, trocar o nome que minha mãe havia escolhido por outro de sua própria escolha. Minha mãe escolheu para mim o nome de Emilly, e inclusive já tinha preparado todo o enxoval e bordado este nome. Quando descobriu que meu pai tinha colocado outro nome, ela ficou enfurecida, e que confusão! Com tudo isso, ela passou mal no seu resguardo, mas se acalmou e deixou por isso mesmo.

Em relação à minha cidade, não havia empresas próximas. A BRK de atualmente era a antiga Saneatins. E ainda não havia Caixa Econômica Federal na zona urbana. Morei dois anos nesta minha cidade natal, da qual não possuo muitas recordações. Logo depois, nos mudamos para Araguatins, porque meu pai tinha conseguido emprego na empresa de transportes aquáticos (PIPES). E foi nessa cidade que cresci, construindo vários momentos marcantes de minha infância, principalmente depois que minha irmã mais nova nasceu.

A primeira casa onde moramos ficava pertinho da casa de minha avó paterna, que servia como local de referência para juntar as crianças vizinhas e os primos para passatempos. Minha casa era bem pequena e construída de madeira. O piso era de cera vermelha, o quintal separado por uma cerca de arame, e ao redor havia muitas árvores que davam frutos, sob as quais eu e minha irmã brincávamos bastante. Até um pé de cupuaçu virava uma casinha na brincadeira. Lembro que havia um galho no pé de cupuaçu que nós puxávamos, parecendo que abria uma porta, apesar de nos causar coceiras quando ficávamos lá embaixo; mas insistimos em brincar ali.

## 2. Brincando de escolinha.

Quando criança, a ação de brincar estava no meu dia a dia e diversão era o que não faltava. Em casa só havia eu e minha irmã mais nova, e o que eu mais gostava era de brincar de escolinha. Nessa época morávamos em outro bairro, e a casa que meu pai construiu era bem maior, possuía uma sala espaçosa e na parede havia um quadro negro. Minha irmã e eu aproveitávamos para ir à casa dos vizinhos convidar outras crianças, para que elas também participassem das brincadeiras.

Como era alegre as tardes assim! Às vezes, eu era a professora e em outros momentos era a aluna. Nessas brincadeiras, passávamos atividades, desenhos, continhas de matemática, português; enfim, havia um pouco de cada matéria. Até mesmo provas a gente fazia, o que era abraçado, pois parecia uma escola de verdade. Fazíamos intervalo e até lanches. Durante as aulas, quem quisesse, poderia passar um pouco de seus conhecimentos para as demais crianças.

## 3. Faz de conta que é uma casinha na árvore.

Em um dia ensolarado, duas amigas foram me visitar, e juntas decidimos brincar de casinha no pé de manga que havia no quintal. Nessa brincadeira, uma pegava a cadeira, que era bem pequena, específica para crianças, e depois a pendurávamos entre os galhos para sentar. Outra levava panelinhas e a comida da brincadeira, que, evidentemente, era feita da fruta da própria mangueira.

Nessas estripulias, resolvemos experimentar colocar tempero arisco, ou somente sal, para saborearmos com a fruta. No entanto, isso não era algo para ser visto pelos adultos, já que eles não permitiam. E, como sabemos, quando se diz para uma criança não fazer algo, provavelmente ela vai querer descobrir, fazer, pois o nível de curiosidade sempre aumenta.

E na teimosia da criançada fui a escolhida para buscar o que faltava. Então fui levando a faca pequena, de serra, que guardava escondida na roupa e, ao subir na árvore, a ponta do objeto machucou minha pele. Mas, por sorte, nada grave. Entretanto, isso não serviu de motivo para parar, tornando-se mais um dia inquieto e travesso, pois mesmo com alguns machucados não interrompemos a diversão. Havia, assim, crianças dispostas para mais ideias mirabolantes, para ale-

grassem ainda mais aquele momento.

#### 4. Quintal da minha avó

A casa de minha avó era a minha segunda casa, à qual ia quase todos os dias. Lembro-me a alegria de reunir a família em uma roda na frente da casa, ao anoitecer, para conversarmos e contarmos histórias hilárias. No decorrer da noite, eu, meus primos e as crianças vizinhas, corríamos para a rua para jogar queimada ou brincar de esconde-esconde.

Durante o dia, costumava passar as tardes quentes no amplo quintal, sentindo a brisa que pairava no ar, vinda das muitas árvores que havia ali, como: caju; cajuí; tamarindo; manga; azeitona roxa; carambola; e mamão. Na casa de minha avó havia várias espécies de plantas. No quintal, reuníamos as crianças vizinhas para uma tarde de divertimento, e brincávamos de faz de conta de restaurante, jogo do taco, amarelinha, pega-pega, de pular elástico e pular corda.

Segundo o poeta brasileiro Manoel de Barros (2015), “acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas”. Em outras palavras, esse espaço tornou-se íntimo para mim, um lugar de afetividade e nostálgico, fazendo reviver boas memórias.

Outrossim, minha prima e eu gostávamos de subir bem no alto do pé de azeitona roxa, para passarmos horas conversando, comendo as frutas e aproveitando para encher a sacola delas. Quase sempre eu saía de lá com um ralado. Enfim, era um lugar muito frequentado pela família, devido as sombras das árvores e o frio da noite, onde de vez em quando festividades aconteciam.

Infelizmente, mudanças ocorreram naquele espaço, as árvores foram cortadas, o quintal foi separado por um muro, e a vizinha não mora mais lá. Junto com isso vem um adeus à infância, veio a distância, um sentimento de saudade de viver novamente naquele lugar.

#### 5. Um dia esquecido

No mês de maio, minha família e eu visitamos a minha tia na sua terra, que era distante da cidade. Passamos alguns dias por lá e

sempre que eu ia me divertia bastante, enquanto os adultos faziam pamonhas, mingau de milho, milho cozido ou comíamos jaca. No dia seguinte, eu e outras crianças fomos passear pela roça, andamos a cavalo e colhemos amoras, goiabas e azeitonas roxas. Recordo-me de subir na goiabeira e ficar conversando assuntos aleatórios com minha amiga de infância. Por incrível que pareça, eu não lembrava que aquele não era um dia qualquer. Ela me dizia de forma indireta que algo poderia acontecer, mas não entendia. E até hoje relembro com graça e entusiasmo como não percebi.

E foi chegando a tarde, e nossas mães nos aprontaram e nos arrumaram com vestidos e enfeites no cabelo, bem como inventaram que iríamos a uma festa em determinado lugar, com o intuito de não trazer desconfiança da minha parte, devido toda aquela arrumação. Já dando a hora de sair, eu fui passando pela área da casa e me deparei com pessoas aplaudindo e cantando parabéns. Naquele momento fui surpreendida, pois não imaginava que o bolo que minha tia pôs no forno para assar era para aquela ocasião, e sim para levarmos para a festa que elas tinham comentando ser em uma certa igreja.

Certamente aquele dia ficou marcado na minha memória, quando completei nove anos de vida. E melhor ainda foi estar com pessoas muito especiais para mim. O mais intrigante foi o modo que sucedeu aquela data, em que não vinha à minha mente que eu estivesse aniversariando. Foi ao mesmo tempo hilário e cabuloso. Contudo, foi de fato um dia inesperado e maravilhoso.

Fotografia do meu aniversário de 9 anos



Fonte: Arquivo pessoal

## CONCLUSÃO:

Assim, conforme destacado nas brincadeiras de minha infância, e no decorrer de cada momento vivenciado, percebe-se o quanto é importante o ato de brincar, visto que não é só a questão de divertimento, mas porque auxilia no nosso desenvolvimento para a criatividade, aprendizagem e socialização no meio que estamos inseridos.

Segundo a professora da linha de educação e comunicação, Monica Fantin,

***Resgatar a história de jogos tradicionais infantis como a expressão da história e da cultura, pode nos mostrar estilos de vida, maneiras de pensar, sentir e falar e, sobretudo, maneiras de brincar e interagir. Configurando-se em presença viva de um passado no presente. (FANTIN, 2000, p. 22 Apud YALA et al, 2021).***

Sendo assim, socializei aqui aspectos importantes de algumas brincadeiras, com foco nas histórias, tão importantes para mim, o que evidencia o quanto essas brincadeiras modificaram ou foram reduzidas na nova geração, devido principalmente às novas tecnologias. Por isso tudo, elas trazem sentido e vivacidade da minha puerícia, pois percebo que sem o brincar tudo isso se tornaria incompleto.

## REFERÊNCIAS:

BARROS, Manoel de. *Meu quintal é maior do que o mundo*. Rio de Janeiro: objetiva, 2015. 124 p. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7232716/mod\\_resource/content/1/manoel-de-barros-meu-quintal-e-maior-que-o-mundo-pdf.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7232716/mod_resource/content/1/manoel-de-barros-meu-quintal-e-maior-que-o-mundo-pdf.pdf). Acesso em: 09 maio. 2023

<https://pibid.ufms.br/o-resgate-das-brincadeiras-tradicionais-no-ambiente-escolar-2/>

### 3. MEMÓRIAS DA MINHA INFÂNCIA: UM POUCO DA HISTÓRIA DO MEU POVOADO

Edinelma Alves de S. Resplandes

#### INTRODUÇÃO

A infância é um período maravilhoso, e Jean-Paul Richter, citado por Heywood (2004, p. 42), já dizia que as crianças eram “mensageiros do paraíso”, e que uma única criança na terra nos parecia uma criatura estranha, angelical e sobrenatural.

A minha infância foi assim, cheia de coisas interessantes. Lembro que morava em um povoado chamado Piaçava, de onde muitos momentos felizes ficaram marcados em minha memória. No período de chuva, quando alagava toda a minha rua, e a água chegava até o quintal da minha casa, eu ficava esperando a chuva passar para depois ir brincar com minhas colegas dentro das poças de água.

Neste texto, descrevo como era minha casa, a minha relação com meus pais. Falo um pouco de como era meu município, as minhas férias e as brincadeiras da época em que eu era criança. E o que me fez escrever sobre a minha infância foi a disciplina História da infância, ministrada pela professora Francisca Rodrigues Lopes, conhecida como professora France. As discussões feitas nas aulas levaram-me a reviver a minha própria infância.

O objetivo deste texto é, portanto, trazer um pouco das lembranças que perduram em minha memória. Assim, lembrando como era o meu povoado, a minha primeira escola e as brincadeiras antigas. Ao voltar ao tempo e reviver o que foi muito bom, tenho a oportunidade de compartilhar importantes momentos com outras pessoas, que também as motivam a pensar as suas infâncias.

## 1. Lembranças da minha Casa:

Lembro-me da minha casa que era coberta de palha, com as paredes de barro e tinha três quartos, uma sala e uma cozinha. Não tinha energia elétrica e nem água encanada. Minha mãe era quebradeira de coco e meu pai lavrador. Lembro-me que todos acordavam bem cedo, no cantar do galo, como se diz, pois tínhamos que pegar água no ribeirão para cozinhar e beber, e tinha que ser bem cedo antes dos animais sujarem a água.

Minha mãe e meu pai saíam todos os dias bem cedo para o serviço, e eu ficava em casa com meus irmãos. Como minha mãe teve doze filhos, os mais velhos cuidavam dos mais novos. Minha mãe conta que como minha irmã mais velha era baixinha que precisava subir no fogão para poder fazer a comida, pois naquela época não tinha fogão a gás, o fogão era fabricado de barro e acendia o fogo na lenha ou no carvão.

Um outro momento da minha infância que me marcou foi o nascimento da minha irmã mais nova, pois eu dormia no quarto com minha mãe, e naquele dia 17 de julho de 1990, minha mãe trabalhou o dia todo e quando chegou a noite ela começou a sentir as dores do parto, então mandaram chamar a parteira e naquele momento me tiraram do quarto da minha mãe, e depois desse dia eu não era mais a caçula e passei a dormir no outro quarto com as minhas irmãs.

## 2. Lembranças do meu Município.

Foto: Moradias de Piaçava, em 1998.



Fonte: Cedida por Kalianna Ryan (Trabalho de Conclusão de Curso, 2014)

De acordo com a minha mãe, meu pai chegou ao povoado em 1953. E nessa época já residiam no povoado algumas famílias, e dentre elas o senhor Terêncio de Castro Ribeiro, João Terto e Benvinda Pereira da Cruz. Meu pai e minha mãe se conheceram e se casaram em 1971. Naquela época, o casal não namorava, era feito um acordo entre as famílias. Minha mãe morava em outro povoado vizinho, cujo nome era Piranha.

Na época em que minha mãe e meu pai se casaram, o coco babaçu era um dos principais meios de sobrevivência do povoado, e continuou por muito tempo sendo o principal meio econômico. Algumas pessoas ainda recorrem a esta fonte de renda. O coco babaçu fazia parte da economia local, isso porque sua semente poderia ser vendida para os comerciantes locais e também servia como alimento. De sua semente é extraído um óleo que serve para preparar comida e para fazer sabão. Além disso, da casca do coco pode-se produzir carvão.

Eu nasci em 1986, pelas mãos de uma parteira que era muito famosa na região, a Senhora Claudina, mais conhecida como Colodina. Como ela fazia a maioria dos partos, todos a chamavam de mãe, ou seja, mãe Colodina. Em 29 de setembro de 1987 foi o meu batizado. Minha mãe era católica, então escolheu meus padrinhos, e naquela época geralmente os batizados aconteciam no período do festejo, que é comemorado no período de 20 a 29 de setembro. O padroeiro é São Miguel Arcanjo, e que me batizou foi o padre Bruno Raffa.

Na minha infância eu estudei no colégio do município, Escola Municipal Domingos de Castro Ribeiro, que era a única escola que havia no povoado. Essa escola tinha três salas de aulas, 2 banheiros, 1 cantina, e 2 salas pequenas que servia para a dispensa e para a secretaria. Não havia pátio, apenas uma pequena área ao fundo, e um quintal onde brincávamos na hora do recreio. Foi lá que aprendi a ler e a escrever. Na época, a diretora da escola era a senhora Ivamar de Castro Ribeiro.

Lembro-me da minha professora da primeira série, Eva Pereira Costa, conhecida como professora Evinha. Antes de estudar a primeira série, tínhamos que passar pelo estudo do ABC e da cartilha. Uma data muito importante, comemorada na época, era a data da Independência do Brasil, em 7 de setembro. Sempre havia desfile na rua



e todas as turmas desfilavam e faziam homenagens às autoridades da época. Esse evento movimentava todo o povoado. A seguir trago algumas imagens dessas atividades.

Foto: Desfile de 7 de Setembro.



Fonte: Cedida por Kalianna Ryan (Trabalho de Conclusão de Curso, 2014).

Foto: Escola Municipal Domingos de Castro Ribeiro, 2006.



Fonte: Cedida por Kalianna Ryan (Trabalho de Conclusão de Curso, 2014).]

### 3. Lembrança das Férias

Quando chegava o mês das férias, geralmente era o mês da colheita, o meu pai levava todo mundo para roça e ficávamos lá quase o

mês todo. Nessa época, o meu pai plantava a roça em umas terras do senhor João Ribeiro. Ficava um pouco distante do povoado onde morávamos, por isso, tínhamos que nos mudar para lá durante a colheita. Lembro-me que nesse local havia um ribeirão bem grande cheio de pedras. Meus irmãos me levavam para tomar banho e eu ficava em umas poças menores, que se formavam entre as pedras, e eles falavam que era a fonte das crianças. Nesse período, minha mãe aproveitava para tirar todos os piolhos das nossas cabeças, que geralmente pegávamos no período da escola.

Um momento marcante, nesse período, e registrado em minha memória, foi quando meu irmão foi colocar abóbora para os porcos no chiqueiro e eu fui atrás. Quando ele estava cortando a abóbora com o facão, coloquei a minha mão no meio. Então o facão pegou no meu dedo e fez um grande corte. E quando olho para a cicatriz que ficou, me recordo daquele momento.

Ao chegar o dia de voltar para casa, meu pai sempre colocava a cangalha e os jacás no cavalo. E como eu era uma das mais novas, ia montada com meu irmão, e seguia quase um dia de viagem. Depois de algum tempo, meu pai conseguiu comprar umas terras no lugar conhecido como Riacho do Meio, e lá ele fez uma grande plantação de mandioca. E então fez uma casa de farinha e também uma pequena represa no ribeirão, para colocar as mandiocas de molho. A essa represa nós chamávamos de pubeiro. Quando as mandiocas ficavam mole, no ponto de sair a casca, meu pai levava todo mundo pra lá, para ajudar fazer a farinha. E havia todo um processo para isso: primeiro tirávamos a mandioca do pubeiro, depois colocávamos em uma prensa e, quando escorria toda a água, levávamos para uma coxa para peneirar e, em seguida, levávamos para o forno. E assim era fabricado a farinha de puba.

Certo dia não fui com meu pai, fiquei o final de semana com minha irmã em casa. E quando meu pai chegou à casa com os sacos de farinha, sem ninguém perceber, peguei o facão dele e fui cortar o barbante do saco para comer farinha. Mas o facão estava tão amolado que no movimento que eu fiz para abrir o saco, o facão cortou a minha testa. E quando olho para a cicatriz que ficou, lembro desse momento.

#### 4. Lembranças das Brincadeiras.

Quando eu era criança, brincava com minhas primas que moravam ao lado de minha casa. Na época, havia bastante árvores no fundo do quintal de casa. E chamávamos de matinha. Lá, fazíamos as casinhas para brincar, e os nossos brinquedos era o que a gente encontrava no lixo. Outras brincadeiras que brincava eram: esconde; pular macaco, que hoje é conhecido como amarelinha; bandeirinha estourou; jogar castanha; brincar de roda; e andar de cambotas.

Os brinquedos eram fabricados em casa, as bonecas eram de pano, as panelinhas eram feitas de barro e os carrinhos eram de latas. Lembro do primeiro relógio que meu pai fez para mim, era fabricado de palha de coco. Eu gostava de ficar olhando meus irmãos construindo gaiolas e arapucas para pegar passarinhos. Como naquela época carne era muito difícil, meus irmãos pegavam pássaros para comermos. Quando chegava a noite, eu e outras crianças íamos para casa de uma senhora chamada Rita, e ficávamos na calçada na casa dela. Ela então começava a contar histórias antigas, e quando terminava todo mundo ficava com medo de voltar para casa, pois as histórias eram de homens que se transformava em bicho, e de casas mal-assombradas. Mas, mesmo assim, no outro dia estávamos lá novamente para ouvir as histórias da Dona Rita.

Quando chovia forte, nós ficávamos esperando a chuva passar para depois irmos pegar os peixes nas poças de águas, que se formavam depois da chuva. E para pegar os peixes, nós usávamos o cofo, que era fabricado da palha do coco. E as poças de águas eram conhecidas como grotas. Quando chovia muito, os peixes subiam na água, e quando as águas baixavam, eles ficavam presos e então ficava fácil pegá-los.

Um momento que ficou marcado em minha memória, foi quando certo dia eu estava brincando no quintal de casa e, de repente, alguém gritou que tinha um cachorro doido solto. Então meu pai pegou eu e minha irmã mais nova e nos colocou em cima de um paiol de arroz, que ficava no alto, pois naquela época, como não havia vacina contra raiva, havia casos de cachorros que eram infectados pela raiva, e o cachorro ficava babando e com aparência de "loucos". Por isso se chamava de cachorro doido. Quando isso acontecia, todo mundo fechava as portas e os homens do povoado saíam à procura do cachorro

para matá-lo, pois eles falavam que se o cachorro mordesse alguém a pessoa também ficava doida.

## CONCLUSÃO

Ao reviver esses momentos, entendo que apesar das grandes dificuldades que passamos, eu tive uma infância feliz, pois naquela época não havia a tecnologia que há hoje. Vivíamos, assim, livres para correr entre as árvores, tomar banho na chuva, subir nas árvores e comer frutas tiradas na hora. Hoje, olhando para os meus filhos, presos em casa, brincando no celular e assistindo televisão, me pego a pensar que tipo de infância eu estou oferecendo para os meus filhos. E então percebo que está na hora de mostrar para os meus filhos as brincadeiras fora das telas, e ter mais um tempo para eles. E foi através da disciplina História da Infância que pude perceber o quão é importante a nossa infância.

## REFERÊNCIAS:

HEYWOOD, Colin. *Uma História da Infância: da idade média à época contemporânea no ocidente*. Artmed editora, 2004.

PEREIRA, Kalianna Ryan. *História do distrito de Piaçava (município de Nazaré-to) através da educação*. Universidade Federal do Tocantins. Trabalho de Conclusão de Curso, 2014.

## 4. AS LEMBRANÇAS DE UM TEMPO BOM

Francinalva da Silva Morais

### INTRODUÇÃO

A Infância é um período da nossa vida que temos grandes recordações, pois é nela que aprendemos várias coisas da nossa infância, como as brincadeiras, a nossa família, escola, a nossa inserção na sociedade. É nessa fase também que começamos aprender sobre valores e deveres do ser humano, respeitando os nossos pais e as pessoas mais velhas da família e da sociedade.

O Interesse em escrever sobre a minha infância, veio através da disciplina de História da infância, onde as discussões acabaram a volta a minha infância, cujas lembranças foram aparecendo com os debates das aulas.

O texto tem como objetivo trazer um pouco a memória da minha infância, onde relembro como era minha vida em família, na escola, na minha comunidade. O texto está organizado dessa forma: minha família, minha escola, minha comunidade.

#### 1. Minha vida em família.

Eu sou Francinalva da Silva Morais, filha de Edinalva da Silva Aguiar e Francisco de Assis da Silva Morais, moro no povoado Ribeirão Grande 1. Nasci no hospital São Lucas da cidade de Tocantinópolis, no dia 05 de janeiro de 1990. Minha mãe me relatou que fez todas as consultas de pré-natal, então nasci de parto normal feito pelas mãos da enfermeira Maria Raimunda. Eu era muito chorona e comecei andar antes do ano de idade, também comecei a falar muito cedo e com um ano de idade fui batizado na igreja da comunidade.

Minha casa era feita de palha e as paredes eram feitas de barro. Era típica das casas de família pobres de nossa região, era pequena e tinha duas cadeiras de couro de vaca, uma bilheira na cozinha com um pote em cima, com dois copos de alumínio e fogão de carvão. Meu pai trabalhava na roça como meeiro, ou seja, ganhava a metade daquilo que produzia na terra do dono. Plantava arroz, feijão, abóbora,

mandioca etc. Éramos uma família de seis pessoas: meu pai, minha mãe e meus irmãos.

Minha infância sempre foi na zona rural moramos sempre perto dos meus avós, como era bom naquele tempo brincadeiras com meus irmãos e primos, era tudo difícil, mas era bom .eu mesmo crianças ajudava minha mãe nas tarefas de casa, como a varrer a casa, limpar o quintal, pois o nosso quintal era grande e cheio de pés de frutas e tinha muito espaço.

Era bom subir no pé de goiaba, tirar mangas de rebolo e, quando era época de tangerina, amava ir para casa da minha vó tirá-las do pé, porque lá tinha muitas. Lembro que meu pai trabalhava na roça e era muito bom. Quando era o tempo da colheita, a gente voltava da roça à tardinha com o cofo cheio de milho, abóbora, feijão e, quando chegava em casa, ia pilar o arroz no pilão. Era muito bom! Quando chegávamos em casa, íamos logo para o ribeirão tomar banho até escurecer e a água estava bem morna no fim da tarde.

## 2. Uma Lembrança

Me lembro que chorava para ir à escola, chorava muita mais ainda não tinha a idade, e minha mãe falava: “minha filha, espera você vai para escola”, porque naquele tempo só podia ir para escola com os sete anos de idade. Quando fui para escola já sabia ler e escrever, pois a minha mãe tinha me ensinado em casa mesmo. Também quando chegava o festejo da comunidade, era muito bom. lembro que as crianças não ficavam dentro da igreja, ficava só correndo na frente da igreja, era uma alegria só.

Até hoje me lembro que quando tinha uns sete anos tinha um vizinho que só vivia bêbado. Todas as vezes que ele passava eu corria com medo dele. Um dia estava limpando o terreiro da frente de casa com a minha mãe quando ele vinha vindo, nós tínhamos um rádio de pilha e quando ele chegou perto falou: “Que zuada é essa aqui? pode acabar com isso agora!” E, como eu tinha muito medo dele, sai correndo para dentro de casa e entrei debaixo da cama. Minha mãe ficou falando com ele lá fora e eu permaneci dentro de casa morrendo de medo. Mas só depois que ele foi embora, foi que eu saí debaixo da cama e minha mãe ficou morrendo de rir de mim. Até hoje me lembro disso. Hoje esse vizinho já é falecido, mas era uma pessoa que todos

gostavam dele.

### 3. Minha primeira escola

Como naquele tempo só poderia entrar na escola com sete anos, eu via as outras crianças indo e achava muito ruim, pois ficava com vontade de ir. Mas quando comecei a ir para escola foi uma alegria só, era uma aluna muito ativa e participativa. Minha escola era pequena e a turma era multisseriada; ela só tinha duas salas de aula, uma secretaria, uma cantina e duas privadas de laje; não tinha água encanada e, por isso, a merendeira tinha que ir lavar as vasilhas da merenda no ribeirão.

As aulas eram na parte da manhã e eu gostava de participar das atividades; gostava das festas de quadrilhas juninas, dos passeios na beira do ribeirão, juntamente com os alunos de escolas de povoados vizinhos, principalmente do povoado Folha Grossa. Tinha jogos, brincadeiras, gincanas etc. Me lembro da minha professora Rosa, uma professora muito boa paciente, que foi a minha primeira professora. Depois vieram outras professoras, como a professora Marisa que também era uma excelente professora.

Tenho muitas e boas lembranças da minha primeira escola: A Escola Municipal Antônio Fernandes dos Santos, que ainda hoje está em funcionamento no mesmo lugar.

### 4. As brincadeiras da infância.

Eu gostava muito de brincar de casinha com as minhas primas e minhas irmãs, pois tinha muitas primas que moravam perto de mim. Lembro-me que nós combinávamos de brincar, cada uma leva uma coisa para fazer a comida, era uma diversão só!

Moramos uma temporada em uma chácara no povoado e, pela manhã, íamos todas para escola, quando chegávamos, era só almoçar e já ia para nossa casinha. Lembro-me que era uma casa mesmo, fizemos as paredes dela de palha e era tudo ajeitadinho, tudo no seu lugar, nós fazíamos as coisas lá como se fosse na nossa própria casa. Um dia resolvemos fazer um doce de mamão verde e foi uma bagunça das boas.

O dono da chácara gostava de chegar e ver nós brincando, ele

sempre dizia: “Quero beber um café dessa casa”, e nós sorriamos. Mas também tinha outras brincadeiras, como: queimada, pega-pega que adorávamos brincar no ribeirão. Gostávamos de sair correndo e tomar distância para ver quem pulava primeiro para água. Também brincávamos muito da manchete, pula corda, amarelinha e jogar bola.

Um dia estávamos todas na casa da minha avó para as festas de fim do ano e fomos brincar de bola quando cai em um buraco e queimei meu pé, meu pai brigou muito aí acabou a brincadeira. Era muito bom quando a casa da minha vó estava cheia de visitas. Dezembro era um dos melhores meses do ano, porque os outros filhos da minha avó vinha e tinha mais crianças para brincar, não tinha hora certa, era durante o dia, durante a noite. Era assim sempre que a família se reunia, todos os fins anos. Brincávamos muito! tempo muito bom que tenho saudade!

Quando me recordo da família, lembro que meu avô que, à noite, gostava de contar várias histórias para nós. Naquele tempo na nossa casa não tinha televisão, só um rádio, por isso a gente se sentava na porta e ficava ouvindo meu avô contar histórias que faziam a gente chorar de tanto sorrir. Era muito bom mesmo.

Nos domingos a gente ia para igreja, era o dia da missa. Tínhamos a hora marcada para ficarmos no ribeirão e quando chegava a hora certinha, meu pai dava um assobio e nós já sabíamos que era a hora de ir para casa, que já estava chegando a hora da missa. Todos que nos conheciam já sabiam que era nosso pai chamando. Quando não ouvimos por estamos entendidos banhando, eles nos avisavam: “O pai de vocês já está chamando!” e aí voltávamos correndo para casa.

A minha comunidade era um lugar simples de pessoas trabalhadoras onde naquele tempo era tudo difícil, mas lembro-me que eram pessoas felizes, eram famílias muito grandes que viviam da roça, sempre religiosas e colocavam a educação em primeiro lugar. Gosto muito da minha comunidade, e daquele este centenário, muito rico de conhecimento. Sou muito agradecida de ter nascido e me criado aqui neste lugar, onde passei toda minha infância e só tenho a agradecer por esse lugar ter me ensinado a viver livre no campo, no meio da natureza e nele ter desfrutado minha infância na qual tenho muita saudade.



## CONCLUSÃO

E falar da nossa infância é difícil, pois tem muitas coisas boas e momentos ruim, mas o que importa é que sou muito grata pela infância que tive, uma família maravilhosa, um lugar que só aprendi e ainda irei aprender e ensinar também. Apesar das dificuldades era uma criança feliz, porque sempre tive tudo na medida do possível, e assim deixo as minhas palavras.

Uma infância feliz temos pessoas felizes, eu era feliz e não sabia, tempo bom que não volta mais. Infância é uma coisa que nunca deveria passar porque é onde a gente encontra pessoas inocentes, com o coração limpo, para uma criança tudo está bom.

Como é muito bom relembrar os acontecimentos da nossa vida! Vivi tantas coisas boas na minha vida de infância que hoje não vemos mais como as brincadeiras. Era tudo legal, ninguém nos proibia de brincar na terra, de correr, pular, deixavam a gente ser crianças.

## 5. A MINHA INFÂNCIA E AS MEMÓRIAS DO MEU LUGAR PARTICULAR, MINHA TERRINHA NATAL

Jucilânia Sousa Silva

### INTRODUÇÃO:

Carrego comigo o paraíso de minha infância, guardada em minha memória. Há, portanto, várias lembranças do período de minha infância, armazenadas, que são despertadas no meu consciente, sejam elas boas ou ruins. Nesse sentido,

**Nossas lembranças infantis mostram-nos nossos primeiros anos não como eles foram, mas como nos apareceram nos períodos posteriores em que as lembranças foram despertadas. Nesses períodos do despertar, as lembranças infantis, como nos acostumamos a dizer, não emergiram; elas foram formadas nessa época. (FREUD, 1898/1969, p. 354 Apud BASTOS, 2000, p. 02).**

Com relação à minha terrinha natal, esse paraíso está localizado em um povoado pacato chamado Piaçava, no município de Nazaré-TO. É um lugarzinho bom de se viver, que carrega consigo traços indiscutíveis. É um lugar de poucos habitantes, mas acolhedor, com árvores que embelezam a praça, ribeirões que correm pelas terras marcadas pelo suor e lutas árduas de quem lá vive, e daqueles que já não estão mais conosco, mas deixaram seu legado.

Meus pais moram no povoado há cerca de vinte anos. Na época, meu pai já era habitante do povoado, pois sua família já morava lá. Já minha mãe morava na roça com meus avós. Certo dia, eles se conheceram, começaram a namorar e, posteriormente, casaram e passaram a morar em Piaçava. Neste povoado, cresci e vivi boa parte da minha infância, rodeada do amor de minha família e amigos.

O interesse em escrever sobre a minha infância se deu a partir da disciplina História da Infância, que estou cursando. Esta disciplina provocou grandes discussões sobre o período da infância, o que me incitou a relembrar a minha. Trata-se de um período natural, em que descobrimos o mundo à nossa volta, exploramos, investigamos os cheiros, os gostos, as cores, os elementos que a terra possui. Nesse sentido, Thomé (2016) escreveu no editorial da Revista Digital Crescer, de 08 de novembro de 2016,

**Quando as crianças brincam em um ambiente natural, elas desenvolvem muito sua motricidade, a linguagem e a criatividade. O contato com a terra, a textura dos alimentos, o cheiro de chuva, uma tampa de panela, as cores das tintas, o peso das coisas. O universo de exploração é enorme, e a descoberta deles é sempre uma vitória para a família também.**

O objetivo deste texto é, portanto, trazer à memória e compartilhar aqui muitos aspectos marcantes de minha infância, que foram de suma importância para minha bagagem cultural.

## 1. A escolinha

Lembro-me, como se fosse hoje, da “fuga mal-sucedida”. Na época, a cabeceira do ribeirão descia e passava no fundo da escola. Foi então que eu e meus colegas bolamos um plano fabuloso que ninguém poderia desconfiar, o objetivo era “fugir” para tomar banho de ribeirão e brincar de pega-pega. Mas, por consequência do destino, fomos descobertos e o plano não obteve sucesso. Guardo boas lembranças da escolinha, foi a primeira escola municipal do povoado. Lembro das brincadeiras de ciranda e da amarelinha desenhada naquele piso verde desgastado.

Na época, a escola não possuía a tecnologia dos dias atuais. Então a professora Marilene, que morava ali perto, sempre levava a gente para assistir chapeuzinho vermelho na TV dela. Lembro-me que morávamos de medo do marido dela, achávamos que a qualquer momento ele poderia nos devorar igual o lobo fez com a vovozinha. Mas não era nada disso. Com o tempo percebemos que o seu Agostinho era muito legal, mas não era como a professora Marilene. Para mim, ela era um anjo disfarçado de humano. Com ela aprendi inúmeras coisas que irei levar para toda a vida.

Outra coisa que não posso deixar de mencionar é o doce de leite que a “tia Zélia” fazia. Costumávamos chamar ela assim. Parecia que tinha mãos de fadas, e que o doce e a cocada que ela fazia eram os melhores do mundo. Sempre que nos comportávamos, ao final da aula a professora pedia para passarmos na cantina e pegar o doce. Eu voltava para casa nas nuvens. Afinal, o doce tinha o poder de fazer eu me sentir nas nuvens.

Foto: Escola Municipal Domingos de Castro Ribeiro, 2006



Fonte: Cedida por Kalianna Ryan (Trabalho de Conclusão de Curso, 2014).

Foto: Registro da minha turma, 2009.



Fonte: Foto cedida por Rayane Ellen Rocha.

## 2. Grandes aventuras.

No povoado havia vários ribeirões, tanto nas chácaras quanto nas roças dos pequenos agricultores. Quando eu chegava da escola, vinha muito eufórica para que minha mãe levasse eu e meus irmãos para tomarmos banho no córrego, que ficava a poucos metros da nossa casa. Nós cortávamos garrafas pets e amarrávamos em um barbante, fazendo de conta que eram coletes salva-vidas. Brincávamos tam-

bém da pira e pega-pega. O ribeirão piaçava era muito prestigiado, pois possuía águas limpas, rodeadas de uma vasta vegetação, onde as mulheres lavavam roupas e as crianças tomavam banho.

Sempre gostei de pescaria, apesar de não pescar quase nada. O que realmente gostava era das aventuras que a pescaria nos proporciona. E foi em uma dessas aventuras que quase viramos peixinhos. Tudo começou em uma tarde ensolarada, ótimo dia para uma pescaria. Foi então que chamei meu pai para nos levar aos lajeiros. Em uma parte do ribeirão piaçava há uma vasta quantidade de pedras grandes, em formas de lajes, formando indas cachoeiras. Eu insisti muito, até que meu pai decidiu nos levar até lá. No percurso, passamos pelas terras do seu Zé Terto. Ao chegarmos no local, meu pai me ajudou com o anzol e imediatamente senti algo se mexer e puxei o anzol. Era uma traíra enorme, fiquei muito orgulhosa e sem acreditar que havia conseguido, pois eu não era boa de pescaria.

No entanto, o tempo começou a mudar, e as nuvens escuras começaram a tomar conta do céu. Uma tempestade estava a caminho, mas estávamos muito longe de casa e não tinha como chegar antes da chuva. E como meu pai andava prevenido com seu material de pescaria, ele nos cobriu com uma capa preta, e a chuva começou a ficar cada vez mais forte. Mas não estávamos com medo, pois tínhamos o nosso pai, e confiávamos muito nele. Estávamos em cima de uma ribanceira, a água não podia alcançar. Era como se eu e meus irmãos fôssemos tripulantes dentro de um barco em alto mar, com ondas gigantes. Horas mais tarde, a chuva começou a se acalmar, até passar. Então voltemos para casa com alguns peixes e uma fabulosa história de pescador para contar aos nossos amigos.

Outro lugar onde vivenciei grandes aventuras foi na roça do meu pai. As terras dele ficavam dentro do povoado. Então podíamos ir a pé. Aquele lugar tem um grande significado para mim, lembro do campo de futebol que meu pai havia feito para que eu e meus irmãos pudéssemos jogar bola e brincar de pega-pega. Lembro-me também de um espantalho que ele sempre deixava no milharal para estampar os bichos. Eu sempre levava um susto! Quando avistava de longe, era muito sinistro; mas, de certa forma, parecia eficaz.

Havia um açude ali perto, então adorávamos ficar atirando pedrinhas nele, e criando disputas de quem arremessa a pedrinha mais longe. De uma certa forma, isso nos ajudava a passar o tempo, quando

estávamos entediados. Perto do açude havia uma ribanceira de cascalho, então tivemos a brilhante ideia de transformá-lo em um tobogã. Pegamos algumas conchas que caíam do pé de coco babaçu e fizemos de conta que eram pranchas. E escorregávamos em cima da “prancha” com o vento batendo no nosso peito. Era uma verdadeira adrenalina, mas também era muito arriscado, pois podíamos ser descobertos a qualquer momento pelos nossos pais, que não iriam concordar com aquela brincadeira que era um pouco perigosa.

Fotos: Açude onde atirávamos pedrinhas na água e da ribanceira que eu e meus irmãos escorregávamos



Fonte: Arquivo próprio.

Foto: Cunca de palmeira que usávamos como “prancha”



Fonte: Arquivo próprio.

### 3. Brincadeiras e Brinquedos.

Lembro-me também quando minhas amigas iam para minha casa. Minha mãe sempre fazia suco para bebermos com bolachas, e brincávamos de casinha com nossas bonecas no fundo do quintal. E foi em um dia desses que uma de minhas amigas prendeu o pente da sua boneca no cabelo. A situação foi se agravando e imediatamente fomos chamar minha mãe. Minha amiga começou a chorar desesperada. Felizmente, minha mãe conseguiu reverter a situação, retirou o pente e ficou tudo bem. Mas ficaram vestígios, afinal, o pente puxou tufos e mais tufos do cabelo dela.

Eu também amava brincar sozinha com minhas bonecas na calçada, ao lado da minha casa. Confeccionava vários looks fashions para vestir minhas “meninas”. Acreditem, eu me sentia uma verdadeira Stylist. Acredito que tinha certos ciúmes de minhas bonecas, e principalmente de meus ursos, pois eram presentes do meu pai. Então existia um sentimento muito maior, por isso ainda os tenho comigo. Sou apegada a essas lembranças da minha infância, e elas fazem parte da minha jornada.

Lembro-me quando juntavam todas as crianças de minha rua para brincar do taco, na porta de casa, de pular corda, do queima, e de quando íamos jogar bola no “pátio da dona Maria”. Era assim que chamávamos um terraço que ficava em frente à casa dela. Aquele lugar ficou marcado de muitas lembranças boas. Todas as tardes nos reuníamos para brincar de bandeirinha estourou. Voltávamos para casa cobertos de areia e suor, que escorregavam pelo corpo cansado. Mas dinheiro algum poderia pagar as nossas carinhas de felicidade, aquele sorriso ingênuo estampado no rosto. Era como se nada mais fosse importasse naquele momento.

Recordo-me também de quando nos reuníamos para assar castanha no fundo do quintal. O meu pai acendia o fogo e assava as castanhas. E meus irmãos ficávamos responsáveis por quebrá-las. Era uma sensação tão boa, não só por poder comer as castanhas, mas havia uma sensação de prazer que a castanha nos proporcionava no gosto, no cheiro, na textura, e no sabor da infância. Era uma infância feliz, marcada por descobertas, experiências, e agora principalmente por saudade. “É que a gente quer crescer e quando cresce quer voltar do início” (KELL SMITH, 1998).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto, por meio da disciplina História da infância, pude relembrar as reminiscências que marcaram a minha infância. A disciplina me incitou um estado de inquietação, onde pude voltar ao tempo e reviver um período tão importante e genuíno, que é a infância.

## REFERÊNCIAS:

BASTOS, Angélica. *Sobre a lembrança: uma abordagem psicanalítica dos limites estruturais da memória*. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/jYPpbbXmnBpsYsQYnkkPTMS/?lang=pt#>. Acesso em: 15 de mai. de 2023.

GLOBO, Estúdio. *Brincar é essencial para o desenvolvimento das crianças*. 08 Nov 2016, Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Primeiras-Descobertas/noticia/2016/11/brincar-e-essencial-para-o-desenvolvimento-das-criancas.html>. Acesso em 16, maio, 2023.

SMITH, Kell. *Era uma vez*. Compositora: Kell Smith, Brasil: Midas music, 2017. Disponível em: <https://youtu.be/xJNKT9HAXRc> . Acesso em 16, maio, 2023.



## 6. LEMBRANÇAS DE MINHA INFÂNCIA NA ALDEIA

Lidiane Krukwane da S. Xerente

### INTRODUÇÃO

A disciplina História da Infância traz conteúdos que estão sendo postos para reflexões, principalmente com relação à importância e à relevância de nossas infâncias. Esses conteúdos me fazem lembrar, com maiores significações, os tempos das diversas fases com minha família. A exemplo, lembro da minha primeira aula na escola e das brincadeiras com meus irmãos. Foram experiências vividas nesse período, carregadas de momentos bons e ruins.

Antigamente, o meu povo Xerente alimentavam-se com frutas que encontrava no cerrado, como: pequi, oiti, "cajuzinho" (caju), murici, buriti e outros. Nós tínhamos o conhecimento de lugares onde se encontravam esses tipos de frutas, em tempo certo de serem colhidos. Lembro que às vezes, antes do pôr do sol, eu e os meus irmãos já estávamos na estrada a caminho do local onde estavam as frutas. Parece ser engraçado o que direi, mas era preciso ir mais cedo que chegássemos antes das outras pessoas. Algumas vezes, as frutas já haviam sido colhidas por outras pessoas. Em razão disso, saíamos cedo da casa. Porém, íamos sozinhos, somente o grupo de irmãos. O medo era tão intenso que a gente caminhava em silêncio, prestando atenção nos sons que ecoavam da natureza.

Um dia saímos bem cedo, mas o meu tio já tinha ido mais cedo, muito antes que nós, em nossa frente. Ele tinha chegado primeiro. Mas ele nos viu e se escondeu nos arbustos. Quando menos esperávamos, e já estávamos começando a colocar os pequis nas sacolas, ele gritou bem alto, fazendo a imitação de uma onça. Sem pensar duas vezes, corremos de volta em direção à nossa casa. Chegando em casa, relatamos o que tínhamos ouvido, que entendemos como rugidos de onça. E que, por esse motivo, havíamos chegado sem o pequi. No entanto, o meu tio já havia chegado à casa dele com o pequi, e foi à nossa casa também, levando o pequi e dividindo conosco, já que ele tinha nos deixado com muito medo. Quando ele chegou à nossa casa, ficou rindo de nós e nos contou que ele havia feito o rugido da onça para

nos testar, se tínhamos realmente coragem em uma situação como aquela. E nós rimos bastante juntos. Após isso, minha mãe cozinhou o pequi junto com arroz, acompanhado da carne de paca, e almoçamos essa comida deliciosa.

Nós, Xerente, não sobrevivemos só de frutas, mas também de alimentos da roça de toco. Na roça de toco, os homens fazem o trabalho de derrubada e, posteriormente, de limpeza, até que o lugar fique pronto para ser feito o plantio. Geralmente, as roças ficam perto de um córrego, o que ajuda no plantio de mandioca, feijão, milho, batata doce, arroz, cana-de-açúcar e banana. Porém, para ter uma boa produção dos alimentos, conhecemos e respeitamos a lua e o tempo, que exercem influências sobre as plantas, os animais e a terra. Porém, para ter uma boa produção dos alimentos, conhecemos e respeitamos a lua e os tempos, que ela exerce seus efeitos sobre as plantas, os animais e a terra.

Foto: Plantio de milho e mandioca e as caças paca e cotia



Fonte: Arquivo pessoal

Para nós, Xerente, a lua é conhecida como sinal a ser seguido para momento de plantio, e outras atividades. Então, o arroz, o milho, o feijão e a mandioca são plantados na lua crescente. Já a batata doce, a cana-de-açúcar e banana, são plantados um pouco mais tarde, mas antes da lua cheia. De caça, há a anta, a paca, os peixes, entre outras. Esses são os nossos alimentos tradicionais. Rememorar é importante, porque me faz lembrar que também já ajudei meus pais na roça, na época do plantio de feijão, arroz e milho. Por algum tempo meu pai foi autônomo. Para a nossa sobrevivência, e nosso costume também,

ele “botava” a roça de toco. Todos os filhos o acompanhavam na roça, para ajudar com o plantio. Como eu era a filha mais velha, e depois de mim o meu irmão, nós dois trabalhávamos mais que outros mais novos, pelo fato de sermos mais fortes.

Eu me lembro daquele sol quente no meu rosto, enquanto plantava arroz; e depois de plantar, lembro da comida que minha mãe preparava. Mas não era um caldo de carne, era apenas peixes moqueado, enrolado em uma folha, porque nesse tempo o óleo era muito difícil de se obter. E também as pessoas não tinham emprego. Junto com o beiju de mandioca, que muitas vezes a gente comia bem pouquinho, devido a família ser numerosa, a gente repartia uns com os outros. O nosso almoço era somente para “matar” a fome, mas dava para dizer que estava satisfeito. Era a única comida que eles nos ofereciam e que, embora fosse uma comida gostosa, era pouco. Hoje, comparando com os alimentos de outras famílias, a maioria não tinha nem previsão do dia para comer. Então nós agradecíamos pelo que havia no almoço.

Meu pai aproveitava a pausa para comer, e aproveitava para nos falar de algumas coisas. Ele dizia que um indivíduo sem educação na sua vida era uma pessoa quase sem nada, porque a educação é muito importante na vida de cada um, pois transforma, forma as pessoas. Essa frase nunca saiu da minha mente, pois eram palavras de motivação para mim.

## 1. A vida de estudos

Em razão dessas palavras, ele tinha começado a estudar em Tocantínia-TO, no colégio Freio Antônio. Como os indígenas nesse tempo não tinham acesso à escola nas aldeias, se alguém quisesse estudar, a única forma era ir para a cidade. E ele ia para a escola, da aldeia ia de bicicleta até à cidade. Fazia um percurso de 18 a 20 km, todos os dias da semana. Lembro que, apesar do sofrimento que ele estava passando, quando começou a estudar, às vezes chegava bêbado em casa. E às vezes discutia com minha mãe. Isso aconteceu, basicamente, por volta das 2h30min da manhã, na madrugada. Eu e meus irmãos saímos no meio da noite, por medo, para a casa da minha vó. Mesmo assim, ele continuou com seus estudos, e quando estava no 9º ano de escolaridade foi contratado como professor, educador indígena. Atualmente, já tem a graduação.

A nossa vida melhorou bastante nesses tempos, de um passado não muito distante. Desse modo, ele sempre nos motivou a estudar. Apesar de todo o sofrimento que ele tinha passado, para nos criar, sempre foi rígido conosco, mas principalmente comigo. É importante lembrar que ele já foi o meu professor, na fase inicial do meu estudo. No dia que ele foi contratado como professor, eu já tinha uns 5 anos de idade. E ele já me ensinava em casa a ler e escrever. Nesse tempo eu já estava tão interessada a estudar junto com as outras crianças matriculadas na escola. Só que a escola não permitia a entrada de crianças de minha idade. Só eram aceitas as crianças a partir de 7 anos. Mas, mesma assim, eu ia todos os dias com ele para ficar na sala de aula e estudar com as outras crianças. Eu acho já era muito inteligente, pois mesmo não sendo matriculada, meu pai me usava de exemplo para as outras crianças. Ele escrevia no quadro algumas perguntas para elas responderem. E junto com as outras me colocava no quadro, e então eu respondia primeiro que elas.

Não me lembro muito bem quando comecei a estudar, mas meus pais me contaram que como as crianças de 5 anos não eram aceitas para ser matriculada, as autoridades das escolas fizeram reuniões sobre mim, para chegarem a uma conclusão sobre minha pessoa, se eu podia ser aceita para ser matriculada ou não. Eles chegaram à conclusão que deveriam passar uma prova para mim, para verem se eu tinha capacidade de acompanhar as outras crianças. Desse modo, me aplicaram a prova. Então, me disseram que eu tinha acertado todos as perguntas. Contudo, foram me matricular e com 5 anos de idade eu já estava estudando. Lembro que, como o professor era meu pai, ele era muito rígido comigo na sala de aula, como em nossa casa também. Eu não podia errar as letras que ele me colocava de castigo, de baixo do quadro, como era chamado antigamente. E assim não era só eu, mas as outras crianças também. Dizem que era a regra das escolas dos antigos. Mas algumas vezes, comigo, meu pai ultrapassa o comportamento de um profissional.

Houve um dia que, por um erro de letras, ele me pegou e bateu com as mãos dele, que até saiu sangue do meu nariz. Mas a minha mãe tinha ouvido o meu choro e foi correndo na escola para me tirar dos braços do meu pai. Lembro até hoje das lágrimas escorrendo dos olhos da minha mãe. Ele também chorou, pois tinha ficado com dó de mim, depois que me bateu, e se arrependeu. Mas, o pior de tudo,

foram outras crianças que riram de mim, devido a meu pai ter me batido daquele jeito. Talvez porque a maioria das crianças sentia inveja de mim, por eu saber mais que eles, ou seja, devido à minha facilidade de aprender. Mas também foi a única vez que ele me bateu naquele tempo. Depois disso, ele só me motivava para eu me dedicasse mais aos estudos. Até hoje ele tem orgulho de mim, por ter uma filha que tem interesse de estudar, entre todos os outros filhos dele.

## 2. O sonho de brinquedos

Relembro que todos as crianças tinham seu sonho de ter brinquedos, como boneca, bicicleta, entre outros. Mas eu e minhas irmãs só tínhamos uma boneca. E uma luta para alguém ficar com aquela boneca. Por conta disso, minha mãe havia criado uma regrinha para que a gente não brigasse. Eu ficava na segunda com a boneca, outra na terça, e assim seguíamos a semana em semana. Os nossos pais sempre nos ensinaram a não pegar nada que tem dono, ou seja, não roubar.

Certo dia, havia um casal, o homem era indígena e a mulher era não indígena. E o pessoal não indígena havia doado brinquedos para crianças indígenas da minha aldeia. Então, como essa mulher era conhecida daqueles não indígenas, eles a colocaram como responsável pelos brinquedos, e tinham deixado na casa dela. Porém, ela ficou com todos os brinquedos para os seus filhos. Mas, certo dia, as crianças indígenas de nossa aldeia entraram na casa dela e, enquanto ela tinha ficado ausente da sua casa, roubaram quase todos os brinquedos que ela havia dado aos seus filhos. Mas o pior de tudo foi que as crianças colocaram a culpa disso tudo em mim e em minha irmã. Disseram que nós tínhamos roubado os brinquedos, sendo que nossos pais sempre tinham nos ensinado a não fazer coisas ruins ao próximo.

E lembro que houve uma confusão naquele dia. Meu pai queria nos bater para corrigir os nossos erros, porque ele não acreditou em nós, quando dissemos que nós não havíamos roubado. Mas a mãe, como sempre protetora de seus filhos, acreditou em nós e ficou em nosso meio para que o meu pai não nos desse chicote naquele dia. No final, eles procuraram os responsáveis do roubo e foi descoberto que foram as outras crianças. Então fizeram reuniões para chegarem a um acordo com relação aos brinquedos, e decidiram que eles deveriam ser distribuídos, já que a doação era para as crianças da aldeia. Assim,

cada criança ganhou os brinquedos e nós ganhamos também. E cada criança ficou satisfeita com seu presente.

### 3. As fontes de vida e esperança

De minha infância também relembro daquele córrego no meio do mato, daquelas cores verdes das árvores em volta da água, das piabinhas dentro da água. Lembro daquela água bem geladinha, e que quando sol a iluminava ficava mais brilhante ainda. Esse rio passa em todas as aldeias da minha região. Mas a casa dos meus pais fica perto desse córrego. Todos dias de manhã, depois de nós participarmos das aulas, ao meio-dia, nós descíamos para esse córrego e banhávamos naquela água tão fria. Mas, para nós, era normal que fosse gelada. O dia passava tão rápido que só saíamos da água para pegar um pouco de sol e logo voltávamos para dentro d'água, sem se importar com nada de casa, principalmente com as atividades das escolas. Para nós, o importante era o banho e as brincadeiras dentro d'água, era importante curtir a infância.

Foto: Ribeirão da aldeia e eu brincando



Fonte: Arquivo pessoal

Também lembro aquela casa feita de adobo os quartos, a sala e cozinha. Da casinha coberta em cima com palha. Até hoje os meus pais moram nela, e isso para mim significa as fases que vivíamos naquele tempo. Isso porque dentro dessa casa nós já demos muita risada, e também já choramos por algo que nos emocionou, por exemplo:

um bolo que foi feito de surpresa para o meu pai, no dia da comemoração do aniversário dele. Aquele choro de emoção de todos nós, os filhos deles, foi tão pequeno, mais significou muito para mim naquele momento.

Foto: Casa dos meus pais na aldeia



Fonte: Arquivo pessoal

Recordo também, quando eu tinha 8 anos, que fui a um lugar com minha tia colher capim dourado. Esse capim é tradicional do meu povo Xerente, pois com ele fazemos artesanatos, como brincos, bolsas, colares, bracelete, entre outros. Mas, para ser feito esse artesanato, nós mulheres geralmente vamos ao local para colher. E esse capim está localizado em um brejo onde há pés de buriti e, muitas vezes, o buriti também é aproveitado pelas mulheres como alimento. A fita do buriti serve também para a costura de esteiras, fruteiras, e também se usas de várias formas. Os indígenas Xerente usam fitas para amarrarem as cabeças, tanto das mulheres quanto dos homens e de crianças, em festas culturais indígenas. Então fui ao brejo junto com as minhas tias para colher o capim dourado. Lembro que tinha conseguido colher 10 “móia” rolos de capim dourado, e as minhas tias mais de 10 rolos.

Nesse tempo eu não tinha experiência da técnica de colher, de fazer esse trabalho, e voltamos para casa. Mas foi a primeira vez que fui colher o capim, e foi também a primeira vez que modelei com o capim a mandala. É que o povo Xerente chama de mandala, quando oferecemos para vender aos não indígenas, ou seja, eu tinha costurado 20 pares de mandala a primeira vez. E minha mãe levou para a feira

e vendeu por 2 reais cada, que no total deu um valor de 40 reais. Com esse valor que havia ganhado, comprei um conjunto roupas para mim, e com o resto comprei algum quilo de carne. E assim fui continuando a colher capim dourado. E a maioria de minhas roupas minha mãe comprava com o dinheiro da venda dos artesanatos, feitos com capim dourado.

Também me recordo que sempre fui gordinha. Lembro de uma foto com um uniforme, e a tenho até hoje guardada. Mas mesmo tão gordinha eu tinha habilidade de jogar bola, e sempre em algumas realizações de futebol feminino meu time era campeão. O engraçado de minha infância foi que quando eu jogava bola, os torcedores me incentivavam com nome de Messi, aquele jogador famoso, denominação que era colocada por eles. Talvez só porque eu era aquela menina baixinha. Mas, além de baixinha, eu tinha muita habilidade, principalmente quando pegava a bola no ataque. E passava com muita facilidade dos adversários para fazer os gols, e isso impressionava tanto as torcidas que colocaram meu apelido de Messi.

## CONCLUSÃO

A minha infância foi muito importante para mim, pois relembro da minha história com muito carinho. Ela significa e tem muito sentido para mim em tudo que passei, entre coisas boas e ruins. Minha história traz muitos ensinamentos para mim, e hoje eu sou a pessoa que meus pais lutaram para eu fosse, para poder chegar aonde eu quero, e correr atrás dos meus objetivos.



## 7. SAUDOSAS LEMBRANÇAS

Mara Janiely Fernandes de Sousa

### INTRODUÇÃO

Esta exposição tem como ponto central apresentar, de forma específica e sucinta, algumas etapas da minha infância que foram partilhadas ao lado de pessoas especiais, as quais, tive a sorte em tê-las conhecido.

Dessa forma, será compartilhado evidências que se passaram em oportunidades singulares, sendo dividida em quatro subtítulos, que serão contextualizados com maiores detalhes, buscando trazer a reflexão que, por muitas vezes, as coisas que nos parece tão simples, pequenas e insignificante, no mundo infantil torna-se algo imenso e de grande valor, pois há liberdade e asas para a imaginação, aspectos que refletem a pureza e simplicidade presente nas crianças.

Portanto, espero que este ensaio seja um convite à leitura e que o leitor possa aproveitar e se aventurar nesta viagem para rememorar instantes similares, ou não, que lhe tragam recordações encantadoras com “gostinho” de infância, a fim de lembrar que vale a pena tornar cada momento único e inesquecível como fazem os pequeninos.

#### 1. Lar, doce Lar

Nas proximidades de Luzinópolis -TO, encontra-se o povoado Peixe, cerca de 4 quilômetros da cidade, um lugar que marcou meus primeiros anos de vida com boas e incríveis memórias. Recordo-me com detalhes do local. A princípio, tudo começou quando meu avô e minha avó criaram seus oito filhos na localidade que ainda era pouco povoada, e ao se tornarem adultos, observando que alguns foram se casando, decidiram dividir parte de sua herdade com eles, onde a maioria deles construíram sua propriedade no pedaço de terra que lhe fora destinado.

O ambiente era rico de coisas que o dinheiro nunca compraria. Em cada lote passava um córrego - bem pertinho das moradias - com águas cristalinas e árvores esplêndidas em sua volta, além da fartura

de alimentos que eram cultivados na terra

fértil e, acima de tudo, a boa comunhão com a vizinhança cuja maioria que se encontravam ali era de parentes.

Minha primeira residência, ao se mudar para o interior - pois antes residia na cidade - foi uma casa razoavelmente espaçosa, edificada com tijolos e coberta com palhas, assim o teto favorecia um clima mais refrescante no ambiente.

Com o passar dos tempos o lugar foi se modificando e ficando ainda mais aconchegante, ao serem plantadas belas gramas verdejantes, algumas palmeiras, em seguida foi construído um campinho para jogar futebol e uma piscina próxima à churrasqueira com uma área para lazer.

Desde o romper da aurora até o crepúsculo da tarde tudo se renovava. Em minha visão não havia rotina, deveres a serem cumpridos, responsabilidades e muito menos preocupações, apenas contemplava e vivenciava de pertinho as belezas que cada dia me proporcionava, sem nenhuma pressa, pois tudo que praticava durante o dia era pouco para a energia que encontrava-se em uma pequena criança feliz.

Foto: Árvore do coco da praia em sua safra - 2013



Fonte: Arquivo Pessoal

Foto: Muro e piscina de minha residência



Fonte: Arquivo pessoal

## 2. As brincadeiras

Ao descrever sobre esta etapa é impossível não recordar os belos e adoráveis momentos que a inocência, pureza e simplicidade de uma criança nos permite vivenciar, época em que não tínhamos acesso à internet, mas não existia tédio, pois havia um imenso espaço para imaginação e criatividade, aliás, tudo era mais divertido com a companhia de pessoas especiais. Nesta fase, minhas melhores amigas, que eram, Hamanda - minha irmã - e minhas primas: Giovana, Anaile e Genilde.

Sempre costumávamos brincar de casinha, bonecas, restaurantes, desfiles de moda, escolinha, igrejinha entre várias outras brincadeiras que prendiam nossa atenção, e embora houvesse algumas discórdias e brigas, tudo se resolvia rapidamente e continuávamos a brincar, sem qualquer mágoa ou rancor.

Certo dia, após a Escola Bíblica Dominical (EBD), um evento que ocorria na igreja todos os domingos pela manhã, convidei Giovana para ir em minha casa ver os novos brinquedos que tinha ganhado. Tirei os brinquedos da caixa com muito cuidado e coloquei em suas mãos, porém, sem a intenção acabou deixando cair no chão o fogãozinho, quebrando sua tampa. Fiquei muito desapontada e chorei horrores, no entanto, depois de algumas horas sem trocar ideias com ela - o que era muito raro acontecer - fortalecemos nossa união confeccionando pulseiras de miçangas com pingentes deslumbrantes que simbolizavam o sinal da amizade.

Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Acervo pessoal

Outro episódio inesquecível ocorreu no dia em que uma simples brincadeira de restaurante se tornou um grande desastre. Estávamos às margens do córrego quando houve um desentendido e algumas clientes insatisfeitas com o cardápio começaram a jogar os pratinhos, copos e talheres na água, logo todas tiveram que pular no ribeirão para resgatar os brinquedos, foi uma oportunidade única, em que fizemos uma guerra de panelinhas, um momento de descontração, que acabou ao escutarmos:

- O ALMOÇO ESTÁ NA MESA!!!

Encanta-me rememorar o prazer e diversão que era estar com elas, e ao meditar em cada verso da música "Era uma vez", reproduzida pela voz da cantora brasileira Kell Smith, fiz uma viagem no tempo no trecho em que relata a seguinte afirmação:

*"É que a gente quer crescer, e quando cresce quer voltar do início, porque um joelho ralado dói bem menos que um coração partido."*

Enfim, é exatamente isso que acontece ao observarmos a maldade que penetra no mundo e que interfere, de certa forma, em nossas vidas como em áreas emocionais, causando medo e inseguranças, além das questões sociais, econômicas etc., coisas que nitidamente não existem no universo infantil, pois certamente todos os dias são bons para os pequeninos.

### 3. A Escola

Aos três anos de idade comecei a frequentar a creche mamãe Dódó, sua estrutura era muito bonita, com vários desenhos em seus muros e paredes, no pátio havia amarelinhas desenhadas no chão e outras brincadeiras para as crianças curtirem, a sala que estudava era estampada com as figuras da boneca Emília e do Pica-Pau, todos os colegas apreciavam aquelas pinturas como que tivessem vida.

Foi lá que tive o meu primeiro contato com o alfabeto, ao contornar as letras acompanhadas de desenhos representando sua inicial; aprendi a contar os números e colorir as imagens com giz de cera e

foi também nessa fase que desenvolvi a escrita, repetindo meu nome por inúmeras vezes e seguidamente o da minha mãe, meu pai e meus irmãos, além de reescrever frases curtas que a professora passava para casa.

Nesses primeiros anos conheci pessoas muito legais, com as quais compartilhava os bons momentos desde a sala de aula até o recreio, por esses motivos estudar não era um fardo, quando chegava às 11 horas da manhã ao voltar do serviço meu pai me buscava, e no caminho íamos conversando sobre o que ocorreu na creche naquele dia, muito animada para o que iria acontecer no dia seguinte.

Os anos se passaram e os conteúdos iam ficando cada vez mais complexos, mas ainda assim, tinha prazer em estudar e fazer todas as atividades destinadas para casa. Já entrando nas séries iniciais, algo que ficou gravado em minha mente - já que me deixava super empolgada - eram os vendedores que iam à escola oferecer brinquedos de quebra-cabeça, revistas para colorir, jogos da memória entre outras variedades de mercadorias, não só isso mas também registravam fotos com moldes de princesas e personagens que atraíam o público infantil.

#### 4. Julho

Sempre considerei Julho um mês especial, para mim era a melhor época do ano, pois minha família por parte de pai anualmente se programavam para acamparem nas praias do Rio Araguaia. Ainda que procure, palavras não descrevem fielmente o sentimento que esta viagem me trazia. Costumávamos sair de casa pela madrugada para pegar o barquinho cedo no rio, criava tantas expectativas que quando faltava um mês já começava a contar as semanas, os dias e até chegar à data prevista contava as horas.

Tudo era impecável, tanto para as crianças quanto aos adultos, sendo uma semana inteira fora da rotina apenas curtindo, desde o passear à canoa, estar com a família, as brincadeiras, conversas e risos partilhados, as comidas, os acessórios de praia, as fotos geralmente registradas ao pôr do sol, o vôlei e futebol no fim de tarde, as pescas, entre outras coisas que ocorriam nesta viagem justificavam o motivo de tanta ansiedade para esta semana que se passava muito veloz.

As pessoas com as quais dividi tais momentos dedicaria a frase

dita pelo astrônomo Carl Sagan (1980), “diante da vastidão do tempo e da imensidão do universo, é um imenso prazer para mim dividir um planeta e uma época com você.”

Foto: Acampamento na praia do rio Araguaia em Palestina-PA - 2014



Fonte: Arquivo pessoal

Após tantas aventuras era hora de aguardar a chegada do meu aniversário, recorde-me que um deles foi decorado da Minnie, o dia estava radiante e ensolarado, não sabia exatamente se teria festa surpresa, mas suspeitava em certas ocasiões, no entanto, minhas amigas ao me parabenizar pela data usaram o dia como disfarce para brincarmos na casa de minha avó. As horas se passaram rapidamente e ao retornar para casa me deparei com a linda ornamentação da festa, apressando-me para tomar banho e se preparar para receber os convidados.

Foi um dia para lá de especial, ganhei vários presentes como roupas, bolsinhas, acessórios para cabelos, brinquedos etc., logo, ao terminar a festa os convidados foram se retirando, contudo, para os familiares mais próximos estava apenas começando, pois era a hora da criançada se reunir para estourar balões e brincar enquanto os pais conversavam, simplesmente uma época esplêndida.

Figura: Aniversário em 2013



Fonte: Arquivo pessoal

## CONCLUSÃO

Vivemos hoje em um mundo injusto e cruel, onde pouco a pouco é sugada a liberdade, inocência e energia que somente a infatildade é capaz de presentear com sinceridade para viver sem receio de falhar e ser feliz, afinal é errando que se aprende.

Nessa ótica, destaco a obra "Manu, a menina que sabia ouvir", do escritor alemão Michael Ende, como uma base para reflexão com o propósito de valorizarmos cada momento da melhor forma possível como fazem os pequenos. O livro relata a maneira que os interesses pessoais dos adultos - pelo dinheiro, bens materiais, fama e outras ambições a que todos os seres humanos estão sujeitos - afetam diretamente na construção de várias histórias edificadas pelas crianças dia após dia.

Desse modo, geralmente os adultos substituem atenção, carinho, companheirismo e acompanhamento em fases que nunca mais voltarão por aparelhos tecnológicos, deixando-os disponíveis a qualquer hora, correndo o risco de acessarem conteúdos inapropriados para esta classe, sendo um grande rival a elegância legítima que é a infância.

Sabendo, pois, a preciosidade que são os primeiros anos de um indivíduo, deve-se priorizar que desenvolva por si mesmo as capacidades e habilidades adquiridas naturalmente no meio que está inserido, assim, haverá espaço para se dedicarem às coisas mais simples, ricas, significativas e grandiosas que logo se tornam memórias.

## REFERÊNCIAS:

ENDE, Michael. *Manu, a menina que sabia ouvir*. Edição integral. São Paulo: Círculo do livro, 1973.

SAGAN, Carl. *Cosmos*. Trad. Maria Auta de Barros. São Paulo: Companhia das Letras, 2017

SMITH, Kell. *Era uma vez*. Compositora: Kell Smith, Brasil: Midas music, 2017. Disponível em: <https://youtu.be/xJNKT9HAXRc> . Acesso em 12/05/2023.

## 8. UMA INFÂNCIA ROUBADA

Maria Alzerina Oliveira Marinho

### INTRODUÇÃO

As memórias de uma infância são lembranças que ficaram marcadas para a vida toda pois é um momento lindo onde as brincadeiras, o convívio com a família as amizades construídas e a imaginação são verdadeiras e todas as lembranças e momentos vividos irão perdurar durante toda a vida de uma forma positiva ou negativa.

Meus primeiros anos de vida foram marcados por muitas lutas ao lado dos meus pais e irmãos, muitos momentos de alegrias, brincadeiras com nossos primos onde existia entre nós muito amor e carinho, mas logo aconteceu uma reviravolta na minha vida quando tive a necessidade de sair de casa para estudar e correr atrás daquilo que os meus pais não tinham como me oferecer.

Nesse pequeno texto pretendo relatar um pouco da minha história e trajetória de lutas e sofrimentos, momentos em família, a luta pela sobrevivência que vivi junto e os desafios de uma infância pobre com meus familiares ficaram marcados em minha vida e carregado comigo até hoje.

No primeiro momento pretendo me apresentar, falar de onde vim e das lutas que vivi junto com meus pais e irmãos, das dificuldades em frequentar uma escola devido à distância e da precariedade da mesma, das brincadeiras que eram nosso passatempo e da dura realidade de nascer e viver em uma família pobre financeiramente, mas muito rica de amor, carinho e acima de tudo de respeito ao próximo e dos ensinamentos que foram repassados pelos nossos pais.

Me chamo Maria Alzerina Oliveira Marinho sou a segunda filha de seis irmãos, nasci em uma família muito humilde no interior do Maranhão, meus pais sempre foram muito batalhadores, porém nunca tivemos uma condição financeira boa, fomos criados todos na roça ajudando nossos pais a plantar e colher o que comíamos, porém nunca passamos fome vivendo junto com eles.



## 1. Lembranças da nossa primeira conquista

Me recordo que mais ou menos sete anos de idade meus pais compraram uma pedaço de terra pra trabalhar era tudo muito difícil, logo eles construíram uma pequena casinha de palha com tijolos de barro, e podíamos notar a alegria no olhar dos dois em ver que aquele pedacinho de terra era o início de um grande sonho deles, nos primeiros anos naquele lugar logo se iniciou os trabalhos braçais onde tudo era mato agora começa a tomar forma e eles plantavam de tudo arroz, feijão, abóbora, cacau, macaxeira enfim tudo que comemos vinham da roça.

Fotos: Laranjeira e Cacaueiro



Fonte: Arquivo pessoal

Minha mãe sempre foi apaixonada por quintal grande e cheio de frutas me lembro que logo no início de tudo eles limparam uma grande parte ao redor da casa para plantar laranja, cacau, tangerina, manga entre outras frutas e todos os dias logo cedo meu pai nos despertava para irmos buscar água no ribeirão para molhar aqueles pés de frutas era uma festa cada um com um balde trazemos água para dar vida aquelas plantações que logo começaram a crescer e dar frutos e sombras, ah! que bela sombra! onde fazíamos banquinhos embaixo

deles para passamos os finais de tarde era tão emocionante quando ao final do dia chegamos da roça e corríamos todos pro ribeirão para tomarmos banho e sempre era uma grande alegria aquela fileira de irmãos correndo em direção ao ribeirão e durante o banho era um grande momento de distração e nos divertimos muito.

Foto: Meu pai à beira do Ribeirão Pau Ferrado



Fonte: Arquivo pessoal

Mas logo começava a escurecer e era a hora de voltar para casa antes que anoitecesse e mais uma vez era aquela alegria daquela turma de crianças que mesmo passando muitas dificuldades éramos muito felizes.

Ao final do dia nos sentávamos naqueles banquinhos embaixo dos inúmeros pés de laranja esperando nossa mãe aprontar o jantar, pois logo sabíamos que iria escurecer e acendendo as lamparinas ficávamos juntos contando história, ah como era bom ouvir os relatos dos nossos pais! Histórias reais que eles faziam questão de repassar pra nós que para eles era um grande orgulho os relatos vividos com seus pais.

Nunca tínhamos livros de histórias infantis, mas me recordo que o que mais eles queriam era repassar pra nós era o amor, o respeito aos mais velhos e a valorização do estudo e o tempo passava tão rápido que logo precisávamos dormir pois no dia seguinte começava tudo novamente e as às cinco horas da manhã éramos despertados com o som do moto rádio do meu pai ouvindo a Rádio Nacional da

Amazônia com aquelas lindas músicas sertanejas, sem falar na novela da tia Leninha que todos os dias ficava aquela fila de crianças pra ouvir mais um capítulo daquele romance, mas logo levantávamos e íamos iniciar mais um dia de trabalho na roça quando terminávamos a primeira lição do dia que era de molhar os pés de frutas e minha mãe já nos aguardava com aquele gostoso mingau de arroz com leite, ah era uma delícia.

## 2. Meus primeiros anos de escola

Quando aos seis anos começamos ir à escola era uma grande festa aquela turma se arrumando para irmos estudar, a escola ficava há mais ou menos sete quilômetros de distância da nossa casa e por isso tínhamos que sair cedo para não chegarmos atrasados, sacolas nas costa havaianas nova nas mãos e lá íamos nós e nossos primos, pois todos moramos perto eram quatro famílias morando próximo, tinha a casa da minha vó, meu tio e minha tia e quando íamos pra escola saíamos se juntando com os primos, o percurso era longo.

Passamos em uma estrada que ficava a beira do Ribeirão e lá tinha uma enorme pedra que os mais velhos diziam que tinha uma assombração atrás dela ela era muito grande, e em um lugar bem escuro e assustador, um dia meu primo subiu naquela pedra esperando nós passar por lá e quando nos aproximamos ele pulou de cima dela nos causando um maior susto ah que susto, sempre passava correndo por aquele lugar que além de ser escuro e frio, cheio de pedras e tinha uma espécie de ladeira era apavorante passar por aquele lugar e até hoje ainda existe aquele mesmo caminho.

Foto: Estrada da casa da minha avó e tios



Fonte: Arquivo pessoal

Porém de tanto falar aos nossos pais eles abriram uma nova estrada, mas acima daquela mal-assombrada e aquela turma saía em uma grande alegria rumo a escola, mais quando chegava próximo a escola passamos em um pequeno ribeirão para lavarmos os pés e calçar as havaianas novas e enfim chegamos a escola, chão de barro, bancos de madeira, sala cheia mas lá estamos em busca de um sonho estudar para ser alguém na vida.

Mas esse sofrimento de irmos a pé para as aulas logo se acabava, pois minha mãe com muita luta passava em um concurso público e seria a partir daquele dia nossa professora, logo meu pai construiu no nosso quintal uma casinha para ali funcionar a escola, nossa foi uma festa aqueles primeiros dias na escola nova estavam lá ansiosos esperando nossos primos chegarem para a aula começar, pois basicamente éramos nós e nossos primos os alunos da escola, minha mãe naquela época tinha apenas a quarta série e agora além de lecionar precisa estudar para concluir seus estudos, durante a semana era professora e nos finais de semana pega o cavalo e saía em destino ao um povoado chamado Paciência há dezoito quilômetros da nossa casa e essa foi sua rotina durante muitos anos, pois quando concluiu o ensino médio, logo já iniciava a faculdade era muito sacrifício, porém valeu muito apenas pois com muito esforço conseguiu concluir seu ensino superior.

### 3. O início do sofrimento

Logo que completei dez anos fui morar na cidade com os pais do prefeito daquele município no início sair de casa para morar com eles apenas para estudar essa foi a promessa que eles fizeram aos meus pais, mas logo isso mudaria, acostumada naquele pequeno lugar cheguei naquela cidade grande Imperatriz Maranhão e minha vida e minha infância mudaria para sempre o que era pra ser apenas uma cuidadora de uma criança passei a viver em uma escravidão, fazia de tudo naquela casa era babá empregada e estudar ficou apenas no desejo e nas promessas, pois como era de menor não poderia estudar a noite e durante o dia tinha que cuidar daquele mundaréu de casa e lá fazia de tudo cuidava da casa, fazia comida e ainda cuidava de uma criança, os patrões saiam cedo para trabalhar e só retornavam ao meio dia.

Me recordo que um dia dormindo no quatinho no fundo da casa um bandido pulou o muro e me fez refém para adentrar a casa principal para roubar e esse foi o pior dia da minha vida, só pensava que ia morrer o desespero foi tremendo, mas quando tudo passou voltei para aquele quarto novamente e comecei a falar com Deus e pedia a ele que tocasse no coração da minha mãe pra vir me buscar e me tirar daquele sofrimento que pra mim estava ali há uma eternidade, mas como? Eu me perguntava se nem ao menos minha mãe sabia o endereço onde eu estava morando, e durante esse quase um ano essa era a minha oração para que Deus tocasse no coração dela e viesse me resgatar daquele sofrimento.

Mas na minha imaginação era algo impossível ela me achar já que nem ao menos falava com ela desde o dia em que sair de sua companhia, mas acreditava e continuava a minha oração ao meu Deus pois sabia que um dia ele me ouviria, pois minha fé era algo inabalável.

### 4. O dia em que me sentir livre como um pássaro

Quando um belo dia alguém tocar o interfone e ao sair para atender não acreditava no que estava vendo meu Deus era minha mãe trazida por um anjo pra me buscar, chorava muito e ao mesmo tempo agarrava ela por não acreditar no que estava vendo, meu coração saltitava de alegria em revê-la pois sabia que ela era minha salvação pra me tirar daquele lugar onde todas daquela casa apenas me explorava,

porém não deu tempo de falar a ela o que estavam se passando comigo naquele lugar, porque logo os patrões chegaram, ficaram muito assustados pois nem imaginava que ela poderia chegar até lá, mas logo disfarçaram e fizeram aquela festa dizendo que eu era como uma filha e que minha mãe não precisava se preocupar comigo que eu estava bem, ah mas coração de mãe não se engana e logo ela percebeu que algo não estava bem, eu muito desnutrida pois não tinha tempo nem ao menos de comer direito, agarrada na saia dela não a soltei mais e nem sair de perto dela porém nem ao menos abri minha boca com medo da reação deles.

Mas Deus em sua infinita bondade faz com que eles precisem sair para trabalhar e logo sentei no colo da minha mãe e sem conseguir ao menos falar comecei a chorar e logo conseguir contar tudo pra ela, relatei tudo o que acontecia naquela casa ela não conseguia segurar as lágrimas em me ver naquela situação mas logo meu coração se acalmava pois sabia que minha mãe não sairia dali sem me levar dali pois eles imploraram a minha mãe pra não me levar e com aquele papo que eu era como uma filha, que era muito bem cuidada tentavam convencer minha mãe do contrário pois sabia que eu era muito útil pra eles.

Aquela tarde passou muito rápida e logo se aproximava a hora dela voltar pra rodoviária pra vir embora lembro que simplesmente joguei minha roupa em uma sacola e agarrada a sua saia não sai mais do seu lado, e quando chegou o momento do patrão deixar minha mãe na rodoviária comecei a chorar muito querendo ir com ela e como muita dificuldade eu consegui me libertar daquele sofrimento, ao abrir o portão me sentia como um pássaro livre pra voar fui embora com ela nem ao menos olhei pra trás apesar de gostar muito da criança que eu cuidava, entrei naquele ônibus e no colo da minha mãe dormir a viagem inteira, e aqui escrevendo essas palavras meu coração chega a doer e meus olhos enchem de lágrimas ao relembrar de tudo aquilo que passei naquele lugar, mas enfim voltei pra casa com minha mãe e quando cheguei em casa foi uma grande festa dos meus irmãos pois lá estavam todos me esperando, pois já havia quase um ano que não nos via meus irmãos.

## 5. O juramento dos meus pais

Ao chegar minha mãe disse ao meu pai que Deus tinha tocado nos seu coração que algo não estava bem comigo naquela cidade aí me lembrei a Deus foi as minhas orações de desespero de todos os dias que tocou no coração dela em me resgatar daquele lugar, e naquele dia minha mãe fez um juramento ao meu pai que íamos comprar uma casa em um pequeno povoado para nós estudar, já que a escola onde ela lecionava já não tinha estudos suficientes para alguns de nós.

E assim eles fizeram compraram uma casinha em um povoado distante da terra deles vinte quilômetros e chegando lá minha mãe conseguiu uma vaga na escola e meu pai continuou a lida entre o povoado e a nossa pequena terra, era uma festa chegar naquele povoado me recordo que a escola ficava ao lado da nossa casinha estudávamos durante a semana e quando era finais de semana todos íamos para o interior ajudar nosso pai na lida, e lá era outra festa juntamos nós e nosso primos e fazemos aquela bagunça e agora já liberta de todo aquele sofrimento consigo ser feliz junto com meus irmãos e primos.

## 6. As brincadeiras preferidas

No período de férias íamos todos pra terrinha dos meus pais e todos finais de semana nos reunimos naquele lugar, juntava nossos primos tios e avós paternos e ficávamos o dia juntos, umas das brincadeiras que mais fazíamos era andar de bicicleta no quintal que era grande, era apenas uma bicicleta e todos queriam dar uma volta fazíamos uma fila e lá ia um de cada vez dar uma volta de bicicleta no quintal e assim passamos a tarde quase toda essa diversão, quando paramos de andar de bicicleta sentávamos embaixo daqueles pés de laranjas e fazíamos a festa chupando laranja, comendo cacau, manga e tudo o que plantamos, nossos pais sempre foram muito preocupados com o que comer, éramos muito pobres, mas juntos com eles era muita fartura de comida.

Me lembro que meu pai sempre dizia que enquanto ele tivesse forças pra trabalhar nunca iríamos passar fome e ao lado deles realmente nunca passamos fome, umas das coisas que adorava fazer com

minha mãe era pescar, me recordo que colocava o arroz e o feijão pra cozinhar e íamos pegar o peixe e logo chegamos com aquele pedaço de pau com um monte de peixes enfiados, e o almoço estava garantido e quando chegava a noite meu pai e meu irmão mais velho iam caçar no mato e sempre voltavam com algo, enfim sempre tivemos muita fartura em casa.

Foto: Casa de palha, sala e banco de madeira da casa do meu pai



Fonte: Arquivo pessoal

Ah! nossos melhores momentos de infância foram naquele pedacinho de terra uma casinha simples e humilde, mas que tinha muito amor envolvido, sempre amei cozinhar e essa era minha responsabilidade todos iam para roça e eu ficava em casa pra cuidar dos mais novos e fazer comida, fogão a lenha e na cozinha um banco de madeira para visitas que até hoje permanece no mesmo lugar e assim era nossa rotina nas férias, éramos muitos felizes mesmo passando por muitas dificuldades.

Nossos pais sempre fizeram tudo que podiam por nós e até hoje a casinha na roça permanece do mesmo jeito, e sempre que vou lá me emociono em saber que ali éramos muitos felizes, porém só ficou as lembranças de uma infância sofrida, mas vivida com muito amor e até hoje meu pai cuida daquele pedacinho de terra com o mesmo amor e carinho, lógico que algumas coisa mudaram aquele mundaréu de plantações que tinha no quintal já não são os mesmo, o ribeirão quase seco, meus primos já não moram mais lá , todos se mudaram



para a rua meus tios venderem seu pedaço de terra, minha vó já partiu e agora apenas meu pai ainda preserva aquela pequena herança que é regada de lembranças de uma infância que apesar das dificuldades eram regada com muito amor.

Foto: Quintal do fundo da casa do meu pai



Fonte: Arquivo pessoal

## 7. As lembranças que me emociona

Mas o que fica guardado nas memórias são as brincadeiras, a saudades dos nossos primos e principalmente da minha avó paterna que já faleceu e aquele lugar onde outrora eram recheados de pessoas, plantações já não tem a mesma alegria e sempre que volto lá em me emociono e sempre choro, pois cada um de nós primos e irmãos seguiram suas vidas e hoje apenas meu pai reside e cuida daquele lugar com muito amor.

Há pouco tempo nossos pais reuniu todos e filhos e nos levou lá e a emoção foi tão grande, em ver o quanto tanta coisa mudou, mas uma das coisas que meus pais sempre preservaram e preservam naquele lugar é a casinha de palha que continua igual, o fogão a lenha no mesmo lugar, aquele banquinho na cozinha permanece intacto e no quintal agora só existe alguns poucos pés de laranja, um pé de

cacau e um de manga me emocionou em ver o amor que meu pai tem por aquele lugar pois ele sabe que ali estão guardados nossos melhores momentos e foi lá que todos nós fomos criados com muito sacrifício, porém mesmo com tantas dificuldades nunca faltou amor e carinho e por isso sei que ele tenta preservar tudo ou quase tudo do mesmo jeito.

Meu pai um dia sentado embaixo de um dos pés de laranja que restou juntou os filhos disse que aquele pedacinho de terra que ele cuida com todo amor e carinho enquanto ele tiver vida nunca será vendido, pois lá estão as memórias dos momentos que vivemos juntos.

## CONCLUSÃO

O lugar onde fomos criados e as lutas que passamos em toda nossa vida os ensinamentos dos nossos pais, avós e as brincadeiras da nossa época são memórias que apesar de não estarem registradas em nenhum papel estarão guardadas na nossa memória para sempre e através delas aprendemos a valorizar tudo o que vivemos com eles nos momentos bons e difíceis ensinamentos esses que levaremos para toda a vida. E que mesmo vindo de uma família humilde nunca passamos fome e nossos pais com muito amor e sacrifício fizeram tudo por nós tudo aquilo que estava ao alcance deles e ensinou a cada um dos seus filhos o respeito, o amor ao próximo e sermos honestos e acima de tudo fortes para enfrentar as lutas do dia a dia.

Cresci vendo meus pais superar cada obstáculo da vida, passamos por momentos tão difíceis, mesmo assim eles levantaram todas as manhãs com alegria e muito ânimo para nos dar o seu melhor e nos dar amor. Sou uma mulher forte porque fui criada por alguém mais forte do que eu.

## 9. MINHA INFÂNCIA: LEMBRANÇAS AFETIVAS E APRENDIZADOS PARA A VIDA

Maria Victória Lima

### INTRODUÇÃO:

A infância é uma fase fundamental para o desenvolvimento do ser humano, é onde desenvolvemos nossas primeiras percepções de mundo e concebemos as primeiras relações interpessoais. É o período que marca a integração do indivíduo na sociedade.

A infância é a base da vida, portanto, as experiências e conhecimentos adquiridos durante essa fase tem grande influência na idade adulta, pois são responsáveis pelo desenvolvimento dos valores e crenças que se farão presentes ao longo da vida, influenciando desse modo, na formação da personalidade e identidade de cada sujeito. Ou seja, o meio social, as vivências e conhecimentos adquiridos durante a infância contribuem para a construção das subjetividades de cada indivíduo.

O interesse em escrever sobre a minha própria infância surgiu a partir da disciplina de História da Infância, onde vi que a percepção do conceito de infância percorreu por longas evoluções, desde o século XVII até os dias atuais. Atualmente, a criança é vista como um ser social ativo e relevante para a sociedade, e a infância passou a ser uma fase considerada importante para o desenvolvimento do ser humano. Essas transformações são resultadas das forças sociais, políticas, econômicas, culturais e geográficas.

Neste artigo, pretendo compartilhar algumas memórias da minha infância, destacando os momentos mais marcantes, tanto os momentos difíceis, de traumas e dificuldades que me marcaram, como os momentos felizes, tradições e costumes, que contribuíram para o meu desenvolvimento e a construção da minha subjetividade.

Minha infância foi passada em Porto Franco, cidade interiorana do estado do Maranhão. Lembro-me do meu primeiro lar, a chácara que meus avós maternos moravam, o quintal era enorme, cheio de árvores frutíferas e um barro bastante vermelho. Era um lugar lindo e sossegado, não era afastado da cidade, mas o único barulho que se

ouvira, além dos pássaros e os outros animais, era o do trem que passava na frente de casa.

Meus pais até tinham a casa deles, mas foi na chácara que morei nos meus primeiros meses de vida e só depois mudamos para nossa casa, ainda assim passávamos a maior parte do tempo na casa dos meus avós maternos do que em casa. Quando eu tinha 4 anos de idade, meus pais se separaram, então, eu e minha mãe fomos morar de vez com meus avós, e foi na chácara que vivi uma boa parte da minha infância.

Lembro-me das brincadeiras com meus primos, que também moravam lá, passávamos a maior parte do nosso tempo brincando e explorando a natureza. As meninas costumavam brincar de casinha, e sempre usávamos as frutas para fazer as comidinhas, o que tornava a brincadeira mais divertida, pois na chácara havia os mais diversos tipos de frutas, tinha manga, caju, jabuticaba, laranja, tamarindo, goiaba, abacate e muitas outras. Como minhas primas eram as mais velhas e maiores, elas sempre se responsabilizavam por subir nas partes mais altas das árvores para colher as frutas. Os meninos na maioria das vezes também nos ajudavam e acabavam entrando na brincadeira.

Os meninos costumavam brincar de fazendinha, onde eles criavam os próprios brinquedos, colecionavam tampas de garrafas para fingir que eram os bois, e para fazer o curral usavam pequenos gravetos das árvores. Também gostavam de ir caçar no mato usando baladeira, conheciam a chácara de cabo a rabo. Jogavam futebol e soltavam pipa.

Foto: Aos 02 anos de idade com meus avós e primos



Fonte: Arquivo pessoal

As brincadeiras eram sempre regadas de boas risadas e aventuras, não havia limites para o brincar e nossas peripécias, estávamos sempre inventando e reinventando. Gostávamos de quando recebia visita de outros primos, porque as brincadeiras se tornavam mais divertidas. Brincávamos de esconde-esconde, polícia e ladrão, queima, bom barquinho, brincadeiras de rodas e muitas outras.

Durante a noite, era comum irmos à vila com a vovó, onde nos

encontrávamos com as crianças da vizinhança e podíamos brincar na rua enquanto os mais velhos conversavam na porta de casa. Durante o mês de junho, sempre reunia toda vizinhança para assistir aos ensaios de quadrilha, que esperavam ansiosamente o dia da grande apresentação, onde vinha gente de outros bairros e vilas para prestigiar. Também era tradição os moradores da vila se reunirem no dia de São João para pular fogueira. Nessa data era comum realizar o batismo de fogueira, onde batizavam-se as crianças, e os adultos firmavam o compadrio de fogueira.

Além das brincadeiras, também costumávamos ajudar nosso avô na plantação e colheita de mandioca e milho. Os adultos ficavam com a parte pesada, que era de cavar as valas para a plantação e as crianças ajudavam a colocar as sementes de milho ou as manivas de mandiocas, em seguida, depois do plantio, ajudávamos a fechar as valas.

Nem sempre a vida na chácara foi só momentos bons, também teve os momentos difíceis, que da mesma forma marcaram a minha infância. Em 2010, faltando alguns meses para completar 7 anos de idade, perdi minha avó Deusina para um câncer. Apesar de ter lidado com a partida da minha avó paterna anteriormente, dessa vez parecia ser mais doloroso de lidar com o luto, provavelmente porque, dessa vez, eu já tinha idade suficiente para entender, pela primeira vez, o que era a morte e que nunca mais veria minha vozinha materna.

Era com minha avó Deusina que eu passava a maior parte do meu tempo, pois minha mãe trabalhava e sempre me deixava com ela. Lembro-me de acordar cedo só para observar minha avó preparando o café da manhã e depois varrer o terreiro. Eu era a neta caçula, tinha o Arthur que também era mais novo, mas eu passava mais tempo com ela. Ela sempre me deixava e buscava na creche, era pertinho e íamos a pé, na maioria das vezes eu ia o caminho todo chorando, pois não gostava da escolinha, e minha vó, sempre muito rígida, quase nunca me deixava faltar às aulas. Da mesma forma, era com meus primos mais velhos, que ela criou desde o nascimento.

Lembro-me de quando ficava só eu e ela em casa, sempre me procurava pelo quintal, atrás de me dá alguma fruta e saber o que eu estava aprontando. Às vezes se sentava debaixo do pé de manga, onde eu costumava brincar de casinha, para ver o que eu estava preparando de comidinha, e sempre fingia experimentá-las. Gostava de

quando ela me colocava para dormir durante a tarde: me dava banho, deitava comigo na rede e cantava as cantigas de ninar enquanto balançava a rede com o pé, fazia isso até eu pegar no sono.

Durante a noite, quando era ela quem me colocava para dormir, sempre fazia eu rezar antes de ir deitar-me. Com ajuda dela eu rezava o pai nosso e depois fazia a seguinte oração para pedir proteção: "Com Deus eu me deito, com Deus eu me levanto, com a graça de Deus e do Divino Espírito Santo. Bênção papazinho do Céu, Bênção mãezinha do céu!".

Quando minha avó ficou doente, ela precisou ir para Brasília, onde meus outros tios moram, em busca de tratamentos. A partir daí, muitas coisas foram mudando, meses depois minha mãe precisou ir para acompanhá-la nos tratamentos, e como não tinha ninguém para cuidar de mim e da minha irmã, que devia ter uns 9 meses de vida, ela teve que nos levar.

Eu já havia visitado Brasília antes, mas dessa vez os motivos eram outros. Eu que já estava acostumada com o ritmo de vida que levava no interior, tive que me acostumar, por alguns meses que pareceram anos, com a vida na cidade grande. As brincadeiras agora eram limitadas, quase não tinha muito contato com a natureza e passava a maior parte do tempo trancada em casa. Muito dificilmente via minha mãe ou minha avó, pois elas ficavam no hospital e quando saíam, logo tinha que voltar.

Minha irmã sentia muita falta da minha mãe, e na maioria das vezes não queria saber de ninguém, além de mim e do meu colo, o que me doía o coração, pois eu também sentia muita falta delas. Havia noites que eu chorava quietinha antes de dormir, para ninguém notar. Sentia falta de tudo e de todos, não sabia quando voltaria para casa. Quando minha avó recebeu alta, pudemos finalmente retornar para casa e acabar com toda a saudades. Pude voltar a brincar com meus primos no barro vermelho da chácara, e matar a saudade da minha família.

A minha ingenuidade de criança me fez acreditar que minha tão querida avó já estava bem de saúde e que só estava se recuperando. Infelizmente não foi isso o que aconteceu, cerca de 15 dias depois de ter voltado de Brasília, eu vi minha avó falecer na sala de casa, dentro de uma rede. As lembranças que tenho desse dia é como se tudo tivesse acontecido como um flash, tudo muito rápido. Eu sabia que

nunca mais a veria e isso me fazia chorar de desespero. Depois desse dia eu passei a sentir medo de perder as pessoas que eu amava.

Depois que minha avó partiu tudo começou a ficar diferente, as brincadeiras de antes já não eram tão frequentes, a chácara tornou-se um lugar triste. No mesmo ano, eu ingressei no primeiro ano do ensino fundamental, foi onde passei por mais uma fase difícil, tive dificuldades de me adaptar a escola. Sofria constantes violências psicológica, verbal e física de uma das professoras que me dava aula.

Atualmente, refletindo sobre isso, vejo o quanto a postura dessa professora era lamentável e o quanto me prejudicou na minha vida escolar, fazendo com que eu carregasse traumas durante muito tempo. A palmatória e castigos físicos tornou-se ilegal por volta de 1980, mas há 13 anos atrás ainda era comum professores com essas atitudes autoritárias.

No começo de 2011 minha mãe decidiu que iríamos morar em Brasília, e dessa vez tive que me adaptar à cidade grande. Os brinquedos começaram a tomar lugar das brincadeiras ao ar livre, que só aconteciam na escola nova, ou quando me juntava com meus outros primos, os banhos de piscina tomavam lugar dos banhos de rio.

Foto: : Com minha irmã Julianny no parque Ana Lúcia de Brasília-DF em 2011.



Fonte: Arquivo pessoal

Lembro-me o quão era divertido as visitas ao zoológico, piqueniques, passeios ao shopping, parques, que fazia com meus primos e minha irmã, acredito que esses momentos de diversão facilitaram a minha adaptação na cidade.

O lugar onde eu morava era um setor periférico, não era tão perigoso, mas vez ou outra presenciava uma cena de crime no dia a dia. Como a vida na cidade grande é uma correria, muitas vezes minha mãe mal parava em casa por conta do trabalho e eu me sentia muito sozinha, apesar de ter outras pessoas para ficar comigo.

Meus primos mais velhos que também moravam na chácara, um tempo depois foram morar em Brasília, apesar de ter eles por perto,

ainda sentia falta dos meus avôs, do Arthur, dos meus tios e tias que moravam no maranhão. Nesse tempo ainda era difícil ter acesso às redes sociais, o que dificultava o nosso contato.

Em junho de 2013 voltei para Porto Franco, eu havia acabado de fazer 10 anos de idade, e agora tinha que me adaptar novamente, dessa vez mais fácil, pois já conhecia o lugar, já me sentia pertencente a ele. Porém, tive que me adaptar a um novo bairro, uma nova casa. Tive que me acostumar com a escola, fazer novos amigos, o que para mim era muito difícil pois tinha dificuldades para socializar.

Fonte: Foto: Rio Tocantins, 2013.



Fonte: Arquivo pessoal

A chácara já não existia mais, o que me deixou bastante triste, pois era o lugar que eu amava, o lugar que eu criei memórias boas da minha família, foi o primeiro lugar que tive como lar. Meu avô, agora morava em outro bairro, os moradores da vila já não tinham as mesmas tradições, muitas coisas mudaram. Mas, isso não impediu de que continuasse vivendo coisas boas na minha infância. Depois que voltei para Porto Franco, nunca mais saí, aqui concluí a fase da minha infância, fiz amigos que até hoje estão presentes na minha vida, vivi momentos e experiências que só são possíveis de viver durante essa fase tão importante.



Fotos: Aos 3 e 4 anos, no quintal de casa e onde ficavam as plantações de milho



Fonte: Arquivo pessoal.

## CONCLUSÃO:

Falar da minha infância é um assunto que me sensibiliza, sempre vou recordar-me com carinho e saudades, pois as memórias da minha infância são uma parte muito importante da minha história de vida. Ela marcou o início da minha vida, o período em que comecei a descobrir o mundo, formar minhas primeiras relações interpessoais, e por isso, tem um papel significativo na formação da minha identidade.

Percorrer essas memórias é um tanto desafiador, e simultaneamente reconfortante, pois trazem à tona as emoções e experiências que vivi nessa fase e possibilita estabelecer uma conexão dessas experiências com a vida adulta, o que me permite uma nova concepção sobre minhas escolhas, hábitos e crenças.

Comparando as minhas experiências com as percepções de infância dos séculos passados percebo, que de lá pra cá, a infância passou por constantes transformações. Por muito tempo a infância e as crianças foram desvalorizadas, mas através da história da infância, podemos perceber que, a partir do século XIX Até os dias atuais, aconteceram diversas transformações a respeito da infância. Atualmente, no Brasil, por exemplo, existem políticas públicas que garantem os direitos das crianças e sua proteção, sendo isso, resultados das mudanças sociais e políticas.

## BIBLIOGRAFIA:

ARIÉS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC,1978.

HEYWOOD, Colin. *Uma História da infância da idade média à época contemporânea no ocidente*. Porto Alegre, Artmed,2004.

LEVIN, E. *A infância em Cena: constituição do sujeito e desenvolvimento psicomotor*. Petrópolis, RJ: Vozes,2002.

LOPES, Francisca Rodrigues. *Legislação e políticas públicas para a educação infantil*. [S.l.: sn], 2004.

## 10. MEMÓRIAS E SAUDADES DE UMA INFÂNCIA FELIZ

Millena Matos Fernandes

### INTRODUÇÃO

A infância é um momento de grande importância para que o indivíduo aprende a se relacionar e viver em sociedade, desenvolvendo habilidades fundamentais para a sua formação humana. É a fase mais bonita da vida, onde não existe maldade, desigualdade, injustiças e podemos desfrutar de todas as coisas boas que o mundo tem pra oferecer. É o período que marca e constitui o ser humano, é uma fase de descobertas, aprendizagens e muita diversão, pois é por meio do brincar que conseguimos conhecer e interagir com o mundo.

Falar sobre as memórias da minha infância é algo complexo, pois minhas lembranças desse período da minha vida são muito vagas e, muitas vezes, são apenas “flashes” de determinados momentos ou acontecimentos. Ao escrever este ensaio, espero conseguir puxar do fundo do meu subconsciente coisas boas para relatar, pois, minha infância foi repleta de bons momentos, onde pude desfrutar devidamente da vida e das coisas boas que ela tem para nos oferecer. Contarei com a ajuda de meus pais e minha irmã para contar aqui os

mínimos detalhes.

Minha pretensão é escrever sobre algumas das principais memórias de fatos que ocorreram durante a minha infância, tentando relatar as memórias de forma crescente, para que, assim, os leitores possam compreender e acompanhar os acontecimentos que me fizeram ser quem sou atualmente. Vou começar relatando sobre a primeira casa onde morei, sobre as cores, cheiros e barulhos que vem à minha cabeça quando relembro esse local. Falarei também sobre as mudanças de casa que fiz, sobre a chegada da minha irmã, viagens, passeios, amigos, brinquedos e brincadeiras que eu gostava etc. Tentarei ao máximo abordar detalhadamente todos os relatos que aqui serão escritos, pois acredito que assim o leitor possa exercitar sua imaginação e compreender melhor os cenários e relatos.

Antes de começar a escrever os relatos, preciso me apresentar. Me chamo Millena Matos Fernandes, nasci no dia 22 de março de 2003, na cidade de Porto Franco-MA, onde resido desde então. Atualmente tenho 20 anos e estou cursando Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT. Sou filha de Alcione e Lamax, tenho duas irmãs, uma que se chama Émilli e atualmente tem 15 anos (filha da mesma mãe e meu pai), e outra que se chama Nicolly e tem 5 anos (filha do meu pai com outra mulher).

## 1. Memórias marcantes

Recordo-me vagamente da primeira casa onde morei do meu nascimento aos meus 4 anos de idade. Morávamos de aluguel em uma casa pequena e comum, com dois quartos, uma sala/cozinha, um banheiro e uma área na frente. O quintal também era pequeno, não era cimentado e nem murado, tinha um pequeno espaço onde minha mãe usava como lavanderia. Na frente tinha uma área e um portão de madeira, o qual era fechado com uma corrente que lembro exatamente o barulho que fazia quando meu pai chegava do serviço e abria o portão. A casa não era pintada, apenas rebocada, e o chão era de cerâmica. Minha mãe pintou o meu quarto antes de eu nascer, ela pintou de branco e fez umas flores amarelas. Ela disse que quando pintou ainda não sabia se eu seria menino ou menina, mas tinha quase certeza que seria menina, por isso quis arriscar em uma decoração mais feminina, mas que servisse para ambos os sexos.

A casa da frente era da minha tia e eu e meu primo passávamos o dia inteiro brincando juntos. O nome dele é Sávio e temos quase a mesma idade, pois ele é mais velho que eu, apenas um ano. Brincávamos de tudo, mas o que mais gostávamos de fazer era brincar em um monte de barro vermelho que tinha em frente a casa dele. Meu tio, (pai do Sávio), tinha uma bicicleta cargueira, e sempre que víamos ele dobrar a esquina, corríamos e subíamos na bicicleta para ele nos trazer até em casa. Tínhamos alguns amigos que moravam na mesma rua, a maioria deles eram meninos, en-

Uma das coisas que eu mais gostava de fazer era ir tomar banho no rio Tocantins com o meu pai. Recordo-me que ele chegava do serviço às 17h, trocava de roupa e me levava para banhar no rio. Ele sempre fazia um esforço para chegar mais cedo e poderemos passar mais tempo no rio. Nós brincávamos no parquinho e ele me empurrava tão alto no balanço que me dava frio na barriga, mas amava.

tão eu não tinha muitas escolhas, ou brincava de “brincadeiras de meninos” ou brincava sozinha.

Foto: Eu e meu primo Sávio.



Fonte: Arquivo pessoal

Às vezes juntávamos toda a família e íamos para o rio no fim da tarde e ficávamos lá até o sol se pôr e começar a escurecer.

Foto: Eu e meu pai depois de um dia de praia



Fonte: Arquivo pessoal

Em época de praia íamos de manhã bem cedinho e passávamos o dia inteiro por lá. Comíamos peixe assado nas barracas que vendiam comida e eu e meu primo banhávamos tanto que ficávamos com a pele toda enrugada e os olhos bastante vermelhos. Eu ficava tão cansada que dormia no caminho para casa e quando acordava já estava na minha casa, no meu quarto, de pijama.

Aos 3 anos fui daminha de honra do casamento do meu tio. Recordo-me que estávamos na igreja um dia antes do casamento, ensaiando, eu estava descalça e quando foi a minha vez de entrar, pisei em uma abelha que ainda estava com o ferrão e acabou ferroando a parte de baixo do meu pé. No outro dia, o dia do casamento, meu pé estava tão inchado que quase não coube no sapatinho que eu ia usar. Mas apesar da dor e do desconforto, consegui entrar na igreja e levar as alianças até o altar. Lembro também da cabeleireira que arrumou meu cabelo ter puxado tanto e feito um penteado super apertado que deixou a minha testa enorme, chegou até a ficar ferido o meu couro cabeludo após o casamento. Sempre que vejo essa foto (inserida abaixo) lembro-me vagamente da sensação que senti quando entrei na igreja e vi aquele grande número de pessoas me olhando. Fiz de tudo para andar direitinho e não derrubar as alianças.

Foto: Eu vestida de dama de honra



Fonte: Arquivo pessoal

Uma das coisas que eu mais gostava de fazer era viajar nas férias de fim de ano para a cidade dos meus avós maternos, Nova Olinda-MA. Recordo-me de passar o ano inteiro perguntando para a minha mãe quantos dias faltavam para as férias, para a gente viajar. Lá é uma cidade pequena, um interior, onde a maioria dos moradores são pes-

soas mais velhas, e não tem muitas coisas para visitar, como shopping, por exemplo. Mas apesar disso, eu amava. Logo fiz amizade com a filha da vizinha da minha avó, que se chamava Rayssa e que tinha a mesma idade que eu.

Acordávamos bem cedinho e passávamos o dia inteiro brincando juntos, eu, Rayssa e o meu primo Sávio. Subíamos nas árvores que ficavam em frente a casa da minha avó, corríamos pelo quintal, jogávamos bola na rua e íamos pegar azeitona na casa de outra vizinha. Íamos na Lan house que ficava próximo e passávamos a tarde inteira jogando nos computadores, pois não tínhamos internet e nem celular naquela época.

Uma das coisas que eu mais gostava de fazer era assar castanha de caju. Meu avô sempre juntava muitas e esperava nossa ida para assarmos e quebrarmos todos juntos. Eram tantas castanhas que meus dedos passavam semanas "sujos" e despelando. Passávamos o mês inteiro lá, mas na última semana que ficaríamos lá tentávamos aproveitar o máximo possível, pois só voltaríamos novamente nas próximas férias de fim de ano.

Aos 5 anos de idade, eu e meus pais nos mudamos para uma outra casa, que ficava próximo a casa do meu tio, e bem de esquina com o cemitério da cidade. Essa casa era maior que a antiga, tinha uma sala, uma cozinha grande, 2 quartos, 2 banheiros, um deles no quintal, uma área grande na frente e um quintal bem grande no fundo. No começo vivíamos só eu, minha mãe e meu pai, mas logo minha mãe descobriu que estava grávida, e eu escolheria o nome.

Quando minha irmã nasceu, ganhei uma companheira. Como na minha rua moravam apenas pessoas mais velhas, não havia crianças para brincarem comigo, então eu brincava sozinha, e depois da chegada da minha irmã passei a me sentir menos sozinha. Nós adorávamos brincar com as bonecas Barbies que tínhamos, montávamos a casinha e dobrávamos todas as roupinhas e assim, passávamos horas presas naquela brincadeira.

Eu sempre fui apaixonada por todos os tipos de animais. Uma vez meu pai chegou do serviço com um presente para mim: uma coelhinha branquinha de olhos vermelhos. Notamos que ela estava meio triste, por estar sozinha, então meu pai trouxe um coelho, para fazer companhia. Eles começaram a se reproduzir em uma velocidade absurda, e quando paramos para contar já havia 67 coelhos espalhados

pelo quintal. Eu adorava ajudar meu pai a dar ração e cenoura para eles e a correr atrás deles para colocá-los de dentro da casinha que meu pai construiu no fundo do quintal (que antes era onde eu e a minha irmã brincávamos).

Com o passar do tempo, meu pai já não estava mais aguentando a quantidade de coelhos, então foi dando aos poucos até que restou somente um. Já tive muitos animais de estimação, como coelho, jabuti, papagaio, peixe, um bode, um camaleão e até mesmo uma cobra. Mas de todos, há uma que se destaca.

Como o meu aniversário e o da minha irmã são próximos (eu nasci dia 22/03 e ela dia 31/03) sempre ganhamos presentes juntas. Quando eu fiz 7 anos e a minha irmã 2 ganhamos um dos melhores presentes que poderíamos ganhar: uma cachorrinha da raça Poodle, que demos o nome de Lattyfa. Eu sempre fui apaixonada por todos os tipos de animais, e sempre quis ter um cachorro, quando ela chegou, encheu ainda mais a minha vida de felicidade. Atualmente ela tem 13 anos, e não gosto nem de pensar na sua morte, não sei o que seria de mim sem ela, pois mesmo sem dizer uma palavra, ela sempre soube exatamente do que eu precisava, que era apenas a sua companhia e o seu amor.

## 2. Brinquedos

Como nunca tive muitos amigos no meu bairro, pois a maioria dos meus vizinhos eram pessoas mais velhas, sempre tive muitos brinquedos e sempre brinquei sozinha. Eu tinha o maior cuidado com cada um dos meus brinquedos, tinha um apego emocional muito grande a eles, e por isso morria de ciúmes. Vários brinquedos marcaram a minha infância, como uma boneca da atriz e apresentadora Angélica. Eu tinha 4 anos quando a ganhei e ela tinha o meu tamanho. Eu vestia as minhas roupas nela e as dela em mim. Dormíamos e tomávamos banho juntas, e eu sempre chorava porque a minha mãe não deixava eu levá-la para escola comigo.

Quando tinha por volta de 7 anos, se mudou para a casa ao lado da minha uma menina que tinha uma família muito humilde e ela não tinha muitos brinquedos. Fizemos amizade e quando ela viu a minha boneca ficou encantada. Meses depois ela e sua família se mudaram e, antes que ela fosse embora, eu separei alguns dos meus brinquedos e a boneca e dei para ela, com um aperto no coração, mas sabia que ela

iria fazer bom proveito e cuidar dela direitinho.

Dentre os vários brinquedos que queria citar aqui, há outro que também é bastante especial e significativo para mim. Ele é um macaco de pelúcia, e se chama Tadeu. Ganhei ele quando tinha 6 anos e ele se tornou muito importante, pois o ganhei quando estava começando a dormir sozinha no meu quarto e eu sempre via sombras, vultos e ouvia barulhos durante a noite, o que me deixava com muito medo. A pessoa que me deu esse macaquinho de pelúcia disse que ele era mágico e ia me proteger de todo mal quando eu fosse dormir, então passei a dormir com ele todas as noites, até hoje.

Acredito que a melhor parte da minha infância foram os meus brinquedos, pois como citei, não havia muitas crianças ao meu redor, por isso brincava sozinha a maior parte do tempo, adorava inventar histórias e criar cenários com meus brinquedos. Passava horas e horas no meu quarto, em um mundo mágico longe de todo o caos. Ainda tenho guardado boa parte dos meus brinquedos, e sempre que os vejo meu coração se enche de felicidade e saudade.

## CONCLUSÃO

Concluo que a infância é o período mais gostoso da vida. E a partir das memórias que pude recordar ao escrever este artigo pude ter certeza de o quão boa fora a minha infância. Todas as brincadeiras, viagens, pessoas e acontecimentos me fizeram ser quem sou hoje, e acredito que a Milena do passado teria muito orgulho da Millena do presente. Guardarei para sempre em meu coração as boas e más memórias que tenho, pois ambas me proporcionaram grandes aprendizados e me fizeram amadurecer. A infância quando é vivida corretamente é muito valiosa para o crescimento e amadurecimento pessoal, sem falar no quanto é gostoso lembrar de épocas tão felizes.



## 11. MEMÓRIAS DE UMA INFÂNCIA MARCADA POR ENCONTROS E SAUDADES

Pedro Lucas Nunes Lopes

### INTRODUÇÃO

A infância é uma fase ímpar de nossas vidas, marcada por lembranças, brincadeiras, ludicidades, imaginação e pelo tempo, que parece ser todo nosso. Ao crescermos nos restam as lembranças, e as marcas do que foi importante, seja do brincar ou do tempo, que parecia estar à nossa disposição. Nesse ensaio, busco fazer uma reflexão sobre os encontros marcantes com familiares e a saudade após cada um deles. Além da valorização desse tempo, cada dia, horas, minutos e segundos.

Minha infância foi repleta de brincadeiras e descobertas, apesar de desde criança ser muito caseiro, nunca privei-me de tais atividades como pega-pega, esconde-esconde, peteca, empinar pipa, futebol, pau-na-lata<sup>1</sup>, dentre outras. Porém, o que eu gostava mesmo era de viajar para a casa do meu avô, o cenário perfeito para uma criança brincar. Desde que me entendo por gente, meu avô sempre morou lá, no alto de uma serra no interior do Ceará, a uns 16 km de distância da cidade, constituída por uma associação de agricultores. A Vila compõem-se de poucas casas, dois barreiros<sup>2</sup>, duas casas de farinha, uma ladeira enorme como um canudo enrolado, muitas árvores e roças, além de uma vista de tirar o fôlego, que sempre me encantava, como se fosse a primeira vez.

Como de costume, viajávamos normalmente uma vez por ano para lá, onde toda família se reunia para comemorar o Natal e o Réveillon, era uma festa só. Vale ressaltar que quase toda minha família é de lá, então eu sempre revia meus primos distantes, de primeiro a quarto grau, tios que não conhecia e, também, aqueles que eram bastante próximos. Eram semanas cheias de felicidades, desde dormir todos amontoados na sala, as brincadeiras na rua com os meus primos, as aventuras nas matas ou na farinhadas<sup>3</sup>,

1. Conhecida como pau-na-lata, taco, beisebol, bete, dentre outros nomes a variar de acordo com as regiões do Brasil. Constitui-se em uma brincadeira feita com tacos de madeira e garrafas pets, onde o objetivo consiste na dupla marcar mais pontos a cada tacada, a depender da distância do arremesso.

2. Construção feita cimento em forma de um funil para armazenar água das chuvas.

3. Evento ocorrido para a extração da mandioca com o intuito de torná-la farinha, a qual envolve várias etapas

aprender a andar de moto, montar a jumentos, cuidar das cabras, dos porcos e das galinhas, além de acompanharmos nosso avô na ida às roças, e o banho gelado da água da cisterna<sup>4</sup> à noite. Isso tudo pode parecer muito cansativo, mas na verdade, fazíamos tudo de boa vontade e empolgados de estarmos ajudando.

No entanto, uma semana antes de minha tia voltar para sua casa, tudo ficava meio cinza e triste, lembro-me da sensação, é como se eu estivesse perdendo tempo, podia senti-lo escorregar pelas mãos, ou mesmo do choro incontrolável e dos inacabáveis soluços, logo após isso, só me restava saudade e ansiedade para que o ano acabasse novamente, e que com o fim dele pudéssemos nos reencontrar novamente.

## 1. A Semana da viagem

A semana da viagem era sempre de muita ansiedade e frio na barriga, a cada dia que passava estava mais perto de encontrar meus primos, meu avô, tios e tias. Por morar próximo a cidade de meu avô, minha tia Vera, irmã da minha mãe, e a caçula dos filhos do Sr Manuel Chaga, chegava sempre uma semana antes de nós, o que aumentava mais ainda a sensação de que logo, logo nos encontraríamos.

Costumávamos viajar próximo aos dias 18 ou 20 de dezembro, era quando meus pais tinham férias de seus serviços, por ser próximo ao final do ano, lembro-me também da minha ansiedade em relação aos estudos, não poderia de nenhuma maneira alguma ficar de recuperação ou prova final, pois atrapalharia todo o andamento da viagem. Sendo assim, me esforçava nas aulas e estudava bastante para as provas do 4º bimestre, a fim de ser aprovado o mais rápido possível. A semana da viagem era uma loucura, íamos a alguma loja comprarmos algumas mudas de roupas e calçados, cortávamos e arrumávamos as unhas, lavávamos as roupas para colocarmos nas malas e deixávamos a casa sempre limpa para quando chegássemos, era como se fosse um ritual, o qual cada um sabia o que fazer.

Segundo minha mãe, a nossa primeira viagem ocorreu quando eu tinha por volta de 1 ano de idade, mas "a minha primeira viagem", à qual me recordo foi quando tinha 5 anos de idade. Como meu pai não tinha carro próprio, então viajamos de ônibus e aquela foi a primeira

---

*manuais, desde a extração da raiz, descascá-la, lavá-la, dentre outras.*

4. Construção feita de cimento para o armazenamento de água potável.

vez que me lembro de ter andado de ônibus, pois fiquei enjoado e com dor de cabeça. Mas tudo isso valeria a pena, pois em breve chegaria a casa de meu avô.

Algo que me recorro desde cedo são das paisagens que compunham as estradas ao nos aproximarmos da cidade de Parambu-CE, a qual reside meu avô, caracterizado as vezes pelas secas, açudes vazios ou pelo verde das matas, a depender das chuvas; as rochas e as altas ladeiras, das casas bem próximas umas das outras, sempre com cores bem coloridas, calçadas altas, com cerâmicas ou não, as cisternas ao lado de cada uma delas e os cajueiros, por todas as partes.

Por se localizar a 13 horas de viagem de Porto Franco, o que equivale a uns 1.000 km aproximadamente, era sempre uma viagem cansativa, porém, tudo valia a pena no final, era recompensante todas aquelas BRs, paradas aos postos, pés inchados pela má circulação, enjoos e dor de cabeça, pois no final a recompensa era finalmente estar próximo de quem eu não via a 12 meses, a quem eu sentia saudade todos os 365 dias do ano. Algo marcante de que me recorro tão bem, são as castanhas de caju assadas que são vendidas às margens da BR, e como de costume sempre comprávamos algumas. Essa atividade é característica do estado do Piauí o qual faz divisa com o estado do Ceará, era quando pensava “estamos perto de chegar”.

## 2. Encontros

Por fim, ao chegarmos era uma felicidade só, acompanhada da ansiedade e nervosismo do encontro com aqueles que não víamos a tanto tempo, meus tios e tias, meu avô, e os meus primos, chorava sempre ao revê-los, era uma mistura de sentimentos, acompanhada de saudade, alegria e alívio por estar fisicamente com eles.

Tais encontros sempre aconteciam na casa da sogra da minha tia, em um bairro da cidade a qual se chama “Beleza”, uns do mais conhecidos do município, era uma rua sem saída, apenas com entrada, constituído de casa, umas “coladas” às outras, todas pintadas, com calçadas altas e diversas. Por muito tempo a porta da casa da sogra da minha marcou-me, pois ao cruzar aquela porta estaria prestes a vê-los, a abraçá-los. Depois de encontrarmos alguns parentes que moravam nesse bairro, subimos para a Serra das Moças, a qual mora meu avô, um caminho um tanto longo, porém recompensador, sem falar nas paisagens que chamavam bastante atenção.

Sempre fazíamos o mesmo trajeto, então já sabia quando estava próximo de chegarmos, após subirmos toda a ladeira, contava-se umas 10 casas, um último bar e uma curva à direita, lá estava a vila onde meu avô mora, várias vezes o encontramos na calçada de casa, ansioso nos esperando, outras vezes estava para a roça, dando comida aos animais. Mas a sensação de chegar a sua casa era sempre reconfortante, é como se finalmente pudesse descansar e aproveitar os dias de férias com toda a família.

### 3. A Casa do meu Avô

Um dos cenários mais memoráveis de minhas lembranças diz respeito a casa do meu avô, lembro-me de cada detalhe, apesar de ter sofrido pequenas mudanças, ainda consigo distingui-las e assimilá-las aos detalhes que guardei comigo desde criança.

A casa do meu avô é a quarta casa à esquerda, composta por dois quartos, uma sala, duas cozinhas, uma despensa, um quintal enorme uma área no fundo, e uma área na frente, onde até hoje tem um banco de madeira e cadeiras de balanço, onde passava-se a tarde conversando e balançando nas cadeiras, ao lado direito da casa há uma cisterna, onde ficava parte do dia deitado, contando histórias, brincando de pega-pega ou de esconde-esconde com os meus primos.

No quintal da casa do meu avô havia várias galinhas e perus, por ser associado a uma associação de agricultores, os terrenos eram demarcados e extensos, dessa maneira, mais distante, logo após o quintal próximo de casa poderíamos encontrar o barreiro, alguns pés de cajú, o chiqueiro dos porcos e mais longe a roça em que ficava as cabras e os bodes.

Sempre fazíamos esse percurso no primeiro dia que chegávamos, tínhamos curiosidade de saber como estava cada canto, o que havia mudado, se o barreiro estaria cheio ou não, os bichos e toda a extensão do terreno, desbravávamos como aventureiros em uma jornada, eu e meus primos.

Por se situar no alto de uma serra e pela distância da cidade, a vila não era tão movimentada. Havia uma rua principal que levava a outra serra, e uma outra rua entre as casas, que levava a casa de farinha e as outras roças que ficavam mais distantes, era na rua que "cortava" as casas que eu e meus primos brincávamos. A rua era de areia,

daquelas bem fininhas, caminhávamos na maioria das vezes descalço por ser terapêutico, mas na verdade aquela areia nos proporcionava diversas brincadeiras, jogávamos bola, pega-pega, guerra de mamona congelada<sup>5</sup>, dentre muitas outras brincadeiras que garantiam nossas tardes de alegria.

Algumas brincadeiras em específico dizem respeito a um “torneio” de vôlei o qual participei, onde jogaram também alguns dos meus primos adultos, nesse dia me senti o máximo por estar participando de uma atividade com todos eles, a outra refere-se ao dia que ensinei meu primo Gabriel, a andar de bicicleta, foram várias quedas, roxos e marcas até ele conseguir a conduzir a bicicleta sozinho, mas ver a felicidade dele ao conseguir foi extraordinário.

Por haver apenas dois quartos, na hora de dormir fazíamos sempre uma distribuição de pessoas para nos acomodarmos nas camas, nas redes ou até mesmo nos sofás. Meus primos e eu, preferiríamos dormir nas redes na sala, para podermos assistir aos filmes que estavam sendo exibidos, por passarem muito tarde, acabávamos ficando acordados até às 23:00 horas da noite para assistirmos. Algo que prezava sempre, apesar de estar de férias, era acordar cedo, pensava comigo mesmo que, se acordasse mais cedo poderia aproveitar mais o tempo com minha família.

Por ser uma região que às vezes sofre com as secas, era normal buscarmos água nas cisternas para enchermos os potes, fazermos comidas, enchermos as garrafas da geladeira ou até mesmo para lavar as roupas. Portanto, tais atividades eram divididas pela minha mãe ou por minha tia, onde eu e meus dois primos ficávamos responsáveis ou por varrer a casa, encher os potes e encher as jarras da geladeira, fazíamos sempre com pressa para conseguirmos aproveitar o resto do dia brincando.

#### 4. A casa do meu Avô: o lugar ideal para uma criança brincar

Costumávamos brincar de tudo um pouco, meu primo Victor morava como meu avô, então ele conhecia toda a vizinhança e os caminhos que levavam as roças, o que favorecia nossas brincadeiras e aventuras. Sou o mais velho dos meus primos, dessa forma sempre caía sobre mim alguma responsabilidade, mas sempre procurava me

5. Brincadeira parecida com pega-pega, a qual as crianças fingem estarem “congeladas” ao serem pegas durante a brincadeira.

divertir e às vezes separar algumas brigas entre Victor e Gabriel.

Por ser na zona rural não havia movimento algum na rua da vila, o que era bom, pois aproveitávamos tal calma e espaço para jogarmos bola, correr, brincar de esconde-esconde, pega-pega, guerra de mamona, andarmos de bicicleta ou até mesmo irmos na casa da farinha, verificarmos como estava tudo por lá. Desde criança gostava muito de tirar fotos, e a casa da farinha era um dos lugares mais lindos da serra, pois é toda construída de tijolinhos, além de uma árvore linda que tem ao seu lado com uma espécie de flor vermelha, que ao florir cobria o chão como um tapete. Do lado da casa de farinha morava um senhor chamado Fortuna, o qual tínhamos medo de levarmos bronca por estarmos algumas vezes em suas terras.

Foto: Construção feita de tijolinhos destinada ao processo de fabricação de farinha de mandioca, onde eu, e meus primos costumávamos brincar e nos aventurarmos.



Fonte: Arquivo pessoal.

Uma brincadeira simples mas peculiar que fazíamos era andar de bicicleta no barreiro quando estava seco, por ser no formato de um funil e tanto quanto fundo e ao mesmo tempo alto era uma atividade que dava frio na barriga, como desde de sempre sou preocupado temia o pior, então meus primos sempre iam primeiro até eu tomar coragem e me aventurar nessa adrenalina.

Algo bastante recorrente e que sempre fazíamos era juntar

castanhas de cajú para assar, por haver bastantes cajueiros na região, juntávamos muitas, meu pai ou o meu tio assavam, enquanto nós, ficávamos responsáveis por quebrarmos as castanhas, trabalho dificultoso onde saíamos sempre sujos como se estivéssemos trabalhando em uma carvoaria, o que nos desanimava, pois, a água da cisterna era gelada de doer a cabeça. Por várias vezes meus primos saíam ainda sujos do banho e tinham que banhar novamente por estarem sentindo muito frio, era uma comédia. Costumávamos brincar com esta situação em dizer: “Quem quer comprar meu banho”?

Não havia momentos tristes com os meus primos, apesar da distância, e por nos vermos poucas vezes no ano, até mesmo uma vez por ano, prezava bastante por sempre criar e recriar os vínculos com eles, sempre os vi como irmãos mais novos.

## 5. Despedidas

Por conta do trabalho, minha tia sempre era a primeira a ir embora, antes mesmo da passagem do novo ano, logo depois do Natal. Mesmo antes da data da sua viagem de volta, já podia sentir sua falta, e a do meu primo, era quando os dias começavam a ficar cinzas e tristes. Sempre fui muito apegado a ela e ao meu primo Gabriel, sentia muito a falta dos dois.

Não só eu, como toda a família sentia com a despedida, era um chororô só, mesmo meu avô que por vezes tentava não demonstrar sentimentos algum, ficava emocionado e cabisbaixo. Lembro que, por muitas vezes me perguntava o porquê de a saudade doer tanto, e por morarmos todos distantes uns dos outros, eu era novo demais para entender tamanha complexidade, mas era velho o suficiente para aproveitar cada momento, e a importância de cada um deles ao lado de quem eu amava.

É como afirma o escritor Saint-Exupéry (Apud Bacubaum, 2004): “Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.” E cada encontro e despedida com meus familiares eu deixava um pouco de mim em cada um, e levava comigo um pouco de cada um deles comigo, era forma de “aliviar” a saudade e estar de certa forma, “próximo” de cada um deles.

## CONCLUSÃO

Mediante a todos os fatos acima, é inevitável afirmar que as viagens a casa de meu avô e os encontros com todos os meus familiares foi algo que marcou bastante minha infância. As brincadeiras citadas, as vivências com todos eles, os encontros e até mesmo a casa de meu avô contribuíram de certa forma, para a composição de quem sou atualmente, para a construção das minhas subjetividades.

Dessa maneira, destaco com a escrita deste artigo, ao rememorar minhas vivências quando criança, a importância da infância como um momento crucial para a formação do indivíduo enquanto um ser subjetivo e único, pois são as experiências e aprendizagens na infância que moldaram o futuro adulto que irá se formar, além da contribuição para a sua própria fase de desenvolvimento cognitivo.

## REFERÊNCIA:

BACUBAUM, Paulo,. *Frases Geniais*, São Paulo: Ediouro, 2004.



## 12. A CRIANÇA DAS ÁGUAS DO TOCANTINS

Raquel Cassiano Dos Santos

### INTRODUÇÃO

As minhas mais belas lembranças são as da infância, época pura e de muitas brincadeiras, onde passamos por vários problemas, mas todos se resolvem com um banho e uma boa noite de sono. A pureza e a inocência no olhar de uma criança são encantadoras, as preocupações se resumem a “em que lugar vou me esconder agora?”; “será que a professora vai brigar comigo por que eu não fiz a tarefinha?” ou “minha mãe já vai me chamar para banhar”. Neste texto vou trazer a infância de uma criança que cresceu em na zona rural de Tocantinópolis e viajante ao sertão da chácara da família, criada nas águas do rio Tocantins, com banhos frios nas madrugadas e histórias de brincadeiras e sustos pelas viagens.

O objetivo em que escrevo é relembrar as memórias da infância, trazendo principalmente os elementos da vida no sertão, as memórias e histórias na chácara da família e um pouco do que eu passei aos três anos quando tive que sair com meus pais às pressas da casa onde morávamos onde tudo hoje é um clube policial.

#### 1. A primeira casa

Essa é uma lembrança que é muito presente em meus pensamentos, especificamente o dia da saída. Eu tinha três anos de idade, em uma linda manhã de sol quando meu pai saiu para trabalhar e estava eu brincando no chão vermelho da sala quando os policiais chegaram para falar com meus responsáveis, tínhamos que deixar aquele local, pois tudo iria ser um clube policial, não me lembro ao certo o motivo pelo qual isso me fez mal, se foi a forma dura na fala deles, pelo melo armamento ou simplesmente pelo medo que toda criança tem de polícia, isso me gerou um trauma de infância.

Tenho ótimas lembranças também como os banhos ate dez ho-

ras da noite, meus pais gostavam de pescar a noite e enquanto eles pescavam eu banhava, eles costumavam reclamar e me colocar medo para que eu saísse da água dizendo que as tartarugas iriam me puxar pelo pé, eu com a coragem de uma criança respondia “rum tartaruga não mexe com ninguém não menino” e continuava a banhar até a hora de ir para casa, que ficava a poucos passos.

Nossa casa era de taipa, o piso de cimento queimado na cor vermelho bem forte, com quatro cômodos e um detalhe que muito me chama atenção, até hoje, uma caixa d’água de cimento que estava virada em frente à casa. Tinham várias frutas plantadas a beira da casa. Não tínhamos muitos vizinhos próximos, pois muitos já tinham mudado para a cidade, em razão disso também não tinham crianças para brincar comigo, meu irmão tinha nesse tempo só seis meses de vida, um neném, então eu brincava sozinha ou com meus primos quando eles iam me visitar.

Eu sempre fui uma criança de me encantar pela natureza então era um prazer brincar com borboletas, ficava encantada a cada nova cor que via, umas enormes e bastante coloridas e eu passava horas a admirá-las, à beira da casa sempre por ser uma criança medrosa. Lembro-me de um dia em que fiquei a arrancar os cabelos da cabeça por brincar com abelhas que estavam no limoeiro em frente à minha casa, elas grudaram em meu cabelo cacheado e fiquei a arrancar abelhas e cachos por um dia inteiro.

## 2. A mudança

Depois que saímos do que seria um clube policial mudamos para o povoado próximo o Ribeirão Grande Pedro Isaias, meu pai comprou um lote com uma pequena casa de apenas um cômodo que até então servia apenas como um depósito de bebidas. Passamos um tempo nesse pequeno cômodo até que terminassem de fazer uma casa no lote. Uma casa que foi feita de barro e palha, mas nela que passei toda a minha infância.

Essa casa ficava à beira da estrada principal em cima de um pequeno morro que caía um pedacinho a cada chuva que caía. A frente da casa ficava um enorme pé de manga e ao fundo um limoeiro e um pezinho de acerola, o espaço era pequeno não dava para plantar, Ao lado da casa havia um pasto, cujo a cerca não dava um metro da parede da casa. Já neste tempo eu tinha muitos vizinhos e várias crianças

para brincar e o meu irmão já crescia forte para brincar comigo.

### 3. As brincadeiras

A melhor parte da infância, essa felicidade de brincar sem se preocupar com a chuva ou com sol, banhos de chuva, pique esconde, pega-pega a são várias. Já era quase rotina, bem cedinho quando todos já tinham tomado café os meninos da comunidade iam para a minha casa assistir desenhos quando cansávamos de assistir íamos começar a brincar, no pasto ao lado da minha casa, quando não estava com bois, havia uma parte bem limpa e de areia solta que era o nosso cantinho.

No fundo da minha casa dentro do pasto tinha uma enorme mangueira ensombreada que limpávamos fazendo caminhos entre as folhas para brincar de polícia e ladrão e de casinha. Aproveitávamos os arbustos para brincar de pique esconde, até achar vacas e correr para o outro lado da cerca, peguei muita carreira de vaca nessa brincadeira. No futebol ou "taco" a "graça" da brincadeira era achar a bola que caia no mato ou descia para o meio da rua até ir parar na casa dos vizinhos, todos brincavam juntos se dividíamos somente quando as meninas decidiam brincar de boneca.

Ao final do dia todos saíam tomavam banho, faziam a refeição e voltavam para a minha casa, espalhávamos uns bancos velhos do carro do meu pai no chão e todos deitavam a contar as estrelas, contar histórias e charadas e rir até altas horas da noite.

### 4. Diversões na chácara da família

Minha família comprou uma chácara em conjunto todos os filhos da minha avó paterna e ela, essa chácara fica a 12 quilômetros da cidade de campestre do Maranhão, podendo ir de carro ou descer de barco pelo rio Tocantins, 10 quilômetros são de estradão, na piçarra e no areão, com uma vista linda. Lembro-me que quando íamos a pé até a porteira da ferrovia que passa por lá as 5 horas da manhã só pra ver o trem cargueiro passa e contar os seus cem vagões.

Acordávamos bem cedinho também, antes do sol para, buscar água no Ribeirão, pois não tinha água encanada, era uma diversão, eu e meu irmão íamos correndo na frente, mas não podia entrar na água antes de encher os galões para não entrar polme na água que seria

usada para beber, Com os galões cheios pulávamos na água sem se importar com o frio da madrugada.

O terreno é, porque até hoje ele é da minha família, na beira do rio Tocantins o que tornava a festa maior para a criançada, depois do almoço os adultos gostavam de pescar e eu como uma menina do rio não perdia um segundo, as brincadeiras de pega pega na água, queimada e várias diversões. Ao final do dia quando o sol começava a se pôr juntava aquela multidão de pessoas para brincar no enorme terreiro da casa, incluindo os adultos, o mais comum era todos fazerem uma grande roda e brincar de gato e rato e a noite de esconde esconde, encerrava a brincadeira tarde da noite e todos corriam para o Ribeirão banhar. Nas refeições faltavam cadeiras e era uma alegria ver a disputa saudável na família por cadeiras, o que colocamos o nome de sai e senta.

## 5. Histórias assustadoras

Em volta do terreno era uma enorme fazenda com vários contos, o dono dessa fazenda é muito rico e muito ruim com seus empregados e vizinhos, dizem que já mandou matar vários empregados e já tiveram vários acidentes sendo alguns deles acidentes de trabalho e acidentes com a linha ferroviária, por esse motivo muitos acreditam em aparições nesta fazenda. Minha tia e a família dela frequentava as reuniões na sede da fazenda e por vezes foi acompanhada por uma "luz" estranha que baixava para pegar as pessoas, segundo relatos ouve vitimas animas, alguns bois do fazendeiro acordavam caídos e sem sangue. Uma noite em que estava toda a família reunida presenciei a correria dos familiares vindo de uma dessas reuniões na sede uma gritaria, por conta dessa luz, meu primo chegou a atirar na luz, doideira né.

Os relatos são vários, estava em uma noite somente eu, minha tia e minha mãe na casa, quando escutamos um grito longe, parecia ser meu tio que chegava da cidade, começamos a responder e os gritos a se aproximar da casa, quanto mais perto gritava mais feio ia ficando, até gritar bem em frente a porteira que ficava a mais ou menos 700 metros da casa, o grito foi arrepiante, corremos todas para dentro de casa e não respondemos mais os gritos, que passou e gritou a uma boa distancia da casa.

## CONCLUSÃO

A minha infância foi muito feliz, aqui não conto da terça metade dela, tem algumas coisas q mudaria facilmente só para ter uma memória mais pura, mas tudo o que passamos serve de aprendizado até a infância. Uma menina que cresceu nas águas do rio, plantou roça, colheu, já ficou toda suja de carvão, brincou com plantinhas fazendo-as de boneca, ficou toda pitadinha de mosquitos, e hoje dizem que eu nasci em berços de ouro, não tenho muito do que reclamar, só agradecer a Deus pelos anos e de vida, alegrias e aprendizados.

## 13. MINHAS AMADAS BONECAS

Sabrina Sousa Lopes da Luz

### INTRODUÇÃO

O trabalho aborda as memórias da infância, do qual relata aquelas memórias mais marcantes da infância, mesmo que elas sejam poucas, mas o tempo não pode apagá-las. Se não fosse por elas, não teríamos uma vida significativa, já que a infância é um momento único na vida do indivíduo, do qual nos molda para podermos viver em sociedade.

Escrever sobre as memórias da infância para a disciplina de História da Infância, trouxe fatos que ocorreram na infância e que são quase que apagados pela mente. Fiquei com certo receio em escrever, pois não tinha muitas memórias, já que passei muito tempo em poucos lugares na infância. A escrever minhas memórias, trouxe aquelas que são vivas na minha mente, pois são as que mais lembro, trouxe também uma nostalgia, e pude ver o quão feliz fui. Minhas amadas bonecas que não pude salvar, já que o tempo as fez se deteriorar, é a lembrança que eu gostaria de compartilhar neste presente trabalho acadêmico, de como brincava horas em um corredor sem ver o tempo passar, apenas eu e as bonecas e uma produção de móveis e roupinhas.

Estudamos na disciplina de História da Infância, como eram tra-

tadas as crianças, e como era vista a infância até descobrir o quão importante é, e como ela molda o indivíduo para viver em sociedade. As crianças não tinham uma educação de qualidade, talvez não conseguissem chegar a idade da adolescência, tratadas como seres insignificantes. Assim, a descoberta da infância começou no século XVIII, onde passou a ser observada.

Entretanto, não é só sobre as bonecas e minha rotina, mas algumas outras memórias, as da roça e aquelas das quais fiquei doente. Acredito que possa ser transmitida como uma doce infância tranquila e calma. Portanto, todas as memórias que possuo estão escritas no decorrer deste trabalho de forma única, sem subtemas, apenas com o tema principal.

## 1. As lembranças de uma doce infância

Ao lermos algo ou vermos acabamos lembrando de coisas que já aconteceram no passado, que mesmo depois de tanto tempo a lembrança vem como um furacão em nossa mente. Assim é com as nossas memórias da infância, elas vêm e vão, às vezes queremos que elas voltem, só para sentir aquela sensação de felicidade, pura e ingênua. Não sabemos quanto tempo iremos lembrá-las, mas enquanto lembramos, vamos curtir esses pequenos momentos que não voltam mais.

Minha infância foi bem tranquila, ao escrever as memórias, vejo que muitas delas são de doenças que tive na infância, e o quanto isso marcou em minha mente. Minha memória mais profunda é quando tive catapora, foi dias difíceis, fiquei com tanta febre alta, que as vezes achava que iria morrer, mas pior do que a febre foi aquelas bolhas espalhadas pelo corpo todo, principalmente nas costas, que não me deixava dormir por muito tempo, durante as noites. Estavam por todo lugar, entre os dedos, na cabeça e pés, tenho até hoje algumas marcas.

Sempre que sinto algo lembro-me desse acontecido, minha mãe banhava de chá de alguma erva, era umas três vezes ao dia, o mesmo chá, com aquele cheiro que marcou, até hoje não consigo fazer chá daquela erva. Além de passar no corpo, passava no cabelo. Ao dormir era impossível com as bolas nas costas e aquele cheiro no cabelo. Dias longos e noites mais longas ainda, sei que ficar com catapora na época foi muito triste e doloroso. Mas tinha umas mordomias, comia sempre bolacha e refrigerante, meus irmãos não ficam caçando

intrigas e meus pais sempre estavam mais atentos comigo.

Na casa em que cresci, que agora é minha atual casa, tem um corredor bem estreito, que cabia ao meu minúsculo corpo, foi o local do qual passei muito tempo brincando de boneca. Sempre preferia as bonecas estilo da Barbie, bem magrinhas e com uma qualidade péssima, pois eram as que meus pais podiam comprar, mas eu amava. Criava roupas para elas, aliás muitas, aprendi a costurar fazendo as roupinhas, era muito boa na costura. As vezes esquecia do tempo, e quando via já estava escuro, hora de banhar e jantar. Contava as horas para chegar em casa quando estava passeando ou na escola, só para brincar.

Descobri então o papelão, quantas mobílias fiz para minhas bonecas. Mais tarde descobri o bastão de cola quente, os móveis agora ficaram um luxo de lindos. Queimava os dedos, pois esquentava com velas, já que não podia mexer com energia e nem a pistola de cola quente. Minhas bonecas além das roupinhas, agora tinham lindos móveis, só tinha um problema, o cabelo delas eram muito frágeis, caía sempre, ficando carecas, foi aí que comecei a fazer os cabelos delas com pedaços de pano, dava um trabalho, mas pelo menos tinha a técnica da costura que ajudou bastante.

Depois de um tempo aprimorando minhas técnicas de produzir móveis, roupinhas e cabelos, comecei então a fazer pequenas bonecas de pano, não eram as minhas preferidas, mesmo assim fiz e ficaram tão lindas, tinha muita criatividade, pois gostava muito de brincar, principalmente sozinha, mesmo com dois irmãos, sempre estava brincando no corredor sozinha. Dias de chuva era um terror, não tinha como brincar no corredor, foi aí que tive uma ideia, construir uma casa dentro da caixa de papelão com direito a dois andares. A casa era bem estruturada, usava de tudo para deixá-las lindas para minhas bonecas.

Como o tempo passa rápido, acabamos nos mudando de casa, para minha tristeza a casa nova não possuía corredor, não achava um espaço para montar a casa das bonecas. Demorei muito com a adaptação da casa nova. Cheguei a odiar a casa na época, mas não desisti de brincar com elas. Achei então uma tábua onde mamãe lavava roupa, lá consegui montar tudo da casinha, antes ficava muito tempo sentada e agora com o novo lugar tinha que ficar em pé a maior parte do dia. Foi aí que meus pais perceberam que estava com um problema na coluna, e buscaram ajuda, os nossos amigos médicos na época

também perceberam e ajudaram com os tratamentos.

Uma nova jornada se iniciava, eram exames de todos os jeitos, raio-x e outros de imagem, até que descobriram que estava com um desvio na coluna, que mais parecia um S. Sentia dores na coluna, achava que era normal, é não era. Tive que fazer uma viagem rápida para outros médicos verem meus resultados, foi cansativo, e só lembrava do tempo que estava perdendo, minhas preciosas bonecas esperando em casa. Logo já não tinha tempo de brincar, pois vieram as fisioterapias e todo o tratamento para melhorar minha postura. Melhorei, mas ainda continuo com o S na coluna e as dores são mais frequentes.

Sempre brinquei sozinha na minha infância, mas quando íamos visitar meus tios na roça ou passar alguns dias das férias, brincava muito com os meus primos. Lá passamos o dia andando brincando, comendo as frutas direto do pé, vendo as plantações de arroz e milho. Minha família é enorme, muita gente nas reuniões, muitas risadas. Brincava, que no fim achava muitos espinhos nos pés, dava um trabalho enorme para retirar. Brincava tanto durante o dia que dormimos a noite toda, além de deitar cedo, acabamos acordando cedo. Então íamos ver meus tios e primos tirar o leite das vacas, fazia um frio, mas ficamos ali olhando, outras vezes aquecemos perto da fôrnalha. Aquele cheiro das lenhas queimando e o café sendo feito, são bem vivos na minha memória.

Lembro que minha tia tinha uma casa feita de madeira, aliás eram tábuas, mas era bem aconchegante adorava brincar, tinha muito pé de fruta, e tem até hoje, uma pena que a casa não existe mais. A minha outra tia, tinha a casa feita de palha, sempre aparecia aranhas, tenho muito medo desse bichinho, ficava apavorada quando via. Hoje em dia, sempre visito elas, agora não tem mais casa de madeira ou de tábua, mas, mesmo assim adoro ficar olhando para aquelas árvores que subia e os quintais enormes que brincava. Por algum momento esqueci das minhas bonecas, quando chegava em casa conferia se todas estavam lá, banhava e trocava de roupa. No outro dia estava lá no corredor ou na tábua de lavar roupa de mamãe brincando com minhas preciosas bonecas.

Certo dia na roça, estavam comemorando o dia do Santo Antônio, pois é uma tradição passada por gerações, todos estavam rezando e acabei dando uma risada e todos ficaram olhando, fiquei com muita vergonha, que na hora de levar a bandeira do santo, estava com uma



vela na mão e acabei queimando um cabelo da minha prima, depois desse dia não levei mais a vela, ficava apenas olhando o movimento, minha hora preferida era quando acendia a fogueira, permanecia olhando encantada com aquela fogueira, até hoje fico encantada, compareço nas rezas e me delicio das deliciosas comidas que minha tia faz, principalmente da canjica.

A roça era um dos meus lugares favoritos, sempre fui bem recebida, tive grandes aventuras, mais nada se comparava a aquele corredor, onde passava a maior parte do meu tempo brincando com minhas amadas bonecas. Lá, minha imaginação ia além. Cada história vivenciada com elas, sobre famílias unidas, amigos/vizinhos de confiança, muitas risadas e criatividade.

A memória mais triste da minha infância, foi quando meu tio Florisval foi assassinado pela sogra dele, eu tinha uns 10 anos. Naquela noite estava em casa com minha irmã, quando saímos para ir ao espetinho do meu pai, vimos um movimento, mas não sabíamos o que era, um vizinho chegou e falou que algo aconteceu com meu amado tio, e pediu para irmos correndo avisar ele. Corri tanto naquele dia, perdi totalmente a noção de tempo, avisamos para nosso pai que saiu às pressas ver qual era a situação. Ajudamos minha mãe a recolher as coisas do espetinho já que eles vendiam em um pátio de um posto de gasolina, os clientes que estavam lá ajudaram também. Não podíamos ir lá na casa dele ver a situação, então tínhamos que esperar meu pai chegar. Ele chegou com a notícia que fez o meu e o de toda a família perder o chão. Era um buraco tão profundo, que nada consegui preencher. Meu amado tio, que eu perdi, sinto tanta falta dele, a saudade é imensa até hoje, e as lágrimas vieram.

Independente de tudo que aconteceu, olhando para atualidade sinto muita falta da Sabrina da infância, mesmo adoecendo de vez em quando, era saudável, podia comer tudo sem passar mal. Foi uma infância inesquecível, apesar de algumas delas terem desaparecido com o tempo, tenho medo de que todas elas sumam, esse é o risco que corremos, nossas memórias podem desaparecer, mas algumas, tenho certeza de que vão ficar na memória para sempre, gravadas como cicatrizes.

## CONCLUSÃO

As memórias descritas visa mostrar um pouco da infância, e como ela molda um indivíduo. Longe de violência e livre para brincar e se divertir, bem como viver da melhor forma possível, diferentemente daquelas crianças que não tiveram uma infância de qualidade, nem o prazer de se divertir, descobrir o mundo. Ariès afirma que o mundo medieval ignorava a infância (HEYWOOD, p. 23). Além disso, a família não se importava com a criança, e muito menos com sua infância, não existindo afeto por parte dos pais.

Apenas maltratadas e dadas como escravos, para fazer todo trabalho, do qual os adultos deveriam fazer. Com a chegada da industrialização, essa exploração do trabalho infantil, passou a ser mais visível na sociedade. As famílias de classe trabalhadora continuaram a contar com os salários de seus filhos até que a legislação sobre o trabalho infantil e a educação compulsória “acabasse com a defasagem de classe” (HEYWOOD, p. 42).

Hoje sabemos que o trabalho infantil é proibido, e que as crianças têm seus direitos garantido e respaldados pela Constituição Federal de 1988. Direitos esses de ter uma educação de qualidade, cuidados com a saúde, alimentação saudável. Embora, algumas realidades não sejam totalmente amparadas e vivenciadas por algumas crianças. A lei é falha em alguns pontos, pessoas que deveriam estar ajudando, fiscalizando, fica apenas parado olhando vidas sendo afetadas, o futuro de toda uma geração.

Enfim, nessas memórias da infância, vivenciadas pela autora da forma mais pura e inocente. Mostra o quanto foi uma infância cheia de descobertas e aprendizagens, diferentemente da infância do qual Ariès aponta no texto de Colin Heywood, onde a criança não tinha um papel na sociedade, e muito menos no seio familiar. Contudo, precisamos aprofundar mais nossos conhecimentos acerca da história da infância de cada criança, respeitando e compreendendo suas particularidades e necessidades.

## REFERÊNCIAS

HEYWOOD, Colin. *Uma História da Infância*. Editora Artmed, 2004

## 14. MEU DOCE MEMORÁVEL LUGAR

Thaylanne Macedo Silva

### INTRODUÇÃO

Nasci no Hospital Municipal José Sabóia em Tocantinópolis-To e falar da minha infância é algo que me emociona, pois me marcou muito com momentos bons e ruins, ela foi cercada pelos meus pais, meu irmão e familiares. A infância não tem só “uma” lembrança, mas várias, que permanecem na memória por muito tempo. Sim, essa sou eu e aqui estou eu escrevendo um pouco de cada momento lindo que vivi na minha infância em algum lugar do mundo.

O que me trouxe a escrever sobre essa história da minha infância, foram as provocações feitas pela professora da disciplina “História da infância”. Ela propôs que cada um falasse sobre como foi sua infância, sendo uma infância boa ou ruim. No início tive muitas dúvidas sem saber o que escrever sobre mim, porque falar das nossas vidas é algo muito desafiador, só que no decorrer das aulas as lembranças vão surgindo e a cada dia que passa as lembranças são incríveis, de maneira que às vezes, quando estou escrevendo, me pego sorrindo e chorando ao mesmo tempo de tanta saudade daquelas brincadeiras do tempo passado.

O objetivo de escrever esse ensaio é reviver as lembranças que guardo da minha doce e memorável infância no meu coração. Foi uma forma que encontrei de reviver tudo aquilo que vivi no tempo passado. Algumas dessas lembranças jamais serão esquecidas.

O texto está organizado da seguinte forma: Primeiramente fiz um relato do lugar que nasci. Em seguida falo sobre minha primeira escola, depois apresento como era minha casa, mais adiante falo um pouco sobre as brincadeiras que mais amava brincar, todos os dias; nosso meio de transporte e, por fim, as lembranças felizes e tristes.

#### 1. Relatos do meu nascimento

Após meu nascimento eu e minha mãe ficamos por 4 anos morando juntos com minhas bisavós no povoado olho d’água de cima, esse foi o tempo, em toda minha vida, que fiquei com minha preciosa

mãe. Não tenho muitas lembranças porque só ficamos juntas esses quatro anos, minha mãe foi embora para outra cidade e eu fui morar com minha avó materna no Maranhão.

Neste lugar, foi onde vivi toda minha infância, com muito amor e cuidados e até hoje gostaria de estar lá. Nunca quis ter saído de lá, lugar lindo, tranquilo e gostoso de viver, comendo frutas tiradas diretamente dos pés, no quintal da casa da minha bisavó que é também a minha mãe, que me criou, ou seja, do quintal da nossa casa. Lá possui, até hoje, vários tipos de frutas: Manga, caju, goiaba, cacau, pitomba, jacá, tangerina, acerola, laranja, azeitona, seriguela, cajá entre outras, que já não me lembro mais o nome.

## 2. Minha primeira Escola

Tenho uma grande lembrança da minha primeira escola, que tinha as turmas multisseriadas. Era muito simples, uma casinha de barro coberta de palha e cadeira de madeira, era difícil a pessoa ir embora sem pegar uma mordida da cadeira. O melhor disso tudo era o professor Ferdinand que, embora fosse ignorante e grosso, era muito sábio. As coisas que ele ensinava todos aprendiam, todos os alunos prestavam bastante atenção no momento da explicação, querendo ou não, porque tinham medo da reação do professor.

E mesmo sendo tudo muito simples nesta escolinha, todos eram sempre muito felizes, no horário do lanche era uma felicidade sem tamanho. Era tão pobre que não havia merendeira, o lanche quem sempre preparava era o próprio professor quando terminava o primeiro momento da aula e, enquanto ele preparava o lanche, todos saíam de dentro da casa (a sala de aula) para brincar no intervalo até o lanche ficar pronto.

Às vezes quando chovia, tínhamos que ir para nossas casas, porque molhava tudo dentro da escola, por ser coberta com palha e não tinha manutenção para repor as palhas velhas por novas.

## 3. A minha Casa

Uma lembrança que nunca esqueço e a casa dos meus pais, sempre me pego a lembrar da casa onde morei com meus pais e que, até hoje, eles ainda estão lá. É uma casa pequena feita de barro e coberta com telhas brasilit; fogão a carvão e a luz a lampião, conhecido

como lamparina. Não tinha energia devido ser na roça e família não ter condições financeiras para puxar a energia de longe. Todos os dias quando eu e meu irmão chegávamos da escola, nossa mãe já estava arrumada para nós ir à roça catar feijão, fava, milho, cortar arroz, colher amendoim etc.

Minha mãe Maria só nos servia o almoço quando chegávamos lá. Minha mãe dizia que, por ser muito longe, ela tinha medo de nós comêssemos e saíssemos logo, poderíamos passar mal na estrada, ou até morrer. Na estrada até chegar a roça, tinha várias ladeiras enormes que ficavam muito escorregadias nos dias de chuva, por isso tínhamos que subir segurando nas árvores para não escorregarmos ladeira abaixo. Isso sempre acontecia com minha mãe e eu e meu irmão João Paulo chorávamos de tanto sorrir, achando graça de nossa mãe que tentava subir e não conseguia, com aquela enorme vasilha de comida na cabeça.

Ao passar do tempo fomos crescendo, meu irmão mais velho precisou ir embora da nossa casa e da vila, porque lá não tinha mais sua série de estudos. Fiquei sozinha com minha mãe e meu pai e isso para mim foi a pior coisa da minha vida: ver meu irmão partindo e eu ficando ali, ele era meu irmão, amigo e parceiro para tudo que fôssemos fazer. Depois de 2 anos eu tive que sair também da casa dos nossos pais para estudar na cidade grande, como nós era da roça eu não conhecia praticamente nada da cidade grande. Minha mãe me deixou morando na casa da minha madrinha e foi embora, todo final de mês vinham ver como estão as coisas e o andamento no colégio.

#### 4. As melhores Brincadeiras

As lembranças mais marcantes da minha infância são sempre aquelas das brincadeiras ao ar livre, como: de jogar futebol com os pés descalços, brincar de esconde-esconde, pega-pega etc. Tenho 4 irmãos e uma infinidade de amigos, o que sempre foi sinônimo de muitas brincadeiras e muitas brigas também.

Entre essas brincadeiras a que eu mais amava brincar com meu irmão era jogar futebol, só que toda vez que nós jogávamos, eu ou meu irmão se machucava, por isso a nossa mãe sempre falava para a gente não brincar daquela brincadeira porque era muito pesada, mas nós éramos teimosos e continuávamos a brincar. Depois apanhávamos por desobediência e por ter machucado um ao outro.

Minha infância foi inesquecível, lembro de tudo como se tivesse sido hoje, logo porque nós morávamos na roça, no interior do Maranhão e lá não existia negócio de tecnologia, internet, celular e nem televisão. As crianças eram livres para brincar sem preocupação, nossas brincadeiras daquele tempo, atualmente as crianças não brincam mais, como: pato cego, pião, peteca, fazendinha, carrinho de lata de sardinha, pega pega, cantiga de roda, globo manchete, queimada etc.

Era uma infância muito boa, tinha tantas brincadeiras que faltava tempo para nós brincarmos: Pique- bandeira, queimada, pique-esconde e o mais divertido era brincar de escolinha. Hoje paro para pensar e se eu pudesse voltar o tempo atrás e reviver alguns desses momentos, por um instante que fosse, me sentiria a pessoa mais feliz do mundo. sabemos que isso é impossível, tudo que se passa não volta mais.

## 5. Meios de Transportes e criações

Nosso transporte para ir em qualquer lugar naquele tempo era um jumento e uma égua. Todos os dias nossa mãe colocava a cela no animal e meu irmão sempre queria ir na cela e eu na garupa. Todos os dias era uma confusão enorme porque ele sempre queria ir no melhor lugar e mais confortável, já quem vai na garupa, que, era meu caso, é bem desconfortável e sempre tem que estar descendo, abrindo as cancelas ou colchetes. No dia que tinha que levar os tambores de água para roça, ninguém ia montado, devido ao peso dos tambores.

Antigamente não existia transporte igual hoje: moto, carro, avião. transportes de antes para ir em qualquer lugar eram os animais ou a pé, quem tinha mais condição comprava uma bicicleta; e quando precisava ir na cidade para fazer compras, ou algo mais importante como consultar com médico ou vender algo da roça (feijão, arroz, fava, farinha, abóbora, inhame, galinha, castanha etc.) na cidade grande. Alguém tinha que ir primeiro até a cidade grande de animal, a busca de um carro para alugar que fosse capaz de ir até à vila buscar aquelas pessoas que estão lá a dias com tudo arrumado esperando alguma notícia daquele pessoa que saiu a busca de um carro, aparecer com o carro para fazer o descolamento do pessoal da vila até a cidade. Isso acontecia a cada dois meses, porque a estrada era de chão e muitas ladeiras para alugar um carro, para ir até lá, na vila buscar esse pessoal custava muito dinheiro, muitas das vezes tinha que completar o paga-

mento com galinha, feijão e fava.

Minha mãe criava muitas galinhas e porcos e nós dois éramos os responsáveis por alimentar os bichos, colocar águas para beber e banhar todos os dias, até duas ou três vezes por dia, dependendo do clima. Uma das coisas que nós amávamos fazer era disputar qual de nós trabalharia mais, quem comia mais, quem tinha mais animais. Umas das coisas que nós mais disputávamos era quem comia o peito da galinha, aquele ossinho tipo um "V" chamado ganhador. O lado do osso do peito da galinha, muitos conhece com titela da galinha, se a gente puxasse um lado daquele ossinho fininho tipo um v quebrava aí a pessoa que ficava com o maior lado daquele ossinho igual V era o ganhador da disputa, o vencedor dessa brincadeira poderia escolher qualquer coisa para ele ficar, podia até assinalar ou marcar, nosso caso a mamãe dava alguns pintinhos, porquinhos, novinho para cuidar até ficar grandão. O ganhador poderia escolher qualquer um daqueles animais para ele ficar, que seria seu prêmio, poderia ser o animal preferido da pessoa que perdeu a brincadeira. Às vezes a pessoa que perdeu a disputa do ossinho do peito da galinha, chorava muito porque a maioria das vezes a pessoa que ganhava escolhia seu animalzinho favorito para ele, e era obrigado a deixar a pessoa escolher o que quisesse, mãe estava ali acompanhando tudo.

## 6. Lembranças Felizes e Triste

No filme "As cinzas de Ângela", que assistimos em sala, umas das cenas que me reportou a minha infância foi o uso do penico, pois todas as noites nossa mãe colocava ao lado da cama para eu e meu irmão usarmos. Ela tinha muito medo de que nós nos levantássemos para irmos ao banheiro, porque era de tábua e fora de casa, e podia ter cobras ou outros bichinhos perigosos.

Uma outra cena do filme que ficou marcado em minha mente é a parte em que os pais das crianças recebiam o dinheiro pago pelo governo como benefício para as crianças e gastavam tudo com bebidas. Esta cena me lembra muito meu pai, pois ele também, pegava as coisas que tínhamos em casa, mesmo que fosse a última, e vendia para tomar cachaça.

Às vezes minha mãe chorava muito, sem saber o que ia fazer, diante daquela situação, naquele tempo as mulheres não se separavam dos seus maridos, por mais ruins que fossem. Ela gostava e até

hoje vive com ele. Ele melhorou bastante, pois já não vende mais as coisas que têm em casa, antes vendia ou trocava por bebida porque o dinheiro era mais difícil de adquirir. Até os dias atuais continua bebendo, só que é uma pessoa muito diferente daquele homem novo de antigamente.

## 15. RELATOS SOBRE MINHA INFÂNCIA

Valéria Alves de Oliveira

### INTRODUÇÃO

A infância é, sem dúvidas, o período da vida que guarda maiores significações e memórias, pois, é o período das descobertas. As brincadeiras, a escola, a família, a igreja e a inserção na sociedade, e sempre bom relembrar a infância falar um pouco sobre ela como foi sua infância, no meu caso minha infância foi boa ao mesmo tempo ruim pois tive pouco tempo de brincar, logo minha mãe trabalhava o dia todo, eu ficava com minha irmã presa dentro de casa até ela chegar, minha vizinha ficava indo lá em casa olhar nos, de manhã ia para escola, contando os dias para chegar minhas férias para ir para casa da minha vó.

Minhas férias era só diversão brincava o dia todo, só parava para comer, a parte mais legal era que eu ia ver meus primos era muito bom todos nos reunindo brincando. Na casa da minha vó tinha muito espaço para brincar, eu costumava brincar de correr na grama de outras brincadeiras principalmente de bandeirinha estourou e jogar bola, em frente a casa da minha vó tem um pé manguba era um dos lugares prediletos que nos costumava brincar todos os dias lá antigamente tinha um banco que nos gostava de sentar lá e contar muitas histórias.

### 1. Brinquedos e brincadeiras

Lembro quando criança quase não tive muitos brinquedos, na



minha casa era apenas eu e o minha irmã mais velha, depois de um cinco anos minha mãe teve meu irmão mais novo mesmo sem muitas alternativas de brinquedo a gente sempre se divertia, e o que a gente mais gostava de fazer era de inventar e contar histórias contar piadas era muito bom esses momentos que passávamos juntos ali, mas a minha brincadeira predileta era pular elástico, de amarelinha pega-pega e cai no poço brincava com meus vizinho na rua todos os dias de tardezinha, isso acontecia em vários locais na escola na rua na casa das colegas e sempre que tinha a oportunidade de nos unir era sempre a mesma brincadeira, todo dinheiro que conseguimos eram para comprar do mesmo e às vezes dava briga danada uma pegava o elástico da outra era uma confusão só mas no final tudo acabava em brincadeira e o desafio sempre era na brincadeira de pular elástico e amarelinha quem pulava mais alto a brincadeira consistia em um ritmo musical e eu particularmente me considerava uma das melhores nessa brincadeira.

Durante o dia quando minha mãe saía para trabalhar, ficava eu minha irmã brincando de contar histórias uma para outra jogava no videogame de brinquedo, gostava também de assistir desenhos animados. Nas férias da escola minha mãe sempre mandava eu minha irmã para casa da minha vó no povoado, minha brincadeira lá era mais divertida, era jogar bola, queimada, esconde-esconde, correr atrás das galinhas, lembro como se fosse hoje minha vó brigando com nós para deixar as galinhas sossegada não adiantava, subir em cima do pé de manga, banhar na fonte, era muito divertido o tempo passava rápido, eu lembro como se fosse hoje.

Foto: Minha casa e um pé de mangueira.



Fonte: Arquivo pessoal.

## 2. Jogos que costumava jogar na infância.

Quando criança sem muito contato com o mundo digital, os jogos consistia em ir para as ruas no meu bairro sempre teve muitas crianças na época e gostávamos de nos reunir na rua da minha casa para brincar de uma brincadeira chamado adedonha, é uma brincadeira de conhecimentos gerais baseia-se em dar respostas por letras em suas categorias ou tema ex: nome cidades com frutas cada um desses elementos com suas respectivas letras iniciais, cada acerto valia 10 pontos, outro jogo que costumava brincar era bandeirinha estourou era uma brincadeira de agilidade ex: quem pegasse a bandeirinha mais rápido ganhava o difícil era pegar tinha que pegar sem a pessoa vê se não ia te colar você estava fora do jogo. era momento de muita alegria e descontração.

## 3.Os brinquedos que marcaram na minha infância.

Na minha infância quase não tive muitos brinquedos eram muito poucos o que eu tive lembro como se fosse hoje meu primeiro brinquedo foi um urso de pelúcia que falava estilo um cachorrinho, logo depois ganhei uma boneca do meu pai eu nunca gostei de boneca tinha era medo e não gostava de brincar já minha irmã gostava eu pegava dava pra ela quando o pai perguntava se eu estava brincando com a boneca eu falava que sim não estava, logo eu sempre gostei de bola um dos meus brinquedos que eu ganhei que eu mais me recordo com muito carinho de um que era o meu Predileto um mini vídeo game de pilha eu amava brincar com ele meus pais sempre se esforçaram para poder me garantir esse brinquedo especial nas datas comemorativa essas datas sempre fazia com que eu aguardava ansiosamente Pela chegada do meu brinquedo predileta eu sempre estava feliz em ganhar sempre o mesmo brinquedo.

## CONCLUSÃO

O ato de brincar foi muito importante para minha vida garantiu que eu pudesse me descobrir cada vez mais do que eu mais gostava de fazer do que eu tinha mais familiaridade em aprender entender também que eu possui algumas limitações e fragilidades fazendo que

ao longo da minha vida eu pudesse aprimorar esse sentido, aprendi também que a gente nunca ganha a gente perde e que devemos aprender a lidar com essas situações com o máximo de naturalidade possível, sempre fez com que eu me tornasse uma pessoa muito mais sociável pois sempre gostei de brincar em grupos em grande quantidade de pessoas. Se eu pudesse voltar no tempo faria tudo igual, pois sinto muita falta de brincar igual antigamente apesar das dificuldades que eu tive mesmo assim era muito bom.

## 16. REVISITANDO O PASSADO: TRAZENDO À MEMÓRIA O QUE O TEMPO NÃO APAGOU

Vanimércia Almeida de Jesus

### INTRODUÇÃO

A infância é uma das fases mais importantes que temos onde marca nossas brincadeiras, jogos, a escola, a nossa casa. Fase essa que marca nossos momentos de criança. No entanto, nem sempre o tamanho, a idade caracterizavam a infância. Essa descoberta só foi possível por volta do século XVIII, pois até então as crianças eram tratadas de certo modo como adultos, até perceberem suas particularidades.

O interesse em relatar sobre minha infância se deu através da disciplina de História da Infância, a qual nos mostra sobre concepções de infância e nos faz reviver esse belo período que nos marca tanto. O objetivo então, é relembrar um pouco daquilo que vivi, que me marcou e trazer a memória o que fez diferença em mim, como ser humano. Relembrar minhas amigas, meu trajeto até a escola, meus professores, as brincadeiras, como eu me sentia.

Neste texto, apresento algumas das minhas lembranças nessa seguinte ordem: minha ida a escola, o momento em que saio do pré-escolar e vou para o ensino fundamental, minhas amigas e nossas as brincadeiras.

#### 1. Memórias do ingresso na escola, o jardim da infância.

Não me lembro exatamente do meu primeiro dia de aula. Mas lembro de como era a escola, dos professores, lembro da merenda que era deliciosa, do trajeto que ficava próximo a minha casa. Quando recordamos, sentimos saudades. Foi uma época muito boa.

Quando nasci, morava em um povoado, chamado Chapadinha. Lá, eu fiquei até meus 3 anos de idade, vindo pra cidade com 4 anos, quando logo comecei a estudar. Minha escola ficava na mesma rua de casa, um pouco mais adiante, sentido ao Rio Tocantins. Se chama até hoje, Pré-escolar Santa Terezinha. Sempre ia com minha professora, Antônia- apelidada de Toinha - que morava próximo e levava várias outras crianças para a escola, crianças as quais eu não consigo lembrar quem sejam. Lembro das merendeiras, Vângela e Cordeira, que faziam deliciosas merendas.

Estudar para mim sempre foi algo muito prazeroso desde muito pequena, ou melhor, desde criança, pois pequena ainda sou (risos). Amava aprender lições, cantigas. Havia muitas cantigas. Dentre delas: a cantiga do galo, ciranda cirandinha, meu lanchinho, a cobra, pintinho amarelinho, borboletinha, o sapo, dentre várias outras.

No jardim II, tive outras duas professoras, a Lucia e a Iolanda, que também me levava pra escola, só que de carro e eu achava o máximo. Tenho um irmão que fazia pães e eu sempre levava uma rosquinha comigo. Fiz o jardim II, e até que chegou o final do ano e teve formatura. Estava vestida num conjuntinho azul, um top e uma saínia e um sapatinho branco, com os cabelos cacheados, minha mãe fez um penteado meio solto. E me formei já sabendo ler e escrever com letra cursiva. Minha mãe comprava livros de historinhas para eu ler e eu lia todos.

Enfim, foi um tempo muito bom e marcante. Lembro de muitas coisas e também sei que tem muitas coisas das quais não me recordo. Mas uma coisa eu sei: Como era bom ser criança!

## 2. Meu ensino fundamental

Entre para a primeira série com 6 anos de idade. Sabia ler, escrever, sempre me destacava, mas não gostava de ser a atenção por causa disso. Minha professora da primeira série se chamava Irani e minha escola também era bem próxima a minha casa.

Como mencionei, tinha muito prazer em estudar, em aprender, em fazer as atividades. Gostava de escrever, de enfeitar meus cader-

nos. Minha infância escolar foi muito boa, aprendi muito, tive várias professoras, dentre as quais eu mais gostava, se chamava Malba, na 3ª série e professora Luzia, na 4ª série. Quando estudei na segunda série, por ser considerada uma ótima aluna, a escola queria que eu avançasse para a 4ª série, pois considerava que eu tivesse capacidade para isso, porém minha mãe não achava uma boa ideia, haja vista por eu ser nova e pequena para estar junto com os maiores. Então, fiz série por série.

Uma das coisas que mais gostava também, como toda criança, era o recreio, onde podíamos brincar e também a hora do lanche. Brincava de elástico, pega-pega, amarelinha e as comidas sempre gostosas. E quando sobrava então, a tia da cantina nos deixava comer mais. Fui muito feliz nessa escola, que quando iniciei a quarta série, que até então seria a última nessa escola, já estava receosa de ter que mudar de escola. Lembro também que eu gostava de um garoto, aquelas paixonites que criança normalmente tem. Sem malícias, com ingenuidade. Era um belo rapaz, de olhos cor de gato, que logo teve que se mudar de cidade. Nunca mais o vi desde então.

Outro acontecimento que me marcou nessa escola, foi um projeto que fizemos, sobre a natureza. Nele tínhamos o objetivo de deixar limpo um córrego da cidade fazer uma conscientização com os moradores vizinhos, sobre o cuidado, a não poluição e a importância da conservação. Foi um projeto maravilhoso e que na época deu muito certo, apesar do pouco tempo que o local passou conservado. Enfim, meu tempo de escola foi muito especial e importante para o meu desenvolvimento.

### 3. Eu, minhas amigas e nossas brincadeiras

Vivi toda a minha infância até hoje na mesma casa. Quanta coisa evoluiu até aqui, pra melhor. Minha casa era uma casa simples, de barro, coberta de palha, com um pé de mamorana na frente, pé de manga e outras frutas, no quintal. Dormia em uma rede no quarto com meus pais. Não tínhamos muita coisa, mas tinha tanto amor e união, algo que admiro muito em minha família.

Sou a filha caçula de 9 irmãos. Sou a improbabilidade que deu certo. Sempre ouvi minha mãe contar sobre meu nascimento, ela na época com 46 anos e meu pai com 52, me criaram com muito amor e me ensinaram a honestidade, o caráter, a simplicidade. Eu tive uma

infância onde não tive tudo que quis, mas sempre tive tudo o que meus pais conseguiam me dar. Lembro que eu ganhei uma sandália da Sandy, muito famosa, na época, até passava na tv, fiquei radiante. Mas também de coisas que sempre quis ter e que eles não tinham condições de comprar. Mas isso não me fez crescer frustrada, nem com mágoa, pois o mais importante eu tinha, que era o cuidado e amor. Lembro de todas as vezes que eu dormia na sala e acordava no quarto. E até das vezes que meio que cochilando, sentia meu pai me pegar no colo e me colocar na rede. Tempos que não voltam mais!

Sendo assim, sempre fui uma pessoa com um pouco de timidez, mas não com minhas amigas e vizinhas. Eu tinha uma melhor amiga, a qual estudei com ela a maior parte da minha vida escolar. Sempre andávamos juntas, brincávamos juntas, estávamos sempre uma com a outra, nos trabalhos escolares. Ela tinha muita influência sobre mim. Tinha mais 3 irmãs e éramos sempre juntas, todas, afinal morávamos "quintal com quintal". Minha infância foi toda do mesmo lugar, exceto quando chegavam as férias que ia passear na casa da minha avó, em Araguaína, lugar onde eu gostava muito de estar, pois estava perto dos meus avós e de me tia Creuza a quem eu gostava muito, apesar da distância e só a vê-la de ano em ano. Ela fazia a tarde uns bolinhos de chuva que eram tão saborosos e também uma pipoca doce de chocolate, que: - Hummmm! era uma delícia! Lá, eu também tinha amizades e me divertia bastante com meus amigos e com meus avós que eram velhinhos.

Sendo uma criança tranquila, muito estudiosa, quase não apanhava dos pais, pois não "dava trabalho". Mas lembro de um episódio em que apanhei de minha mãe, que chorei mais pela consciência pesada, do que pelas próprias palmadas. Essa minha melhor amiga estava comigo, na porta de casa e me convenceu a jogarmos pedrinha nos carros que fossem passando. A maioria não via ou ouvia, por ser bem pequena. Porém, em uma dessas vezes, a pedra arranhou o carro de um senhor e ele voltou para reclamar. Corremos depressa para dentro, porém, não pude escapar de uma "taca" de minha mãe, que foi justa. Já meu pai não batia seus filhos, conversava, repreendia, mas não batia. Dizia que por ter apanhado tanto de seu pai, e na maioria das vezes sem motivos, não ia reproduzir isso com seus filhos.

Meu pai costumava andar pelos matos, onde trazia todo tipo de fruta que encontrava. Ele sempre ia em um brejo onde havia muitos

pés de buritis e todo ano trazia para casa e minha mãe tirava o óleo, fazia doce e também o suco. As vezes íamos com ele. Era uma estrada de chão, longa. Passávamos por uma fazenda, por vacas, cancelas e cercados até chegar no local, que era escuro, tinha um lago e era muito bonito. Meu pai gostava muito do mato, de roça, da natureza.

Contudo, vivi muito bem toda a minha infância. Foram momentos inesquecíveis e se pudesse voltar o tempo, seria criança novamente. Infelizmente o tempo passa depressa, mas as memórias nos fazer recordar daquilo que foi bom, e do que foi ruim e serviu de aprendizado.

## CONCLUSÃO

A infância é a fase que marca a vida de uma criança. Mas isso não significa que toda criança teve ou tem infância. Antes, a criança era tida como uma espécie de miniadultos, logo que apresentava fisicamente sua independência. Não havia esse sentimento de infância.

Esse sentimento de infância e essa concepção de infância é algo mais moderno, já surgido no início do século XVII. Nesse sentido, nem sempre a criança teve infância e nem toda infância se dava na fase de criança. Houve todo um processo histórico e social até essa valorização de infância. E ainda assim, nem sempre a infância é vivida por todas as crianças e isso depende muito das suas condições, quer sejam econômicas, sociais, culturais, que permitem ou não elas terem e viverem de fato a infância.

Sendo assim, é preciso continuar a se pensar sobre isso, para que todas as crianças possam ter e desfrutar dessa fase, de suas particularidades, que é tão essencial na formação dela como ser humano.

## REFERÊNCIAS

HEYWOOD, Colin. *Uma História da Infância*. Editora Artmed, 2004

ARIÉS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

## PARTE

## II

# MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DO BRINCAR

## 1. LEMBRANÇAS DAS BRINCADEIRAS DA MINHA INFÂNCIA

Andressa da Silva Martins

### INTRODUÇÃO

Este ensaio tem o intuito de abrir o baú da minha memória e trazer à tona as lembranças do meu tempo de criança, mas especificamente, as brincadeiras que fizeram parte desse período. Devo confessar que não lembro de muita coisa da minha infância, mas ainda tenho algumas lembranças guardadas, como: no dia em que ganhei um jipe azul de brinquedo da minha avó paterna, mas em poucos dias um de meus cachorros mastigou uma das rodas, mesmo assim ele não foi para o mato, muito pelo contrário, continuei brincando com o carrinho por muitos anos, mesmo com a roda mastigada.

Me recordo também de um anel que ganhei da mesma avó que me presenteou com o jipe, fiquei tão feliz com o presente que não tirava do dedo, porém, como ele tinha uma pedra muito grande e quando criança eu era muito desastrada, acabava enganchando-a em tudo quanto é coisa, até que um dia a parte de cima do anel se prendeu na beirada do forno do fogão e quando tentei tirar, ela se quebrou. Fiquei um pouco triste, pois havia gostado bastante daquele objeto.

Durante a infância brinquei muito de faz-de-conta, ou seja, imaginando cenários mágicos e irreais e o ser fantasioso que mais permeava o meu imaginário eram as sereias (isso graças aos filmes da Barbie e em parte pela Pequena Sereia). Eu era obcecada por esses seres mitológicos e, verdadeiramente, acreditava nelas. Quando comecei a ter acesso à internet, me recordo de passar horas pesquisando sobre possíveis avistamentos e a origem delas. O engraçado era que eu não aceitava, de modo algum, quando os sites mostravam a aparência



“real” dessas criaturas, pois elas eram descritas de maneira horrenda e eu estava acostumada com as sereias dos filmes: seres belíssimos metade peixe e metade humano. Então, eu me recusava a aceitar que, na realidade, elas eram tão feias e cruéis.

Algo que eu gostava de fazer quando criança e, também, adolescente era desenhar, passava horas desenhando. Sempre fui apaixonada por esse ramo artístico e hoje me arrependo de não ter investido tempo e estudando as técnicas de desenho e pintura no meu período escolar. Atualmente tentei estudar de maneira autônoma, porém, com as demandas da faculdade acabei desistindo, mas ainda tenho o sonho de aprender a desenhar de fato e me tornar uma desenhista e/ou pintora. A arte me fascina de uma forma que não sei explicar, apesar de pouco valorizada, se não fosse ela, o nosso mundo teria muito menos graça. É como Leonardo da Vinci (1452–1519) disse uma vez: “a arte diz o indizível; exprime o inexprimível; traduz o intraduzível.”

Fotos: Pássaro, Rosa Branca e Ursinho Pooh



Fonte: Desenho produzidos pela própria autora

A ideia de escrever sobre a memória do brincar na minha infância se deu por influência da professora Francisca Lopes, responsável por ministrar a disciplina de Ludicidade e Educação do curso de Pedagogia da UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins -, ou seja, o objetivo do escrito é, ao mesmo tempo, o de resgatar memórias das brincadeiras da infância e ajudar a compreender a importância do lúdico no desenvolvimento infantil a partir do relato das minhas próprias experiências. O texto está dividido em três tópicos e em cada um estará contido relatos de brincadeiras que estiveram presentes em minha época de criança.

## 1. Brincadeiras que marcaram a minha Infância.

Pelo fato de não ter tido vizinhos da minha idade no local onde morava e na escola apresentar dificuldades em fazer amigos, passei grande parte da infância em casa na frente da televisão ou brincando sozinha com bonecas. Porém, nas vezes em que tive a companhia de outras crianças (geralmente filhos de amigos do meu pai) a brincadeira que mais fazia era jogar o jogo da *queimada*. Para que o jogo ocorresse era necessário um local espaçoso que possibilitasse a livre movimentação. No chão riscava-se uma linha central e em cada lado dela ficavam os jogadores de ambos os times. Durante a partida não era permitido que os participantes entrassem na área do grupo adversário, caso isso ocorresse a pessoa seria considerada “queimada”. O intuito da brincadeira era tentar acertar (queimar) o maior número de adversários com uma bola; o grupo vencedor era aquele que mais queimasse oponentes.

Essa brincadeira, sem dúvidas nenhuma, foi a que mais marcou minha época de criança; devo admitir que nunca fui excelente jogadora, na grande maioria das vezes era uma das primeiras a serem queimadas, mas isso nunca foi impedimento para que eu brincasse. Uma vez, não sei explicar como, acabei dando trabalho para o time contrário, naquele dia fui exceção à regra e sobrou só eu e outra menina, mas como já estava cansada, acabei fazendo um movimento errado sem querer e fui acertada, contudo fiquei feliz da vida por não ter sido eliminada logo de primeira.

É importante frisar que a queimada além de ser vista como uma brincadeira é também considerada um jogo. Desse modo, podemos definir o jogo a partir da visão dos pesquisadores Brougère e Henriot como sendo um sistema de regras que nos possibilita a

identificar, em qualquer jogo, uma estrutura sequencial que especifica sua modalidade. [...] Tais estruturas sequenciais de regras permitem diferenciar cada jogo, permitindo superposição com a situação lúdica, ou seja, quando alguém joga, está executando as regras do jogo e, ao mesmo tempo, desenvolvendo uma atividade lúdica. (KISHIMOTO, 1996, p.17).

Ou seja, é uma característica marcante dos jogos apresentarem regras que podem ser explícitas ou implícitas; sendo elas que vão coordenar as ações durante a brincadeira. No caso, a queimada pode ser classificada como tendo as regras explícitas, pois os participantes ao

entrarem na brincadeira já sabem o que devem ou não fazer em cada momento da partida.

Foto: Jogo da Queimada



Fonte: De brincadeira de criança a esporte (<https://radiocorredor.com.br/um-passarinho-me-contou/de-brincadeira-de-crianca-a-esporte-olimpico/>, acessado: em maio de 2023)

Uma outra brincadeira muito praticada por mim quando tinha companhia de outras crianças era a *Ciranda-Cirandinha*, que para brincar era muito fácil: basta as crianças fazerem uma roda com as mãos dadas e cantarem uma musiquinha enquanto giram, em determinado ponto da música uma das crianças entra no círculo e diz um verso que pertence à música e sai da roda, até sobrar uma única pessoa. A seguir, um trecho da cantiga cantada durante a brincadeira:

Ciranda, cirandinha  
Vamos todos cirandar  
Vamos dar a meia volta  
Volta e meia, vamos dar  
O anel que tu me deste  
Era vidro e se quebrou  
O amor que tu me tinhas  
Era pouco e se acabou  
Por isso Dona Chica  
Entre dentro dessa roda  
Diga um verso bem bonito  
E dê adeus e vá-se embora  
Batatinha quando nasce esparrama pelo chão

Menininha quando dorme põe a mão no coração  
[...]

Foto: Brincadeiras da Ciranda- Cirandinha



Fonte: <https://escolaeducacao.com.br/cantigas-folcloricas-para-criancas/>, acessado em: maio de 2023)

A terceira brincadeira muito presente no meu tempo de criança era o *Coelhinho sai da toca*, nela é preciso saber a quantidade de participantes. Após a contagem e com número em mente deve-se desenhar no chão círculos que irão representar as tocas do coelho (quem tiver bambolê pode usar ao invés de riscar o chão). É importante dizer que o número de tocas deve ser menor que a quantidade de participantes, por exemplo, se há cinco crianças, é necessário ter quatro círculos (tocas) para que uma delas possa representar o coelho que não tem casa. Com tudo pronto, os brincantes irão para suas devidas posições (quem quiser pode colocar uma música infantil de fundo ou até mesmo cantar enquanto brincam). Para dar início, alguém grita: COELHO, SAI DA TOCA! e nesse momento os participantes que estão nas tocas saem para entrarem em outra e o que não tem nenhuma vai tentar entrar em algum círculo. Depois que todos se organizarem e conferirem quem ficou “sem abrigo” a brincadeira continua até decidirem brincar de outra coisa.

## 2. Uma brincadeira que marcou meu tempo de Escola

Uma brincadeira que posso citar é o *pega-pega*, nessa brincadeira escolhe-se um “pegador” e os demais devem se espalhar pelo espaço e tentar ao máximo possível evitar ser capturado; caso alguém fosse, ele se tornava o novo perseguidor.

Outra brincadeira bem recorrente entre nós alunos era o de *polícia e ladrão*. Ela ocorria de forma semelhante ao pega-pega, porém existia aquele que fazia o papel de policial e os outros de ladrão (dependendo da quantidade de componentes, poderia haver mais de um policial, mas geralmente brincávamos com um único mesmo); como esperado os “ladrões” iriam fugir e tentar se esconder enquanto o “policial” iria persegui-los na tentativa de capturar cada um deles, se alguém fosse “preso” iria ficar na “prisão” (um canto que era escolhido aleatoriamente) até que todos os outros fossem pegos também. Quando todos eram “capturados”, a brincadeira recomeçava com novos policiais e ladrões ou poderíamos simplesmente mudar de brincadeira.

A escola onde estudava continha uma quadra consideravelmente espaçosa e me lembro, com nostalgia, da diversão que era correr com meus colegas e a frustração quando o recreio acabava e tinha-

mos que retornar para dentro da sala de aula, sendo que a vontade era de continuar correndo e brincando.

Na brincadeira de polícia e ladrão, também podemos perceber a manifestação do jogo simbólico que, nada mais seria o faz-de-conta que “possibilita que a criança expresse sua capacidade de dramatizar e aprender a representar, tomando como referência a imagem de uma pessoa, de um personagem ou de um objeto”. (BARBOZA; VOLPINI, 2015, p. 03). Sem mencionar que esse tipo de brincadeira “proporciona o desenvolvimento da identidade e da autonomia, a socialização, o contato com regras sociais, possibilidades de escolhas, resolução de problemas e o desenvolvimento da imaginação.” (IBIDEM, p. 03).

### 3. Uma brincadeira que foi frustrante na infância

Havia duas brincadeiras que nunca consegui realizar e sempre achei interessante, a primeira seria *pular elástico*. Para poder brincar é necessário que dois participantes passem um elástico ao redor dos tornozelos e fiquem a uma distância que permita o elástico se tencionar e formar um retângulo entre eles. Um terceiro participante vai pular dentro do retângulo e seguir fazendo movimentos acompanhado de alguma música; a cada movimento completo o elástico vai sendo trocado de lugar.

Por causa do meu sobrepeso (pois sempre fui gorda), da falta de quem me ensinasse e do medo de tropeçar e cair, acabava ficando sempre de observadora quando as outras crianças resolviam brincar dessa brincadeira.

Nesse caso, o ato de pular elástico pode ser relacionado com o ato de recrear que

derivada da palavra recreare, que significa “criar de novo”. Está relacionada com atividades lúdicas que obedecem ao mandato do tempo, como intervalo de tempo útil (daí vem o “recreio” como intervalo de descanso, de prazer entre as aulas). O verbo recrear também significa trazer alegria, satisfazer, aliviar o outro do trabalho árduo e ter tempo de folga, entre outros. (MASSA, 2015, p. 115).

Foto: Brincadeira de pular elástico



Fonte: <https://www.porta10.com/noticia/57059/24-brincadeiras-das-antigas-que-te-divertiam-antes-de-qualquer-tecnologia>, acessado em: maio de 2023.

A segunda é *pular corda*, os motivos são semelhantes aos citados anteriormente, porém, diferentemente da primeira brincadeira citada, cheguei a tentar pular algumas vezes, mas o medo de cair e me machucar foi maior, então parei nas primeiras tentativas.

Para brincar de pular corda é recomendado que tenha pelo menos três participantes: dois irão segurar as extremidades da corda e o terceiro ficará encarregado de pular. Caso a corda usada for grande, duas ou mais crianças poderão pular ao mesmo tempo e se só tiver dois participantes, uma das pontas da corda pode ser amarrada em uma árvore ou poste enquanto um dos brincantes segura a ponta solta da corda e a balança.

Foto: Brincadeira de pular corda



Fonte: <https://blogbichopapao.com.br/2022/08/01/5-dicas-de-brincadeiras-para-estimular-a-educacao/>, acessado em: maio de 2023.

## CONCLUSÃO

Após essa pequena retrospectiva da minha infância e das brincadeiras que a permearam, seria correto afirmar que muitas delas me ajudaram na interação, pois como afirmei anteriormente, não era muito boa em fazer amizades e fui uma criança um tanto quanto tímida, então ter alguém com quem brincar era algo muito bom.

A queimada me beneficiou ao trabalhar a cooperação, a concentração, a agilidade do pensamento, do corpo e da mira. O pega-pega me auxiliou no equilíbrio, coordenação motora e no desenvolvimento da consciência corporal. Já a Ciranda, me beneficiou na construção do sentimento de pertencimento, no autocontrole etc.

Tendo em vista todos os benefícios que o ato de brincar proporciona, além das brincadeiras já citadas neste ensaio, deixou outras sugestões de brincadeiras, como: pular corda, telefone sem fio, esconde-esconde, jogo da velha, passa anel etc.

## REFERÊNCIAS

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. (org.) *Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação*. São Paulo: Cortez, 2005.

MASSA, Mônica de Souza. Ludicidade: da Etiologia da Palavra à Complexidade do Conceito.

BARBOZA, Letícia; VOLPINI, Maria Neli. *Faz de conta: simbólico, representativo e imaginário*. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP, 2015.

## 2. MINHAS VIVÊNCIAS: MOMENTOS INESQUECÍVEIS NA MINHA INFÂNCIA

Camila Cristina França Pereira

### INTRODUÇÃO

A infância é um dos pilares que marca profundamente nossa personalidade e memória, a minha infância foi um período de inúmeras descobertas e aventuras a qual veio a contribuir muito para a minha vida. Desde pequena lembro que eu sempre fui uma garotinha que tinha duas estantes enormes com diversas bonecas de todos os tipos, vários outros brinquedos, como kits de panelinhas de cozinhas e ursos de pelúcias.

Amigos eu quase não tinha por ser uma menina sempre tímida e medrosa de tudo e de todos, tinha muitos primos da parte materna, com os quais sempre me sentia bem. Alguns dias das semanas íamos para casa da minha amada vó Maria Leyde. Nossa! eram momentos de muita diversão e, também, de brigas, mas, apesar disso, inventávamos muitas brincadeiras. Recordo que eu e minha prima Bia pegávamos os litros vazios de amaciantes e dizíamos que eram nossos bebês recém-nascidos, nós tínhamos bonecas, mas gostávamos de brincar com coisas recicláveis, de fazermos os brinquedos manualmente. A gente também brincava imaginando que estávamos em uma cidade bem grande e que não poderíamos perder o ônibus.

Lembro-me que quase todo final de semana era o dia de irmos para o sertão do meu avô, no início eu chorava para não ir, mas quando eu sabia que meus primos iam também, isso me consolava. O momento mais divertido era quando íamos naqueles carros, modelo



pampa, bem baixinho, deixava a gente à beira do caminho, e seguíamos a pé, uma lama enorme.

Quando chegávamos lá, íamos encher os litros na fonte, pois na casa não tinha água potável, depois brincávamos de esconde-esconde, de dono de fazenda, e o mais esperado era a hora de tomar banho no rio beira da sicupira. Eu sempre era a mais medrosa, pois meu primo ficava fazendo medo de que havia sucuris, uma cobra enorme, e voltava para comer a comidinha.

Mas nem tudo foi mar de flores, recordo-me de um dia bem triste. Eu tinha ganhado um lindo patinho e isso foi um momento muito especial com um animal em casa, pois eu não tinha nenhum, por isso eu cuidava muito bem dele, alimentava-o e dava outros cuidados. Porém, um dia cheguei da escola toda feliz para poder revê-lo, mas não o encontrei. Procurei-o por toda parte da casa, e daí a minha mãe me falou que um gato havia comido o meu patinho. Chorei muito por ele, chorei tanto que senti, naquele dia, que meu coração estava partido.

Outra coisa que marcou minha infância foi a brincadeira do amigo doce. Eu ficava contando os dias para chegar o mês de dezembro, chegar o dia mais esperado, pois eu sabia que iria ganhar muitos doces. Era um momento de muita diversão onde se reunia toda a garotada da rua da casa da minha bisa. A brincadeira acontecia na casa da minha tia Gracyanne, uma das melhores pessoas para nos fazer rir e que tratava todos com muito amor. Naquele dia tinha muita comida e depois que todos já tinham ganhado suas cestas de doces, era momento de brincar de esconde e esconde, naquela rua tão escura, mas ninguém tinha medo, porque a brincadeira era tão boa! brincávamos também de "caiu no poço" e de "o mestre mandou".

Eu nunca gostei de alguns colegas de aula pois eu passei grande parte da minha infância sofrendo bullying por conta do meu cabelo, pois ele era bem enrolado, ou como se dizia: era um cabelo ruim e, por isso eu escutava inúmeras falas como: cabelo de bombril, cabelo duro. Por conta disso, um dia voltei para casa chorando muito e implorei a minha mãe para alisar meu cabelo. Minha mãe atendeu e, então eu tinha apenas 10 anos de idade e nunca mais deixei de alisá-lo até hoje. Muitas vezes eu tentei voltar atrás e deixar meu cabelo natural, porém, sempre que tento fazer a transição, lembro daquelas falas horríveis.

Sempre fui uma menina que adorava dançar. Minha mãe me

contou que quando o carro de som passava fazendo propagandas pela rua, o homem parava o carro na porta da casa do meu avô, assim eu dançava muito e todos ficavam olhando achando bonito e engraçado.

Em suma, minha infância foi um tempo até bom. Tempo em que brinquei, chorei, me machuquei, zanguiei, mas tudo isso me fizeram aprender muito e a descobrir inúmeras coisas da vida, e ver que a melhor fase é nossa infância. Por isso levo comigo todos esses momentos guardados na memória e no meu coração.

Um dos momentos que gosto muito de lembrar era quando meus primos vinham para minha casa para a gente jogar "Banco imobiliário", um jogo que me fez aprender muito em relação às notas de dinheiro com mais e menos valores; entender as regras que, por sinal, eram complexas, mas que, aos poucos, fomos aprendendo na prática. Nestas horas sempre minha mãe fazia lanche para nós. Eram dias incríveis! Gostávamos também de comprar álbuns de figurinhas para completar, me recordo que sempre que tínhamos umas moedinhas saímos correndo para comprar figurinhas até completar o álbum.

## 1. Brincadeiras da minha infância

Relacionado às diversas brincadeiras da qual eu pude vivenciar, me recordo de uma brincadeira a qual destaco, chamada "Pau na lata". Geralmente eu brincava muito no mês de julho, período de férias, em que eu sempre ia para casa da minha madrinha no interior e, por sinal, era um lugar muito bom. Todos os anos, eu passava minhas férias lá, eram momentos únicos pois na minha rua não tinha ninguém que pudesse brincar comigo.

Figura 1- Pau na lata



Fonte: Nostalgia brincadeiras de rua  
<http://escrevimentosagno.blogspot.com/2011/09/nostalgia-de-brincadeiras-de-rua.html>, acessado maio 20230

Eu costumava ficar observando como realmente funcionava aquela brincadeira, pois via que tinha regras que deveriam ser cumpridas, já que, sem elas, a brincadeira não fluía e não tinha sentido, nos dando também a possibilidade de aprender a ganhar e a perder. Eu ficava observando e estabelecendo estratégias para poder ganhar e ficar feliz por ter ganhado.

Quando estamos definindo ludicidade como um estado de consciência, onde se dá uma experiência em estado de plenitude, não estamos falando, em si, das atividades objetivas que podem ser descritas sociológica e culturalmente como atividade lúdica, como jogos ou coisa semelhante. Estamos, sim, falando do estado interno do sujeito que vivencia a experiência lúdica. Mesmo quando o sujeito está vivenciando essa experiência com outros, a ludicidade é interna. (LUCKESI, 2002, p. 6).

Ah! Uma outra brincadeira muito boa era a de ficar construindo minis castelos na beira do riacho. Quase todos os dias a garotada do sertão se reunia onde podíamos brincar da melhor maneira que pudéssemos nos deixar bem e tornar tudo bom. Eram momentos de muita diversão e lazer em meio aquela natureza exuberante, que me trazia uma paz tremenda e muita felicidade em poder estar em um lu-

gar que eu poderia ser quem eu era, em poder me expressar e brincar de forma divertida.

## 2.Brincadeiras que marcaram o período escolar

Durante meu período escolar pude vivenciar diversificadas brincadeiras que marcaram muito minha infância e adolescência e que muitos episódios marcaram minha vida e que hoje me recordo com muito carinho.

Uma das brincadeiras que me marcou profundamente e que eu adorava brincar, era a queimada. Todos os dias a nossa turma marcava de chegar 30 minutos antes da aula começar, pois a gente competia com a outra turma, era uma brincadeira em duas, ambas as turmas se enfrentavam com o objetivo de eliminar o número de pessoas do time adversário.

Fromberg (1987) afirma que

O jogo infantil incluir as características: simbolismo: representa a realidade e as atitudes; significação: permite relacionar ou expressar experiência; atividade: a criança faz coisas; voluntária ou intrinsecamente motivado: incorpora motivos e interesses; regrado: sujeito a regras implícitas ou explícitas, e episódio: metas desenvolvidas espontaneamente (FROMBERG 1987, p. 36).

Lembro-me o quão divertido e emocionante era desviar das bolas que eram jogadas! Estas, quando acertavam, chegava a doer, pois eram confeccionadas com folhas de papel enroladas com fitas. Cada um tirava folhas de seus cadernos para que assim formarmos uma bola bem grande e firme. Muitas vezes rolava confusão, por ser um jogo competitivo. Eu mesma competia com uma garota que ficava muito zangada quando eu ganhava. Um dia esta menina me passou uma rasteira e eu caí no chão, mas não chorei na frente dela, apenas fui correndo contar à diretoria o que ela tinha feito comigo. Outras vezes, tirávamos em "par ou ímpar" e, assim, tudo se resolvia com maior tranquilidade, obedecendo as regras, para continuarmos nos divertindo.

Massa, (2004), recorre a Winnicott (1975) para dizer que o lúdico:

Tem seu foco no brincar; seu objeto de estudo é a manifestação lúdica. Ele traz o conceito de transacionalidade, como campo intermediário entre a realidade concreta e o mundo interno psíquico do sujeito. Segundo o autor, é neste espaço, de desfrute, lúdico, prazeroso e criativo, que o brincar acontece. Por esse motivo que o brincar essencialmente satisfaz. Portanto, o brincar é fazer (enquanto realidade objetiva) e ser (enquanto atitude criativa, que possibilite um colorido à vida, contrário à submissão ao que está posto), (MASSA, 2004, p. 120).

### 3. Brincadeira que foi frustrante na Infância

Ao decorrer da nossa vida sempre passamos por momentos nos quais não nos sentimos bem, pois nem tudo é mil maravilha, e quando somos crianças só queremos brincadeiras que possamos usar a imaginação e a criatividade, mas haverá brincadeiras em que não irá sair como esperávamos e que, muitas das vezes, acabam nos deixando frutados e até mesmo traumatizados.

Lembro da brincadeira “caí no poço”, onde era vendado os olhos de alguém que ficava no meio da roda e assim era feito o diálogo:

- Caí no poço!
- E quem te tira?
- É meu bem.
- Quem é teu bem? (Daí apontava-se para alguém e perguntava: É este?
- 

O participante que está no poço, vai respondendo “sim” ou “não” de acordo com sua vontade.

*Quando responder “sim”. O interlocutor pergunta:*

- Pera, Uva, Maçã ou Salada Mista?

Se a criança escolher pera, vale um aperto de mão na pessoa escolhida; para uva, um abraço; a maçã, um beijo no rosto. Já se a escolha for a salada mista, vale tudo: aperto de mão, abraço, beijo no rosto. Geralmente eu morria de vergonha de escolher algum menino, e via também que alguns dos meninos não queria me tirar, eles preferiam tirar as meninas mais bonitas, brancas, de cabelos lisos e loiros. Muitas

das vezes quando caía o menino, eu falava que não.

E isso me fez não querer brincar dessa brincadeira porque aquilo me machucava e eu sempre achava as outras meninas, mais bonitas; outras vezes eu me recusava a brincar dessa brincadeira, ficava apenas olhando, pois me sentia muito mal naquele ambiente que se tornava um lugar de bullying. Cunha (2007, p. 23), indica que:

O pensamento da criança evolui a partir de suas ações, razão pela qual as atividades são tão importantes para o desenvolvimento do pensamento infantil. Mesmo que conheça determinados objetos ou que já tenha vivido determinadas situações, a compreensão das experiências fica mais clara quando as representa em seu faz-de-conta. Neste tipo de brincadeira tem também a oportunidade de expressar e elaborar, de forma simbólica, desejos, conflitos e frustrações.

Me recordo de uma brincadeira que foi um pouco frustrante na minha infância chamada “telefone sem fio”. Era uma brincadeira que ocorria da seguinte forma: Os participantes ficavam em fila e o primeiro da fila falava uma frase e iria sendo repetida no ouvido do próximo, e assim sucessivamente até o último, que deveria repetir em voz alta a frase conforme ouviu. Muitas das vezes eu era a última, eu sempre gostei dessa brincadeira que às vezes se tornava engraçada, a frase dita pelo último da fila já não era igual à frase dita à primeira pessoa.

Mas houve um dia de uma situação em que eu não gostei, pois eu fui a última pessoa nesse dia e quando eu falei a frase em voz alta, da qual não era a frase correspondida, a frase que eu tinha falado era algo totalmente sem sentido, e eu queria ter falado a frase certa, assim eu tinha comigo que a culpa teria sido minha por não compreender direito, fiquei com vergonha por ver todos sorrindo, aquele momento fiquei com bastante raiva.

Foto: brincadeira Telefone sem fio



Fonte: <http://brinquedotecabrincaareprender.blogspot.com/2012/09/telefone-sem-fio.html>, acessado maio 2023

#### 4. Brinquedo que marcou a minha infância

Durante a minha infância vários brinquedos marcaram muito minha infância, mas de todos irei citar uns dois que gostei muito. Era meu kit de cozinha que eu ficava encantada e imaginava que fosse minha casa, toda rosa. Minha mãe era empregada doméstica e assim não tinha onde me deixar e ela me levava junto com ela para seu serviço, e eu levava minhas panelinhas sempre comigo. Um dia, na cozinha da patroa da minha mãe, ela me mostrou as panelas que parecia com as minhas lindas panelas.

Foto: Brincando com panelinhas



Fonte: [https://sme.goiania.go.gov.br/conexaoescola/educacao\\_infantil/natureza-brincar-e-descobrir/](https://sme.goiania.go.gov.br/conexaoescola/educacao_infantil/natureza-brincar-e-descobrir/), acessado maio 2023

E para a melhor sensação ela botou um pouco de café na minha

mini cafeteira e fiz o chá da tarde e eu tomava nas xícaras fofas. Foi um momento muito divertido e de muita criatividade. Muitas vezes eu brincava com minha vizinha e coleguinha no quintal da minha casa. Pegávamos terra e misturávamos com água para fazermos bolos, pegávamos folhas para ser o recheio e pedrinhas representavam a cereja do bolo.

Mas um dia enquanto brincava com a minha coleguinha, chegou um garoto e pegou minhas panelinhas, sem a minha permissão, e disse que iria levá-las embora. Automaticamente eu bati com um mamão no seu braço para ele soltar meus brinquedos. Ele zangou-se comigo e rapidamente jogou em mim um pedacinho de cerâmica, bem afiado, o qual acertou meu braço, fazendo um corte bem fundo, do qual saiu muito sangue. Sai correndo para dentro de casa gritando pela minha mãe que, imediatamente, foi atrás do meu pai no jogo de baralho. Meu pai me levou, de bicicleta, para o hospital. Chorei muito naquele dia.

A partir de então passei a ter um certo medo daquele garoto. Passei um bom tempo sem ir brincar no quintal, pois ele morava com os avós dele que eram meus vizinhos, Por outro lado, vi que eu também agi de forma errada, ao deixar que meu extinto de ciúmes pelos meus brinquedos me fizesse agir daquela maneira.

De acordo com Kishimoto é dito que o brinquedo vai representar certas realidades, tendo-se uma representação da qual estará presente no lugar de algo permitindo sua evocação mesmo em sua ausência.

O brinquedo coloca a criança na presença de reprodução: tudo o que existe no cotidiano, a natureza e as construções humanas. Pode-se dizer que um dos objetivos do brinquedo é dar à criança um substituto dos objetos reais, para que possa manipulá-los. (KISHIMOTO, 2005, p. 18).

## CONCLUSÃO

Contudo, a minha infância foi uma fase de descobertas, e penso que foi a melhor fase da minha vida, foi onde eu me sentia viva, sentia a liberdade sem cobranças e que eu sabia que eu iria errar, mas que aquilo não me afetaria muito por ser uma criança sem preocupações, e em todo esse processo me faria acordar no outro dia feliz e alegre e



sabia que qualquer coisa que ocorresse passaria.

Além disso, na minha infância minha família foi muito importante em cada momento, de todas as tardes que brincava com meus primos de jogo imobiliário e isso me fez aprender que tudo na vida é ganhar e perder, e isso me fez saber lidar com algumas situações ao decorrer da minha vida. E em que a escola me fez também a aprender com as diversidades das pessoas, de respeitar a todos como são e de aprender a me divertir saudavelmente.

Queria muito que houvesse um botão que eu pudesse apertar para voltar à minha infância! pois digo, com toda convicção, que a infância foi a melhor fase da minha vida. Hoje, já adulta, eu queria ter uma mente de criança sem me cobrar tanto por não sentir medo de nada e por acordar, no outro dia, me sentido bem e feliz, e ver que um dia após o outro tudo iria passar.

Mas a fase adulta é totalmente diferente, nada é mar de rosa, e tudo é complexo e difícil; há mais momentos frustrantes e tristes do que felizes, mas quando me pego assim tento me lembrar de alguns momentos incríveis que eu vivi.

Assim minha infância foi uma época maravilhosa cheia de amor, diversão e aventuras, sinto-me orgulhosa por tudo que passei em cada momento lindo e alegre, espero passar essa mesma alegria para as gerações futuras.

## REFERÊNCIAS

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. (org.) *Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação*. São Paulo: Cortez, 2005.

MACEDO, L.; PETTY, <sup>a</sup> L. S.; PASSOS, N. C. *Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar*. São Paulo: Artmed, 2005.

BARBOZA, Letícia; VOLPINI, Maria Neli. *Faz de conta: simbólico, representativo e imaginário*. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP, 2015.

### 3. MEMÓRIAS DE UMA INFÂNCIA QUE JAMAIS VOLTARÁ

Gabriela Batista de Sousa

#### INTRODUÇÃO:

A infância de qualquer criança é marcante, e a minha não foi diferente. Lembro-me, como se fosse hoje, da casa de minha avó, uma casa simples de palha e barro, mas que era cheia de afeto e amor. Além disso, durante os feriados reunia toda família. Este período traz lembranças muito boas. Recordo-me do ribeirão perto da casa que tinha a água verde, o que era muito lindo de se ver. Lembro da ponte de madeira em que eu e meus irmãos pulávamos de cima na água; das árvores verdes ao redor e de barras de cimento que servia de marcha para brincarmos do colar. Período que me deixou muita saudade, uma vez que todos esses momentos jamais voltarão.

Foto: Casa de palha e pau a pique - semelhante a casa da minha avó.



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/23959065@N06/5173867577>

Lembro-me também da mata que havia no fundo da casa de minha avó, uma mata fechada, e de árvores grandes e pequenas de todas as cores: amarelo, roxo e principalmente verde; dos lajeiros que havia no meio da mata, onde eu e minhas primas brincávamos de casinha e deixar a imaginação solta para fazermos o que quiséssemos

nós éramos tão felizes, naquele mundo criado por nós.

Foto: Estrada de chão em meio do mato.



Fonte: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Trilha\\_em\\_mata\\_fechada.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Trilha_em_mata_fechada.jpg)

Diante dessas lembranças é impossível não lembrar do pé de manga na frente da casa da minha avó, que parecia que ia chegar no céu de tão alto que era, com suas folhas verdes e seu tronco que ninguém conseguia abraçar, pois era tão grosso. Pé de manga este que servia de sobra para minha vó, mãe e tias quebrarem coco, mas principalmente de eu e meus irmãos brincarmos de piquenique com frutas que nós mesmo colhíamos dos pés. Era também o local onde a gente conversava sobre tudo. Sinto tanta falta daquela época, já que a nossa preocupação era só a de nos divertirmos!

O interesse em escrever sobre a minha infância surgiu durante o estudo da disciplina de Ludicidade e Educação do curso de Licenciatura em Pedagogia. Esta disciplina trouxe discussões que despertaram em mim a vontade de rememorar a minha infância, para assim trazer elementos que fizeram parte da minha infância e que foram relevantes para eu ser quem sou hoje. Outro aspecto que certamente contribuiu para a manifestação desse interesse foi a importância que o período da infância tem para o desenvolvimento de qualquer ser humano.

O objetivo deste ensaio é rememorar minha infância através de lugares que me marcaram e brincadeiras da minha infância, que fazem parte de mim até hoje. Neste ensaio, também foi trazido sobre

minha infância no ambiente escolar, as brincadeiras que aconteciam neste espaço, as coisas que me marcaram positivamente e negativamente e, sobretudo, os aprendizados deste período que estão presentes até hoje.

Este trabalho está organizado da seguinte maneira: primeiramente falo de uma brincadeira que marcou a minha infância no ambiente familiar. Em seguida destaco uma brincadeira que ocorreu no âmbito escolar que me marcou positivamente durante minha infância. Logo em diante destacou uma brincadeira que marcou minha infância negativamente e, por fim, apresento uma breve conclusão.

## 1. Brincadeira no âmbito familiar que marcou minha infância;

Na infância várias brincadeiras ficaram marcadas em nossa memória. Neste sentido, posso dizer que várias brincadeiras marcaram minha infância.

Neste sentido, Segundo Oliveira (2000, p. 01):

Brincar não significa apenas recrear, é muito mais, caracterizando-se como uma das formas mais complexas que a criança tem de comunicar-se consigo mesma e com o mundo, ou seja, o desenvolvimento acontece através de trocas recíprocas que se estabelecem durante toda sua vida.

Com toda a certeza o meu passatempo preferido na infância era o pular macaco ou como é mais conhecida a famosa amarelinha. Recordo que eu e meus primos e primas brincávamos debaixo de um pé de tamarindo grande que ficava ao lado da casa de minha avó, a gente desenhava o macaco no chão para podermos brincar.

Isso vai ao encontro com que a autora Kishimoto coloca em seu texto acerca da temática da brincadeira faz-de-conta quando ela cita: "O faz-de conta permite não só a entrada do imaginário, mas a expressão de regras implícitas que se materializam nos temas das brincadeiras" (Kishimoto, 2008, p.39). Assim, durante a brincadeira da amarelinha, a gente criava as nossas próprias regras usando nossa imaginação.

Além disso, lembro-me que a gente passava horas escolhendo o melhor caco de vidro para podermos jogar, e a melhor coisa da brincadeira era chegar até a cabeça, ou seja, o final, para assim fazer uma boneca. Essa brincadeira me marcou devido ser a única brincadeira

em que eu me saia bem, então eu brincava todos os dias.

Outro motivo que me marcou muito em relação a esta brincadeira, se refere ao fato de que durante um período eu não pude brincar de pular macaco, devido alguns problemas de saúde que tive. Isso foi muito difícil já que todos os dias meus primos e primas brincavam, mas hoje em dia entendo que este período foi necessário.

## 2. Brincadeira que marcou durante a infância no ambiente escolar.

Brincadeiras sempre esteve presente na vida das pessoas desde a infância, sendo que a maioria dessas brincadeiras ocorre no âmbito escolar, e com toda certeza marcam a infância de qualquer criança, pois é um ambiente onde compartilhamos com outras pessoas.

Neste sentido, certamente a brincadeira que mais me marcou no ambiente escolar foi pular corda, uma vez que pular corda era realizada com a presença de uma das minhas coordenadoras, por quem, que, até hoje, tenho uma grande admiração e com minhas colegas. Me recordo que toda a vez, na hora do recreio, a gente já corria para debaixo de um pé de manga, para esperar a coordenadora - Aldenora é o nome dela -, pois já sabíamos que traria a corda.

Além disso, a professora, assim como nós a chamávamos, fazia também uma pequena competição para saber quem conseguiria pular por mais tempo, e a vencedora ganhava um pirulito. Também lembro que quando estávamos pulando também cantávamos algumas músicas, tornando, assim, a brincadeira ainda mais divertida. E merece ainda destacar que muitas vezes eram realizadas algumas dinâmicas enquanto estávamos brincando, como, por exemplo, fazia as continhas de matemática para as crianças que esperavam a sua hora de pular e fazia até mesmo para quem está pulando.

Nesta perspectiva, Massa (2015), recorre a Brougère (2003), o qual,

aponta uma série de pesquisadores, entre eles Erasmo e Basedow, que percebem o jogo como um elemento para iludir a criança, de forma que ela aprenda como se estivesse brincando. Nesse caso, não se trata de aprender através do jogo e sim tornar o ensino com a "aparência" de uma brincadeira, controlando os supostos jogos com o objetivo de ensinar determinados conteúdos. (MASSA, 2015, p. 119)

Dessa forma, a brincadeira de pula corda ocorria com a intenção de iludir gente, e ao mesmo tempo fazia com que nós aprendêssemos algumas coisas, mesmo que fosse a partir de métodos tradicionais e mecânicos.

Este período era o único momento que me sentia parte da escola e sentia que tinha amigas, pois elas queriam minha presença para sentir, já que minha infância na escola foi um período em que sofri muito bullying, então este era momento que isso não acontecia. Diante disso, esta brincadeira servia de acalento para mim na escola, pois era o único momento de alegria.

### 3. Brincadeira que marcou minha infância negativamente.

Normalmente desde muito cedo aprendemos várias brincadeiras, e o melhor é ter amigos para compartilhar as novas brincadeiras aprendidas, mas nem sempre as brincadeiras trazem boas recordações. No meu caso, o jogo de futebol sempre foi uma brincadeira bem difícil para mim, já que sempre foi um divertimento que me chamava atenção devido várias colegas e amigas jogarem muito bem, no entanto, eu nunca tive habilidade para com a bola, isso me gerou alguns traumas.

Me lembro que em um certo ano a minha escola realizou um interclasse e eu tive que participar devido ao número de alunas ser insuficiente para formar as equipes. Me lembro, como se fosse hoje, de todos os momentos que vivi naquele interclasse, uma vez que era um misto de sentimentos, como, por exemplo, os sentimentos de alegria e frustração.

A alegria por estar participando pela primeira vez de uma brincadeira que sempre sonhava em participar, e a frustração por mais uma vez perceber que não tinha nenhuma habilidade com bola, o que resultava em muitas as gargalhadas das pessoas diante da minha maneira espalhafatosa de jogar bola, mesmo no momento em que, finalmente, consegui fazer um gol foi motivo de constrangimento.

Sendo assim, algumas brincadeiras não trazem só divertimento. Neste sentido, Kishimoto (2005, p. 23) lembra que “Vygotsky é um dos que afirmam que nem sempre o jogo possui essa característica, porque, em certos casos, há esforço e desprazer na busca do objetivo da

brincadeira". Já que estas brincadeiras trazem traumas que vão além da infância, como aconteceu comigo em relação ao futebol.

Mas em contrapartida, lembra-me do jogo de futebol que acontecia na casa da minha mãe no fundo da casa com trave de tijolos e de pé no chão. Eu e meus irmãos brincamos, naquele ambiente era totalmente diferente o que sentia em relação a jogar bola, já que era bem divertido, simples e sem julgamento.

## CONCLUSÃO

Durante a escrita deste ensaio foi possível relembrar de momentos muito importantes da minha infância e, também, de pessoas e lugares que fizeram parte de cada momento e que são muito especiais.

Neste sentido, durante esta memorização ficou evidente que todos estes momentos contribuíram significativamente para me tornar o que sou atualmente, pois cada acertos e erros deste período me trouxe uma aprendizagem que soube absorver da melhor maneira possível.

Referente às brincadeiras destacadas durante este ensaio, cada uma tem um significado especial para mim, independente se me gerou alegrias ou traumas. Nesta perspectiva, não poderia deixar de falar que as brincadeiras na infância ajudam a construir o adulto que seremos no futuro, assim qualquer brincadeira se torna fundamental para o desenvolvimento de cada indivíduo.

Acredito que tudo aconteceu durante minha infância contribuiu de alguma maneira, mesmo que eu não sabia explicar exatamente como, mas com certeza colaborou para que eu estivesse hoje cursando a faculdade de pedagogia para assim participar da infância de várias crianças.

Mas confesso que preciso me encontrar ainda neste meio, e que tenho muito o que aprender com as coisas que aconteceram durante minha infância. Então é muito importante fazer esta memorização deste aspecto da infância para saber como aconteceu nosso desenvolvimento até aqui.

## REFERÊNCIAS:

KISHIMOTO, Tizuko Mochida. (org.) *Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação*. São Paulo: Cortez, 2005.

MASSA, Monica de Souza. Ludicidade: da Etimologia da Palavra a Complexidade do Conceito. Rev. APRENDER - Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/articte/view/2460>.



## 4. (RE)CONSTRUINDO SIGNIFICADOS A PARTIR DAS BRINCADEIRAS DA MINHA INFÂNCIA

Iala Pereira Costa

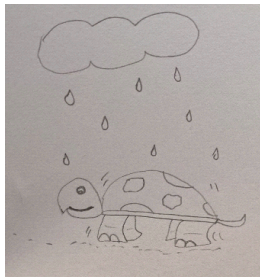
### INTRODUÇÃO

Apesar de não ter muitas recordações acerca da minha infância, sei que ela foi muito divertida. Minhas primeiras memórias sobre esse período são de quando eu morava no interior do município de Campestre do Maranhão. Minha mãe se referia a tal lugar como “Barraria” e para ela foi um lugar de bastante sofrimento, pois ela trabalhou muito e não teve o reconhecimento que esperava.

A nossa casa era bem simples, feita de tijolos e sem reboco. Foi muito bom quando meu pai conseguiu dinheiro para construir uma área ao redor da casa, ficou muito bonita e arejada e assim tínhamos mais espaço para brincar sem que fosse no sol ou debaixo das árvores. Eu e meus irmãos vivíamos em constantes brigas, pois as brincadeiras deles já não eram como as minhas devido à idade de maturação deles.

Na Barraria, eu brincava de boneca, brincava com animais, de bicicleta e outras brincadeiras. Uma vez, minha mãe me deu um jabuti e eu brincava muito com ele, até que um dia choveu muito e ele aproveitou para ir embora enquanto eu me divertia na chuva, fiquei muito triste e ainda acho que essa fuga teve a colaboração do meu irmão. Acredito que ele tenha soltado meu jabuti. Hoje reconheço o mal que eu fiz ao tirar um bichinho do seu habitat natural, mas no dia fiquei muito triste.

Foto: Desenho de um Jabuti



Fonte: Autoria da autora

Uma vez, ainda quando eu estava aprendendo a andar de bicicleta, minha mãe ou meu irmão, não sei ao certo, me soltou e eu fiquei com raiva e angustiada, pois quebraram a confiança que eu tinha em ser amparada por alguém que empurrava segurando a bicicleta. Mas, logo passou o medo quando minha mãe disse que ou eu aprenderia de uma vez ou iria "entrar na taca". De imediato peguei a bicicleta e fui treinar sozinha até conseguir. Enfim, há males que vêm para o bem, não é mesmo?

Foto: Desenho de quando aprendi a andar de bicicleta



Fonte: A autoria da autora

Ainda quando morava nesse lugar, ganhei uma cadeira de presente dos meus padrinhos de batismo. A sua estrutura é toda de metal e revestida de macarrão de cor azul. Até hoje ainda a tenho e não permito que minha mãe a reforme, pois para mim o valor sentimental é a preservação dela como está. Existem boatos, na minha família, que eu tenho mais ciúmes dessa cadeira, a qual carinhosamente eu chamo de Marivalda, do que do meu namorado e devo dizer que é a mais fiel verdade. A Marivalda, traz consigo lembranças muito boas de um tempo que não volta mais.

Foto: Cadeira de quando eu era criança



Fonte: Arquivo pessoal

Quando fomos morar na cidade de Porto Franco, as lembranças de brincadeiras que mais me marcaram foram as brincadeiras na vizinhança e na escola. Com as minhas vizinhas, que tinham a mesma idade, eu brincava de concurso de dança, de boneca, esconde-esconde e queimada. Um dia uma das irmãs da minha amiga brigou comigo e me mandou ir embora da casa dela, e eu vim correndo contar para a minha irmã que é conhecida como “barraqueira”. E, como era esperado, ela imediatamente foi na casa da menina e disse para ela me respeitar. Me senti o máximo sendo defendida pela minha irmã, embora dentro de nossa casa a gente se esgoelava de tanto gritar uma com a outra.

Na primeira escola que estudei, na cidade de Porto Franco, eu e os coleguinhas gostávamos muito de brincar de polícia e ladrão, pega-pega e amarelinha. A nossa preferida era a pega-pega que, por sinal, era a brincadeira mais odiada pelos funcionários da escola, pois não havia limite de velocidade, corríamos, ultrapassávamos o que viesse ou estivesse pela frente. Na escola havia uma árvore com umas sementinhas vermelhas pequenas (a mesma que os povos indígenas usam para fazer seus artesanatos), de cujo nome, não me recordo, mas essas sementes viravam armas nas nossas mãos. À medida em que a gente corria, atirávamos uns nos outros.

Nessa brincadeira, o banheiro era o nosso refúgio quando o ‘pega’ era um menino, pois as meninas ao se verem sem saída entravam todas no banheiro feminino e os meninos não podiam pegá-las.

Ao falar de brincadeira na escola, é impossível não citar um co-

leguinha que eu tive nessa época. Eu e ele éramos inseparáveis, melhores amigos. Mas, infelizmente, ele faleceu devido a uma forte dor de cabeça. Depois de sua partida os dias nessa escola se tornaram menos coloridos e sem graça. Isso me privou um pouco de algumas brincadeiras, pois fiquei muito triste por um bom tempo.

Para Barboza; Volpini (2015), o ato de brincar deve proporcionar a descoberta de um mundo novo.

E as brincadeiras devem ser vistas como um princípio que contribui para o exercício de conhecimento de mundo para a Educação Infantil. Todas as crianças têm direito de brincar e cada uma delas têm o seu modo de agir, expressar, e se relacionar perante as brincadeiras propostas em seu cotidiano. E através disso, oportuniza-se as possibilidades de situações imaginárias que estimulam a inteligência e desenvolvem a criatividade. (BARBOZA; VOLPINI, 2015, p.7).

Quando minha mãe me trocou de escola, não pela morte do colega, mas, por mal comportamento, eu sofri um pouco pelo distanciamento das minhas amigas. Mas logo estava brincando com os novos colegas na escola nova. Lá, uma das brincadeiras preferidas era a de tentar colocar os meninos dentro do banheiro das meninas e vice e versa. Todo dia era uma confusão, pois a diretora era acionada e a situação ficava feia. Mas nunca fui pega, ainda bem!!!

Outro ambiente que eu gostava bastante de brincar, era na casa da minha avó. Lá a gente podia brincar bastante, pois ela não brigava tanto como minha mãe.

Na casa da dona Josina (minha avó), eu brincava de casinha, de esconde-esconde, pega-pega, amarelinha etc. Lá eu tinha a companhia da minha prima e da minha tia, hoje falecida. Minha tia Marina faz muita falta, ela era a pessoa que não brigava com a gente de jeito nenhum, e sempre participava das nossas diversões. Lembro que ela deixava a gente usar e abusar do cabelo dela, que era um cabelão enorme e cacheado e eu e a minha prima brincávamos de salão de beleza.

Sempre digo que essa minha tia era alguém muito especial, pois ela era muito tranquila e não se incomodava com nada. Ela nos deixava molhar o seu cabelo para brincarmos e nem reclamava. E era dona de um sorriso lindo e reconfortante que já vi. Ah! como sinto saudades!

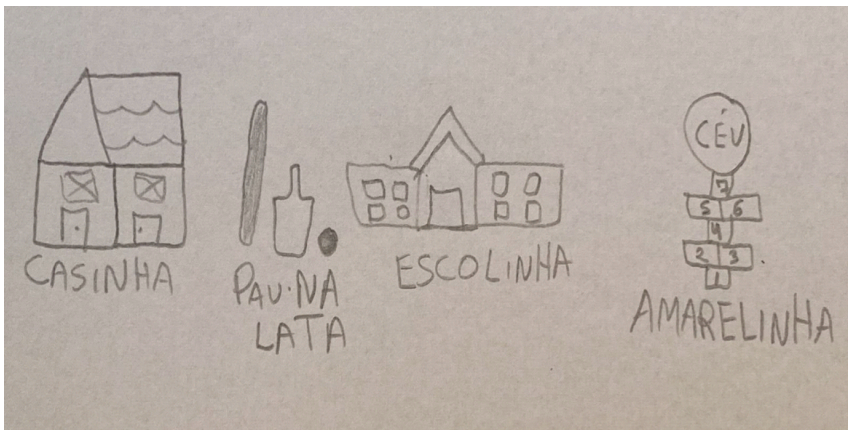
O que me motivou a escrever sobre essas memórias e brincadeiras da minha infância foi o sentimento de pertencimento e acolhimento que eu ainda sinto ao falar sobre as brincadeiras e sobre os lugares em que elas aconteceram.

Estes escritos estão organizados da seguinte forma, primeiramente faço um apanhado acerca das brincadeiras da minha infância. Em seguida, apresento uma brincadeira que me marcou no período escolar. E por fim, uma brincadeira que foi frustrante.

## 1. Brincadeiras da minha infância

Recordo-me de algumas brincadeiras que fizeram parte da minha infância como: casinha, pau na lata, escolinha etc.

Foto: Imagens de brincadeiras diversas



Fonte: desenhado feito pela autora

Brincar de casinha era, sempre, legal e divertido pois envolvia minhas amigas de vizinhança, a parte chata era quando elas começavam a brigar (elas eram irmãs), isso acabava com o clima satisfatório da brincadeira.

Na brincadeira de casinha nós arrumávamos tudo e fazíamos até comidinha. Uma vez, cozinhamos arroz em uma latinha de milho verde, mas a mãe da minha amiga brigou com a gente por estar brincando com fogo e também brigou por termos perdido o isqueiro dela e, por infelicidade, era a hora de fazer o almoço. Enfim, nesse dia fui embora com medo de que ela contasse essas travessuras para minha

mãe.

Com o tempo fomos aperfeiçoando a nossa casinha. O pai das minhas amigas nos ajudou colocando uma lona que seria o teto. Brincamos muito e tivemos muita dificuldade na hora de escolher quais seriam nossos nomes na brincadeira e quem seria a mamãe e as filhinhas.

A partir dos estudos de Barboza e Volpini (2015) percebi o quanto o ato de brincar é importante, como no seguinte destaque:

O brincar proporciona o desenvolvimento da identidade e da autonomia, a socialização, o contato com regras sociais, possibilidades de escolhas, resolução de situações problemas e o desenvolvimento da imaginação através das brincadeiras de faz-de-conta, do jogo simbólico, representativo ou imaginário. (BARBOZA; VOLPINI, 2015, p. 2).

## 2- Brincadeira que me marcou no período escolar

Na escola, lembro que eu e muitas outras crianças brincávamos de “pega-pega” na hora do recreio. Essa brincadeira envolvia não somente os alunos da minha turma, mas de todas as outras que desejassem participar. A brincadeira funcionava da seguinte maneira: Um de nós era escolhido como a pessoa que ‘pegaria’ as outras, à medida que essa pessoa era ‘pega’, ela automaticamente assumia o papel do anterior e teria que correr para pegar outra pessoa, e assim sucessivamente.

De acordo com Kishimoto (2005, p. 16), essa brincadeira pode ser caracterizada como jogo pois assume um sistema de regras, que, segundo a autora, podem ser observadas como “O resultado de um sistema linguístico que funciona dentro de um contexto social; Um sistema de regras; um objeto”.

A nossa brincadeira se assemelhava a “Polícia e Ladrão”, pois alguns eram responsáveis por prender e outros por fugir. Era muito divertido, mas lembro que às vezes era necessário a intervenção da diretora pois corríamos muito, o que poderia resultar em acidentes. A professora costumava brigar com a gente, pois ao retornarmos para a sala de aula estávamos muito suados e ofegantes.

Foto: Imagens de brincadeiras no período escolar



Fonte: desenhado feito pela autora

### 3- Brincadeira que foi frustrante na minha infância

Certa vez à noite eu estava na casa da minha avó, onde eu costumava passar as férias. À noite as crianças que moravam na rua da minha vó se reuniam na frente das casas e brincavam muito. Então decidimos brincar de Esconde-esconde ou "Se esconde", e eu me escondi embaixo do pé de manga e um amigo meu escondeu-se em cima, nos galhos.

Foto: Imagens de brincadeiras frustrantes



Fonte: desenhado feito pela autora

Tudo estava tranquilo quando, de repente, sinto aquela água fedida caindo sobre mim. Fora meu amigo que estava escondido nos galhos da mangueira que acabara de fazer xixi em mim! Fiquei muito chateada com ele, que insistia em afirmar que não fez por querer, pois não sabia que eu estava escondida ali abaixo.

Outra brincadeira que me traz lembranças ruins foi a brincadeira de casinha, pois, eu vez eu estava na casa da minha avó, novamente, brincando com minha prima no quarto, quando decidimos fazer um lanche, então eu subi no armário para pegar o açúcar e o armário virou e caiu, quebrando vários copos, pratos e outros utensílios de vidro. A

sorte foi que minha tia estava em casa e me ajudou a sair debaixo do armário. Minha avó brigou muito com a gente e isso me gerou uma certa frustração.

## CONCLUSÃO

Muitas brincadeiras perduram ao longo do tempo da mesma forma, como a brincadeira de esconde-esconde, por exemplo, que preserva a sua forma de brincar, praticamente igual por várias gerações. continuamos a ver crianças brincando de esconde-esconde da mesma forma como eu brincava. E como observa Kishimoto (2005, p. 38) “Muitas brincadeiras preservam sua estrutura inicial, outras modificam-se, recebendo novos conteúdos. A força de tais brincadeiras explica-se pelo poder da expressão oral”.

Assim concluo que todas essas brincadeiras ajudaram-me na construção da personalidade que tenho. E, com base nos ensinamentos do passado, busco, sempre, aprender e não repetir os mesmos erros. Relembrar tudo isso foi muito valioso e essa escrita foi fundamental para que eu nunca esqueça as minhas origens e saiba que o presente e o futuro são construídos a partir do passado.

## REFERÊNCIAS

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. (org.) *Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação*. São Paulo: Cortez, 2005.

BARBOZA, Letícia; VOLPINI, Maria Neli. *Faz de conta: simbólico, representativo e imaginário*. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP, 2015.



## 5. (RE)LEMBRANDO AS ORIGENS DO BRINCAR: MEMÓRIAS SIGNIFICANTES DA MINHA INFÂNCIA

Ingredy Chaves Lima

### INTRODUÇÃO:

Quando vejo crianças brincando na rua ou em qualquer outro lugar me lembro de quando também era criança. Meus pais não tinham uma boa condição financeira, mas não me faltava quase nada e eu era uma criança feliz. Atribuo parte desta felicidade ao areão que tinha na frente da minha casa que com um pouco de imaginação virava um imenso mar e se tornava palco das minhas aventuras de pirata. A casa onde eu morava era de telha e tijolos não rebocada, bem vizinha a ela morava o irmão Fialho, um senhorzinho simpático que me adotara como neta. Na frente, do outro lado da rua, era a casa da irmã Docila, mulher de certa idade já grisalha.

Ela era a diretora e professora da pequena escola que tinha ali. No canto do quintal existia uma ingazeira muito grande, em cuja sombra eu brincava por tempos sozinha. Em cada uma das árvores do meu quintal via um amigo e até nomes eles tinham. Escalar Dona Maria, a ingazeira, era uma diversão, até em pula-pula eu a transformei.

Foto: Minha casa no povoado Vitória

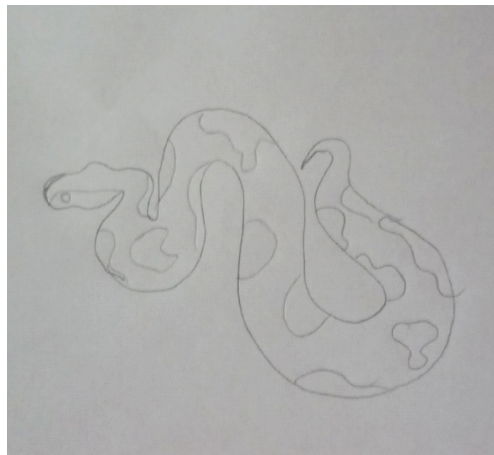


Fonte: Desenho autoral.

Lembro-me quando nós íamos para a roça buscar verduras e

frutos como o bacuri, não porque precisássemos, mas porque era divertido. Um certo dia, em um desses passeios descendo correndo uma ladeira me deparei com uma jiboia enorme no meio da estrada e quase pisei em cima dela. Corri e contei ao meu pai que logo deu um jeito no animal. No outro dia na escola o assunto era aquele, mais uma aventura de tantas outras vividas. Minha infância teve os seus dias mais verdejantes. Tinha suas ruas de terra, com minhas pegadas de pés descalços. Tinha no seu céu um infinito azul, como os lençóis que minha mãe estendia no quintal. Um esplêndido pôr do sol. Minha infância tinha gosto de fruta roubada no pé: goiaba, caju, acerola...

Foto: Cobra Jiboia



Fonte: Desenho autoral

Lembrar da minha infância não significa apenas fazer relatos de acontecimentos e fatos passados, significa mexer numa série de sonhos, sentimentos, emoções e sensações. Lembrar do passado é recordar as brincadeiras com os amigos, lugares, cheiros e sabores de tamanha importância que ficaram gravados na memória.

A lembrança mais remota que tenho é de quando eu chorei deitadinha numa rede, e quando minha mãe pegou-me nos braços e me colocou no chão, saí caminhando e comecei a brincar sentindo-me livre e pronta para fazer as minhas primeiras explorações pelo chão da casa. Lembro-me dos amiguinhos imaginários que me acompanharam por anos, amava andar em um triciclo rosa no gigantesco quintal da minha casa, rodeava aquelas árvores e minha imaginação me levava

para outras cidades, lugares e diferentes aventura.

Meu pai fez um balanço em um galho na minha ingazeira para que eu, juntamente dos meus amiguinhos, inclusive aqueles imaginários, desfrutaremos em conjunto daquele brinquedo. Eu conseguia ficar horas e horas no vai e vem daquele balancinho sentindo o vento no rosto com minha mente criando diversas situações imaginárias.

Foto: Balanço na Ingazeira



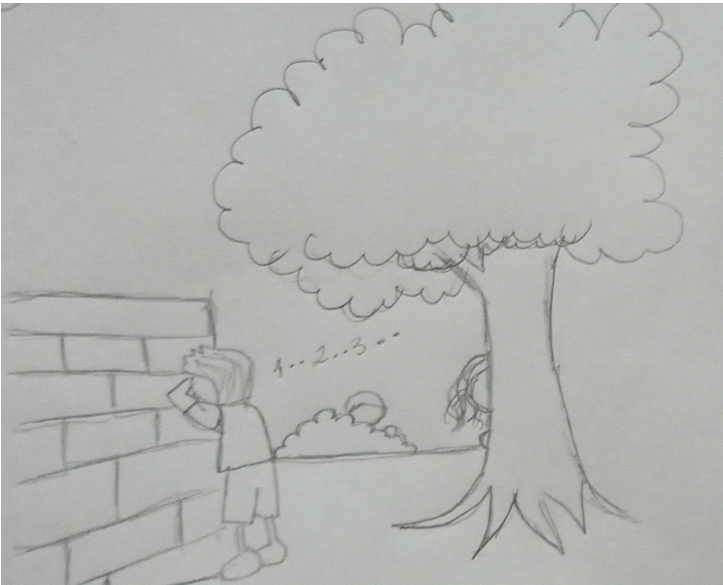
Fonte: Desenho autoral

No âmbito escolar não consigo lembrar tudo, mas sim de algumas coisas mais marcantes. Estudei em uma escola onde existia uma salinha, e nessa salinha todos os alunos estudavam juntos e sempre era uma diversão. A professora era uma mulher de uns trinta anos, de pele negra, bem baixinha, os cabelos cacheados não posso deixar de mencionar o brilho que havia em seu olhar fazia a gente acreditar na nossa capacidade mesmo sendo uma criança pequena. Quando me viu lendo pela primeira palavra saltou um... de alegria e disse que eu era seu orgulho e isso me impulsionou a ler sempre mais. Relatarei nessa escrita parte de minha infância, mais especificamente brincadeiras que marcaram e contribuíram nesse processo.

## 1. As brincadeiras da minha infância

Somos feitos de memórias e as brincadeiras/jogos da infância sempre marcam de uma forma especial. A única menina de 3 irmãos cresci rodeada de crianças. Quando pequena morava em um povoado do interior do Maranhão e, sem dúvidas, uma das brincadeiras que mais ficaram marcadas nesse âmbito foi a de esconde-esconde.

Foto: Brincadeira do Esconde-esconde



Fonte: Desenho autoral.

Finalzinho da tarde, o sol quase se pondo, o cantar dos pássaros e muitas crianças reunidas em frente à casa. Esse era o cenário que vivenciei por boa parte da minha infância. O jogo começa com uma pessoa contando de um a cinquenta enquanto os demais se escondem, para decidir quem iria contar usávamos da sorte retirando no “zerinho ou um” o último a sair era o escolhido.

A infância é, também, a idade do possível. Pode-se projetar sobre ela a esperança de mudança, de transformação social e renovação moral. A infância é portadora de uma imagem de inocência: de candura moral, imagem associada à natureza primitiva dos povos, um mito que representa a origem do homem e da cultura. (BOMTEMPO et al. 2008.p. 19).

A forma como minha imaginação fluía com tamanha facilidade tornava possível haver milhares de mundos ali no meu quintal. outra brincadeira de gostava muito era a "cabra cega". Para jogar esse jogo é necessário um pedaço de pano ou uma faixa para ser a venda. De olhos vendados, um participante será a cabra-cega e, tentará pegar os outros participantes, na brincadeira não há um número específico de participantes. Inclusive, é ainda mais divertido quando mais pessoas entram no jogo, quanto mais gente melhor. O primeiro a ser pego assume o posto de cabra-cega. O pegador, no início da brincadeira, deve girar várias vezes para ficar desorientado. Os outros participantes, que não estão vendados, fogem do pegador. Era definido um limite para brincar, dessa forma não ficava impossível de encontrar os participantes.

Para Kishimoto (2001, p. 27), citando Fromberg:

[...] o jogo infantil inclui as seguintes características: simbolismo, ao representar a realidade e atitudes; significação, uma vez que permite relacionar ou expressar experiências; atividade, ao permitir que a criança faça coisas; voluntário ou intrinsecamente motivado, ao incorporar seus motivos e interesses; regrado, de modo implícito ou explícito; e episódico, caracterizado por metas desenvolvidas espontaneamente.

Geralmente em julho tinha as competições de pião. Nenhum de nós tinha dinheiro para comprar um, então fazíamos o nosso utilizando um pedaço de madeira e um prego. Era feito com uma madeira não tão dura, fácil de modelar. O prego era usado para fazer ponta de metal na parte inferior, que ajudava a girar verticalmente, dando equilíbrio. A brincadeira de pião acontece da seguinte forma: era enrolado em todo o corpo do brinquedo um cordão, cuja ponta fica presa em seu dedo. Lançado ao chão e recolhendo-se rapidamente o cordão, o pião rodopia velozmente sobre si. Eu e meus amigos fazíamos disputas entre si para ver quem é mais hábil no manejo do pião, fazendo o rodopiar por mais tempo lançando seu pião sobre os outros para

retirá-los abruptamente da roda.

Foto: Brincadeira do Cabra-cega e do Pião



Fonte: Desenho autoral.

## 2.Brincadeiras da infância no âmbito escolar

As brincadeiras sempre foram bem presentes no meu período escolar. Queimada, vôlei, pula-corda, pula-elástico entre outras. A que eu mais gostava era de pula-elástico, várias meninas juntas em torno de um elástico amarrado às pontas. Geralmente pulávamos em duplas, enquanto duas seguravam as outras duas pulavam, errava caso pisasse no elástico.



Os níveis variam do pé, que era a fase inicial, ao pescoço que era o mais difícil. A facilidade com que pulávamos hoje de certa forma me impressiona, aquela simples brincadeira no pátio da escola era uma riqueza tremenda pois mesmo que involuntariamente desenvolve habilidades motoras e de convívio social.

A pouca seriedade a que faz referência está mais relacionada ao cômico, ao riso, que acompanha, na maioria das vezes, o ato lúdico e se contrapõe ao trabalho, considerado atividade séria. Quando brinca, a criança toma certa distância da vida cotidiana, entra no mundo imaginário. Embora Huizinga não aprofunde essa questão, ela merecerá atenção de psicólogos que discutem o papel do jogo na construção da representação mental e da realidade. (BOMTEMPO et al. 2008.p. 19).

### 3. Brincadeira Frustrantes

Ainda no ensino fundamental tinha uma professora que sempre levava um joguinho chamado tangram, a gente precisava montar as figuras. Os níveis iam ficando mais difíceis conforme era montado, ela costumava dividir a turma em grupo de três alunos e eu sempre ia com duas coleguinhas que tinha mais afinidade. Tinha certa facilidade na montagem, porém quando chegava em um nível considerado difí-

cil e não conseguia resolver me frustrava bastante.

Certa vez eu chorei por não conseguir montar, fiquei triste e a professora veio me ajudar. Explicou-me que nem sempre vencer era o principal, e tudo bem não conseguir às vezes. No entanto, minha meta ainda era passar todas as fases, no meio do ano aquela professora saiu da escola e a outra não trabalhava com tangram. Infelizmente não passei de fase e muito menos concluí o jogo.

Construindo, transformando e destruindo, a criança expressa seu imaginário, seus problemas e permite aos terapeutas o diagnóstico de dificuldades de adaptação bem como a educadores o estímulo da imaginação infantil e o desenvolvimento afetivo e intelectual. Dessa forma, quando está construindo, a criança está expressando suas representações mentais, além de manipular objetos. Para se compreender a relevância das construções é necessário considerar tanto a fala como a ação da criança que revelam complicadas relações. É importante, também, considerar as ideias presentes em tais representações, como elas adquirem tais temas e como o mundo real contribui para a sua construção. (BARBOZA, NELI, 2015. p. 02).

## CONCLUSÃO:

Ao término deste trabalho sinto-me grata por retomar aspectos que foram de fundamental importância na construção da minha infância, viver é recordar. Relembrar as brincadeiras da infância é de uma riqueza muito grande visto que, como afirma Oliveira (2000), o brincar não significa apenas recrear, é muito mais, caracterizando-se como uma das formas mais complexas que a criança tem de comunicar-se consigo mesma e com o mundo, ou seja, o desenvolvimento acontece através de trocas recíprocas que se estabelecem durante toda sua vida. Assim, através do brincar a criança pode desenvolver capacidades importantes como a atenção, a memória, a imitação, a imaginação, ainda propiciando à criança o desenvolvimento de áreas da personalidade como afetividade, motricidade, inteligência, sociabilidade e criatividade.

As brincadeiras da minha infância, sobretudo, foram de rica aprendizagem pois de certo através delas desenvolvi minha autonomia, senso de responsabilidade. Oliveira (2000, p. 19) relata que o brincar, por ser uma atividade livre que não inibe a fantasia, favorece o



fortalecimento da autonomia da criança e contribui para a não formação e até quebra de estruturas defensivas. Ao brincar de que é a mãe da boneca, por exemplo, a menina não apenas imita e se identifica com a figura materna, mas realmente vive intensamente a situação de poder gerar filhos, e de ser uma mãe boa, forte e confiável.

Através do brincar pude expressar meus sentimentos, sejam eles de alegrias ou frustrações, este papel é fundamental para se estabelecer uma relação de um adulto confiante em suas atitudes, ou seja, um adulto capaz de estar maduro frente à realidade da vida adulta.

## REFERÊNCIAS:

BARBOZA, Letícia; VOLPINI, Maria Neli,. *Faz de conta: simbólico, representativo e imaginário*. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP, 2015.

BOMTEMPO, Edda. A brincadeira de faz-de-conta: lugar do simbolismo, da representação, do imaginário. In: KISHIMOTO, M, T. (Org.). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001. c. III. p. 57- 71.

OLIVEIRA, Vera Barros de (org). *O brincar e a criança do nascimento aos seis anos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. (org.) *Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação*. São Paulo: Cortez, 2005.

## 6. REMEMORANDO MINHA INFÂNCIA

**Janessa Carvalho Vieira**

### INTRODUÇÃO

Minha família é muito grande, tenho 14 irmãos, sendo sete do primeiro casamento de minha mãe e sete com o meu pai. Sou a filha mais velha do segundo casamento, por ser a irmã mais velha, trago comigo muitas memórias que não são tão boas devido ao grau de responsabilidade que recaiu sobre mim, desde muito pequena.

Por ser a mais velha sempre tive que ter mais responsabilidades a cumprir, tanto em casa como na vida. Nasci na cidade de Fortaleza dos Nogueiras, uma cidade turística do Estado do Maranhão, mas logo depois meus pais mudaram de lá. Por meu pai ser trabalhador nas fazendas dos outros, nunca permanecemos muito tempo em um mesmo lugar. Quando eu tinha nove anos, mudamos para a cidade de Porto Franco, também no Maranhão, onde a minha mãe reencontrou a família dela que morava aqui, e ela não sabia por que tinha sido criada pela sua avó, por isso não sabia o destino da verdadeira mãe dela.

Minha mãe sofreu muito com meu pai, cresci em um lar de violência, onde presenciava meu pai batendo em minha mãe, ele chegava bêbado em casa e descontava tudo em nós. Mas o tempo passou e minha mãe engravidou de gêmeos que são minhas duas irmãs mais novas, aí quando ela foi ganhar os bebês, um deles teve complicações e foi levado ao hospital na cidade de Porto Franco, onde ficou por um tempo na incubadora. Foi aqui, nesta cidade, que ela reencontrou a sua família e viemos morar aqui.

Comecei a estudar atrasada, no assentamento onde eu morava tinha apenas uma professora que dava aula em uma casa de barro e coberta de palha, mesmo com toda a dificuldade, mas ela tinha um grande amor pela profissão, ali aprendi o básico. Não tenho meu boletim desta escola, penso que, ou a minha mãe não o trouxe ou na verdade nem existia, por isso não tinha como provar que eu já estudava, então tive que, aos 10 anos, ser matriculada na primeira série do ensino fundamental.

Como era uma cidade grande, diferente de onde a gente morava, e vivíamos, da caça e da produção daquilo que meus pais plantavam, passamos por muitas dificuldades, por isso tive que começar a trabalhar aos 11 anos de idade para poder ajudar meus pais, para ser menos um filho para sustentar. Foi aí que arrumei o meu primeiro emprego, que foi como cuidadora de uma senhora que me acolheu super bem, ficava com ela enquanto a neta dela ir para a faculdade a noite. Não recebia salários, apenas ganhava materiais de higiene e materiais escolares.

Depois desta experiência não parei mais de trabalhar. Aos 12 anos arrumei outro emprego: comecei a cuidar de crianças e, assim, me tornei babá por anos e anos. Quando completei 17 anos, arrumei um emprego na casa de uma família para cuidar de um bebê chamado Daniel que tinha apenas três meses. Dessa forma, aos 17 anos eu era uma jovem com muitas responsabilidades: trabalhava durante o dia e estudava à noite. Quando o menino Daniel completou três anos seus pais começaram a levá-lo para a creche e me fizeram a proposta de cuidar da casa no período da manhã e cuidar dele a tarde, e assim foi durante seis anos.

Foi também aos 17 anos que conheci o meu futuro esposo, um jovem que, como eu, trabalhava e estudava, depois de quatro anos de namoro, nos casamos e fomos muito felizes levando a nossa vida de trabalho e estudo. Porém, logo me ocorreu um sério problema de coluna e eu tive que abandonar meu emprego na casa do menino Daniel.

Amenizado o problema da coluna passei a cuidar de outro bebê, porém por pouco tempo, pois logo entrei na faculdade e houve coincidência do horário das aulas com o horário que deveria cuidar do bebê. Optei, então, por ficar só na universidade, me dedicar aos meus estudos e tirar esse tempo para mim.

Como podemos ver, a minha infância não foi muito fácil, pois tive que me tornar a adulta antes do tempo certo. Mas nem por isso deixava de brincar quando tinha tempo livre e nos finais de semanas brincava de casinha com minhas irmãs; brincava de faz de conta, de pau na lata, do pega-pega, entre outros. Por isso, entendo que a infância é algo que, por mais que o tempo passe, a gente nunca deixa morrer essa criança que vive dentro de nós.

## 1. As Brincadeiras que marcaram a minha Infância.

Sou de uma família muito grande, e quando éramos crianças eu e minhas irmãs brincávamos muito de casinha, de mãe e filhas, dentre outras. Ao lado de nossa casa tinha um lote cheio de pés de macaxeira. Ali era o lugar ideal para a gente brincar. Primeiramente varriamos o local com uma vassoura que nós mesmas fazíamos com a ajuda de nossa mãe; fazíamos redes para as bonecas e pendurávamos lençóis ao redor dos pés de macaxeira para simular as paredes da casinha. Depois pegávamos pedras e fazíamos o fogão à lenha e algumas latas de sardinhas eram nossas panelas para poder fazer as nossas comidas e de nossas filhas - as bonecas. A comida que fazíamos não era de verdade, era só fruto de nossa imaginação. O dia passava e a gente nem via. Ficávamos ali brincando até nossa mãe chamar.

Tem outra brincadeira que eu gostava muito que era a de pular corda, eu e minhas amigas combinávamos de irmos mais cedo para escola só para ficarmos pulando corda na frente da escola antes de bater o sino, porque depois não tínhamos tempo de brincar.

Para Piaget (2003, p. 28-29):

É fácil dar-se conta de que estes jogos simbólicos constituem uma atividade real do pensamento, embora essencialmente egocêntrica, ou melhor, duplamente egocêntrica. Sua função consiste em satisfazer o eu por meio de uma transformação do real em função dos desejos: a criança que brinca de boneca refaz sua própria vida, corrigindo-a à sua maneira, e revive todos os prazeres ou conflitos, resolvendo-os, compensando-os, ou seja, completando a realidade através da ficção. (Citado por BARBOZA e VOLPINI, 2015, p. 6).

Quando eu tinha oportunidade de brincar, gostava de aproveitar o máximo, lembro que gostava muito de brincar com meu irmão de jogar pião, de soltar pipa na lagoa que tinha lá perto da casa de nossa mãe, a gente sai no meio do sol quente e ficava soltando pipa, até nossa mãe chamar, era superdivertido.

Tinha um jogo chamado castanha no buraco, a gente cavava um buraco no chão e depois ficava de uma distância de mais ou menos uns um metro e meio, e jogava a castanha quem acertasse dentro do buraco, ficava com todas as castanhas que tinha dentro e as que tinha fora, só que essa brincadeira só funcionava no tempo dos cajus. Era uma brincadeira divertida e que dava para muitas crianças brincarem

ao mesmo tempo.

Fui uma menina que sempre gostou de jogar bola, toda vez que eu chegava em casa da escola eu brincava de jogar na frente de casa com os meninos da rua, só que minha mãe sempre implicava com medo da bola parte na antena que ficava pendurada em cima da casa, foi dito e certo eu chutei e a bola pegou na antena e quebrou, daí foi proibido o jogo na frente de casa. Mas a gente arrumou outro jogo, chamado de pau na lata. Esse jogo é jogado por quatro pessoas, dois ficam com o pau e dois ficam atrás de você jogando a bola, tentando derrubar o litro para chegar a vez deles, foi uma brincadeira que eu amava jogar, e sempre quando tenho a oportunidade, ainda brinco, essa brincadeira permaneceu por muito tempo na rua da casa da mãe.

Imagem: Jogo de futebol.



Fonte: Desenhado manualmente por Ingredy Chaves Lima

## 2. Lembrança de uma brincadeira no contexto escolar.

Recordo-me de uma brincadeira que eu, particularmente, amava brincar com minhas colegas de sala, era a brincadeira de pular elástico. Esta brincadeira envolve três componentes: duas seguravam as pontas do elástico enquanto a outra pulava. Praticamente todos os dias eu e minhas colegas chegávamos mais cedo na escola, só para ficarmos pulando no pátio antes da hora de entrar. Logo quando batia o sino nós já estávamos todas suadas de tanto brincar e quando chegava a hora do recreio nem íamos merendar, para não perder tempo, já saímos correndo para pular elástico. Eu produzia o meu próprio

elástico com cama de ar de pneu de bicicleta, e levava dentro da bolsa, para podermos brincar.

Massa (2015), recorre a Winnicott (1975) para dizer que o lúdico

tem seu foco no brincar; seu objeto de estudo é a manifestação lúdica. Ele traz o conceito de transicionalidade, como campo intermediário entre a realidade concreta e o mundo interno psíquico do sujeito. Segundo o autor, é neste espaço, de desfrute, lúdico, prazeroso e criativo, que o brincar acontece. Por esse motivo é que o brincar essencialmente satisfaz. Portanto, o brincar é fazer (enquanto realidade objetiva) e ser (enquanto atitude criativa, que possibilite um colorido à vida, contrário à submissão ao que está posto). (MASSA, 2015, p. 120).

Quando olho para trás e lembro daqueles momentos tão especiais na minha vida, compreendo o quanto eles foram importantes. Foram eles que fizeram permanecer a alma da criança em mim que apesar das dificuldades e do trabalho precoce, marcaram a minha infância colorindo-a de alegrias, com sorriso no rosto tento me manter firme, até mesmo para encorajar outras pessoas a seguirem como exemplo e buscarem o meu melhor para a vida delas.

Foto: Brincadeira de pular elástico



Fonte: Desenhado manualmente por Ingedy Chaves Lima.

### 3. Brincadeiras frustrantes da minha infância.

Tem uma outra brincadeira que me marcou muito no âmbito escolar que foi a brincadeira do pega-pega, pois é uma brincadeira

que pode brincar várias pessoas. Um dia estávamos na hora do recreio e fomos brincar e a gente colocou um colega nosso para iniciar correndo atrás de nós para pegar, porém eu e minhas colegas já tínhamos elaborados as nossas estratégias para que os meninos não nos pegassem. Nossa estratégia era a de correr para dentro do banheiro feminino, que era um lugar que eles não podiam entrar, mas quando eu corria para entrar no banheiro minha colega colocou o pé na frente fazendo com que eu tropeçasse e caísse, quebrando um dente. Foi muito complicado, mas a minha amiga não fez propositadamente, na verdade queria derrubar era o menino que estava vindo atrás de nós.

Os professores cuidaram de mim, e depois fui à dentista e estou, até hoje, com um pedaço de um dente que não é meu. São as marcas de um tempo de peripécias infantis, mas um tempo que foi muito divertido.

Imagem: Empinando pipa.



Fonte: Desenhado manualmente por Ingedy Chaves Lima

## CONCLUSÃO

Percebe-se então que não foi tão fácil a minha infância, mas nem por isso deixei de aproveitá-la. Teve erros e acertos, tive que trabalhar muito nova para poder ajudar nas despesas de casa, sofri muito nas casas dos outros, fui uma criança que foi muito humilhada pelos outros. Mesmo na minha idade, se eu fizesse uma coisa que não estivesse certa ou que não fosse do agrado, tinha que refazer até acertar.

Os filhos mais velhos, irmãos das crianças que eu cuidava me batiam por eu estar no mesmo quarto que eles. E o tempo foi passando e eu fui aprendendo com a vida.

Isso tudo fez com que eu me superasse, me tornasse a pessoa que sou hoje, me fez ver o mundo de outra forma, sempre sonhei com um futuro melhor para mim, sempre pensei em dar uma vida melhor para meus pais e até para as minhas irmãs mais nova que, até hoje, nem todas terminaram o Ensino Médio. Tenho me esforçado para que elas continuem seus estudos, mas não têm mostrado interesse em seguir estudando.

Me sinto um pouco frustrada, pelo fato de eu não ter visto as minhas irmãs crescerem na vida, serem estudiosas e até por terem sido criadas na cidade e com mais facilidade. Mesmo assim elas não têm dado o devido interesse de querer crescer em conhecimento.

Não pensava em passar por isso, delas não querer estudar tão novas, mais fiz e ainda faço minha parte incentivo elas, digo que sem estudo não somos nada, se queremos algo melhor temos que estudar.

No meu caso, fiz o Enem cinco anos seguidos, até conseguir passar em uma universidade e, esse resultado foi um dos momentos mais felizes da minha vida, um sentimento que não conseguia explicar. Entrei na faculdade pública já tarde, por não conseguir pagar uma faculdade particular, por isso tive que persistir nos vestibulares e no Enem, toda vez que fazia que eu não passava eu ficava com pensamento de impotência, até que um dia eu falei com Deus e ele me deu esse presente que é estudar na Universidade Pública.

Hoje com tanta coisa que aconteceu na minha vida, eu tenho orgulho de quem eu me tornei, não meço esforços para conseguir o que eu quero, vou a lutar todos os dias, para me tornar melhor dia após dia.

Quero ser uma mãe exemplar para os meus futuros filhos, pretendo ter uns dois ou três filhos, ainda não tive pelo fato de estudar em outra cidade, e ser um trajeto longo, além de ser difícil conciliar tudo.

Ainda tenho muitos sonhos para serem realizados, sonho em dar o melhor para minha mãe, hoje ela está separada do meu pai, mas luta todos os dias trabalhando nas casas dos outros para se sustentar, e dar o melhor dela no que faz. Ela é uma guerreira, uma mulher que sempre lutou para dar o melhor para nós, com o pouco que ela con-



seguia.

A palavra que me define é superação, a infância é a parte melhor de uma pessoa pois ela está ali iniciando um processo de evolução, e eu tive isso só não foi como as outras. Hoje lembrando o que eu passei na minha infância, jamais desejaria ou faria com meus filhos futuramente.

Sonho muito alto, pretendo terminar minha faculdade, passar em um concurso público, fazer uma pós-graduação, quem sabe até um doutorado. Desde pequena quando eu cuidava de meus irmãos eu gostava de ter esse cuidado com crianças, meus serviços sempre foram como babá pelo fato de eu ter esse conhecimento prévio, porque sabemos que não é fácil cuidar de bebê.

Quero trabalhar em escolas, só que pretendo ir para a parte administrativa, tenho apreço por administração, sempre gostei de administrar as coisas, tanto o lar, as contas, os negócios.

Com tantas coisas que aconteceram na minha vida, o que desejo é conseguir ser melhor cada dia mais, superar cada obstáculo que irei enfrentar, me tornar uma excelente profissional não importa onde eu estiver, pois creio que a vitória é minha, pois sirvo um Deus que tudo pode.

Agradeço a Deus por tudo, passei por muitas dificuldades, mas sempre tinha uma pessoa para me ajudar, não só eu mais a minha família.

## REFERÊNCIAS

BARBOZA, Letícia; VOLPINI, Maria Neli, *Faz de conta: simbólico, representativo e imaginário*. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP, 2015.

MASSA, Monica de Souza. *Ludicidade: da Etiologia da Palavra à Complexidade do Conceito*.

## 7. RECORDAÇÕES LÚDICAS: AS BRINCADEIRAS QUE MARCAM MINHA VIDA

Jayne Miranda da Silva

### INTRODUÇÃO:

Cresci em uma fazenda com meus pais e três irmãos, por isso eu sempre tive todas as vantagens e desvantagens de morar fora do meio urbano. Recordo-me de ter muita liberdade para brincar, mas também do quanto eu sempre tive que acordar muito cedo para estudar. Os dias chuvosos que tornavam o trajeto até a escola ainda mais desafiador, cheio de lama, assim, muitas vezes tivemos que fazer o percurso até a escola debaixo de chuva. Em um dia de muita chuva, a água do ribeirão da minha casa transbordou. A água subiu tanto que cobriu a ponte que dá acesso a minha residência, mas tínhamos que atravessar. Lembro-me do pai segurando minha irmã e eu para atravessarmos a ponte, apesar de não lembrar com muita clareza da chuva a travessia não foi algo que consegui esquecer.

De todas as lembranças, as mais vívidas em minha memória são dos dias quentes em que íamos para roça com os meus pais, mesmo sem conseguirmos ser verdadeiramente úteis, afinal éramos tão pequenos que tudo o que fazíamos era tirar folha de banana para forrar o chão e passarmos a tarde deitados. Quando crescemos um pouco, o suficiente para conseguir ajudar nas atividades da roça, meu pai sempre nos levava junto e nos designava tarefas fáceis de serem feitas, com a finalidade de que, desde cedo, aprendêssemos a trabalhar em equipe. Meu pai sempre nos dizia: "o pouco que vocês fazem, eu não faço".

Nos dias ensolarados do mês de julho quando as férias começavam, meus familiares sempre vinham passar uns dias com a gente e a casa sempre ficava lotada de crianças e, assim, passávamos os dias correndo soltos nas terras aradadas do meu pai. Subíamos em árvores, banhávamos no ribeirão. Uma das coisas que mais gostávamos de fazer era passar o dia pescando. A pescaria conseguia nos distrair tanto, que mesmo quando não pegávamos nenhum peixe, não voltávamos

para casa antes dos nossos pais nos chamarem para comer, e isso normalmente só acontecia depois deles perceberem que se deixassem por nossa conta não iríamos almoçar.

Recordo-me de uma vez quando no lugar onde estávamos pescando tinha uma caixa de marimbondo enorme e com o nosso barulho eles acabaram se assanhando e picando algumas pessoas. Foi uma correria só, cada um correu para um lugar diferente, tendo até quem se jogou dentro da água. Nossos pais ficaram desesperados quando nos viram chegar em casa naquelas condições, mas nada é capaz de nos impedir de pescar novamente.

Imagem: Casa de marimbondo e pescaria.



Fonte: Desenhado manualmente por Ingedy Chaves Lima

Andar a cavalo também é algo que fazíamos com muita frequência, mas isso sempre foi mais limitante já que dependíamos sempre de um adulto para colocar os arreios no cavalo. Um dia quando nenhum adulto estava disponível para nos ajudar tentamos fazer isso nós mesmos e até deu certo por um tempo, mas como não tínhamos força o suficiente para apertar os arreios, eles ficaram um pouco frouxos, mas isso não foi o bastante para nos impedir. Por eu ser a mais nova do grupo e conseqüentemente a mais leve eu fui a primeira a dar uma volta para garantir que era segura para os outros, consegui dar duas voltas e nada aconteceu até que minha prima que tinha o dobro do meu peso decidiu ir comigo. Quando ela fez força para subir a sela rodou e nós duas fomos direto para o chão. Ela caindo em cima do meu braço causando uma fratura.

Meu interesse em escrever sobre as memórias do brincar na infância surgiu quando a professora da disciplina Ludicidade e Educação propôs que fizéssemos um ensaio falando sobre as brincadeiras que marcaram a nossa infância. As brincadeiras não são apenas algo lúdico e divertido, elas impactam na vida adulta, ajudando a sermos um adulto mais “solto” ou retraído, tudo depende das experiências vividas ainda na infância.

O objetivo deste ensaio é explorar a importância das brincadeiras na infância e como elas podem deixar memórias duradouras. Com foco em brincadeiras específicas que marcaram a minha vida, de alguma forma, e como essas lembranças afetaram minha vida adulta.

O ensaio está dividido em brincadeira que marcou minha infância, brincadeira em contexto escolar e brincando que marcou de forma negativa.

## 1. A infância

Minha infância foi uma época muito feliz e cheia de aventuras. Desde pequena eu adorava qualquer brincadeira que envolvesse água, eu e minhas amigas passávamos boa parte dos nossos dias brincando dentro água. Como o ribeirão ficava perto da minha casa, minhas amigas normalmente passavam a tarde na minha casa. Me recordo de quando eu chegava da escola sempre ajudava a minha mãe nas atividades domésticas para que ela não me impedisse de ir para o ribeirão ou me chamasse para voltar para casa antes do necessário. Lá nós brincávamos do “cola”, também conhecido como pega-pega ou trisca, na qual uma pessoa se voluntariava para ser a pegadora (a escolha também podia ocorrer através da sorte, utilizando o jogo de mãos pedra, papel e tesoura para decidir quem seria a pegadora), assim a pegadora teria que ir atrás das demais crianças até conseguir tocar em alguém fazendo com que a criança que ela tocou seja a nova pegadora.

Nós utilizamos a água para conseguir escapar, dessa forma as crianças mais habilidosas dentro d’água eram as mais difíceis serem coladas. Além disso, costumamos sujar a água para que conseguíssemos sair de um lugar para outro sem que fosse visível. Outra brincadeira

que também usamos a água era fingir ser sereia e ter poderes mágicos, na nossa imaginação qualquer contato por menor que fosse nossas caudas apareciam. Ficávamos horas nadando de um lado para o outro, brincando de mergulhar nas águas cristalinas e imitando as sereias dos desenhos animados.

Imagem: Pequena Sereia.



Fonte: Desenhado manualmente por Ingredy Chaves Lima

Rememorando a minha infância recordei-me de quando estudava na escolinha aqui mesmo no Povoado que moro, eu ia de bicicleta para a escola todos os dias com os meus irmãos, às vezes tinha vacas no meio do caminho e eu sempre ficava morrendo de medo. Um certo dia quando estávamos voltando para casa meio-dia tinha mais gado no meio da estrada do que de costume e como eu estava com medo eu fiquei olhando para elas para garantir que elas não viriam atrás de nós, mas eu estava distraída e acabei passando por cima de uma pedra e caindo, meus irmãos em vez de ajudar eles só sorriam de mim, e até eles falam sobre isso e riem da minha pouca habilidade para andar de bicicleta.

Apesar disso, percorri várias vezes o trajeto da minha até a cidade que é equivalente a 6 km, meu avô gostava de ir de bicicleta para a casa da minha tia e nós como amávamos estar incluídos em tudo sempre íamos com ele, claro que minha mãe tinha certa resistência em me deixar ir, mas meu vô prometia ir devagar e não me deixar descer nenhuma ladeira mais montada na bicicleta.

Imagem: Andando de bicicleta.



Fonte: Desenhado manualmente por Ingedry Chaves Lima

## 2.Brincadeiras que marcaram a infância:

Uma das brincadeiras que mais marcou a minha vida, e que fez parte da infância de muitas crianças, foi brincar de casinha. Meus irmãos e eu sempre brincávamos debaixo de um pé de manga que ficava ao lado de casa. Durante a brincadeira, a gente fingia que estávamos em uma casa de verdade, e cada “morador” da casa desempenhava um papel diferente, como: mãe, pai, filhos etc. Portanto, sempre tinha alguém cujo papel era sair para trabalhar, enquanto o restante ficava em casa e cuidava das outras atividades: fazer comidinha para os moradores da casa enquanto os outros iam trabalhar na roça.

[...] na capacidade de representar elas imitam as pessoas que fazem parte do seu dia-a-dia, ao que vê na televisão, ao que tem mais contato visual, pois as crianças estarão fazendo realizações de representações de papéis das pessoas presentes, como, por exemplo, pais, professores, amigos, tios, primos, entre outros. (BARBOZA; VOLPINI, 2015, p. 8).

A parte mais legal é que sempre usamos a imaginação para brincar, às vezes a nossa virava um restante e toda a comida feita para ser consumida pelos moradores na verdade viraram pratos para se-

rem vendidos, os moradores da casa se transformaram em clientes, o dinheiro utilizado para pagar era folhas de goiabeira e os cartões era uma “baja” de uma planta que não sei o nome.

Massa, (2017), recorre a Winnicott (1975) para mostrar a brincadeira como algo que desperta a criatividade e prazeroso:

Segundo o autor, é neste espaço, de desfrute, lúdico, prazeroso e criativo, que o brincar acontece. Por esse motivo é que o brincar essencialmente satisfaz. Portanto, o brincar é fazer (enquanto realidade objetiva) e ser (enquanto atitude criativa, que possibilite um colorido à vida, contrário à submissão ao que está posto). (MASSA, 2017, p. 120).

Quando era noite, normalmente levamos a brincadeira para dentro de casa, assim construíamos uma cabana com auxílio dos lençóis e a brincadeira continuava. As cadeiras da sala se transformavam em veículos e os ursos de pelúcia eram os filhos. Assim, o quarto se transforma em um lugar “mágico” onde tudo era possível, desse modo o nosso quarto era tudo que queríamos que fosse, que ia desde um restaurante, escola, casa, trabalho e até mesmo uma rodoviária.

Meus irmãos e eu nunca precisamos de muitos brinquedos, ou ter brinquedos supercoloridos e tecnológicos, como hoje em dia, tudo o que precisávamos era de um espaço vazio e muita imaginação.

A brincadeira do faz-de-conta transmite para as crianças estímulos do meio social em que está vivendo, fazendo com que elas imitem as pessoas e transformem objetos em outros, porque nas brincadeiras as crianças são responsáveis por si mesmas, realizam suas vontades e desejos, exercitando então, uma construção no processo de experimentações. (BARBOZA; VOLPINI, 2015, p. 4)

### 3. Brincadeira em contexto escolar

Uma das minhas brincadeiras preferidas na hora do recreio na escola era: “Rede Globo Manchete”, porque como eu era a mais nova do grupo de amigos e conseqüentemente a menor, deste modo, todas as outras brincadeiras que era jogada em duplas ou por um grupo com poucos componentes, as outras crianças - incluindo minha irmã mais velha - não me deixavam brincar, já que me ter no grupo era considerado uma desvantagem. Então eles sempre falam: “você é a café com leite e pode ir quando alguém errar, dessa forma você pode jogar

nos dois grupos". Na realidade era que ninguém me deixava tentar, por que se eles que eram maiores não conseguiram porque a menor do grupo ia conseguir? Isso me deixava muito chateada porque eu queria fazer o que eles faziam, então eu só queria crescer para não ser mais deixada de lado.

Porém, quando o jogo era "rede globo manchete", as crianças mais velhas me deixam brincar com elas, porque normalmente era separado dois grupos com muitos componentes em cada grupo, dessa forma mesmo se eu não conseguisse me sair bem jogando, eu podia ser uma distração ou uma chance a mais, já que quase sempre eu cedia a minha vez de jogar para outra pessoa - sempre para o melhor jogador do meu time.

Antes de começar o jogo já decidíamos os dois líderes dos grupos, e sempre ficava acordado entre todos que os dois jogadores mais fortes não podiam estar do mesmo lado. Os dois líderes escolhiam os componentes do grupo, e no final ficava dois grupos com a mesma quantidade de jogadores. Então era feito um desenho no chão em forma de quadrado, com um círculo no meio e triângulo nas laterais do quadro, formando assim cinco repartições. No centro do quadro - dentro do círculo desenho - eram colocadas cinco "pedras", uma em cima da outra.

O objetivo do jogo era derrubar as pedras. Cada grupo jogava a bola uma vez e o grupo que conseguisse derrubar corria, enquanto o outro grupo tentava "queimar" todos os jogadores antes que eles conseguissem colocar uma pedra em cada espaço e, a cada conquista, falasse-se: "rede globo manchete". Se o grupo que derrubou as pedras conseguisse colocar uma pedra nos cinco espaços, seria o vencedor, e se o grupo adversário conseguisse "queimar" todos os membros do grupo antes das pedras serem colocadas nos cinco espaços, eles venceriam.

#### 4.Brincadeira que marcaram de forma negativa

Uma brincadeira que me marcou de uma forma negativa foi a brincadeira de pular elástico, pois eu sempre era a última a ser escolhida entre as meninas e, quase todas as vezes, eu era colocada na condição de "café com leite", ou seja, só pulava quando uma das duplas cometia um erro, mas isso só acontecia em partes que eram altas demais para eu conseguir acertar. Assim, quando acontecia de uma



das meninas errar, ao em vez de eu ir pular, ia segurar o elástico para a outra dupla.

Hoje, quando paro para pensar nessa época, consigo perceber o quanto todos esses detalhes moldaram a pessoa que sou hoje, mesmo quando não quero acabo tendo mais dificuldade que o normal, e sempre quando uma situação fica difícil, que os obstáculos são “grande” demais, assim como o elástico que era alto demais para mim, eu só quero passar a vez para a próxima pessoa.

Mas também tenho memórias boas desse tempo, principalmente quando os meninos transcendiam a ideia de que “pular é coisa de menina” e vinha brincar com a gente. Juntamente com eles, eu não me sentia tão mal, porque os meninos conseguiam ainda ser piores que eu na hora de pular. Então em momentos como esse eu não me sentia tão inferior, e esses eram os raros momentos em que eu era, de fato, incluída na brincadeira, dessa forma conseguia me sentir pertencente a um grupo.

## CONCLUSÃO:

Para concluir, preciso dizer que todas as brincadeiras foram uma parte importante da minha infância e trouxeram muitos benefícios para o meu desenvolvimento infantil; que contribuíram para que eu aprimorasse minhas habilidades motoras, sociais e cognitivas. No entanto, é importante lembrar que algumas brincadeiras tiveram consequências traumáticas e duradouras, que me fizeram desenvolver um senso de inferioridade e incapacidade.

Algumas brincadeiras podem causar danos psicológicos que podem afetar a vida adulta da criança. Para que esse tipo de coisa seja evitado é essencial que os adultos estejam atentos ao que acontece durante as brincadeiras e intervenham quando necessário para garantir a segurança e o bem-estar das crianças. É importante lembrar que as brincadeiras devem ser sempre divertidas, saudáveis e seguras, para que as crianças possam desfrutar de uma infância feliz e saudável.

## REFERÊNCIAS

BARBOZA, Letícia; VOLPINI, Maria Neli. *O Faz de conta: simbólico, representativo e imaginário*. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP, 2015.

MASSA, Monica de Souza; *Ludicidade: da Etimologia da Palavra à Complexidade do Conceito*. APRENDER - Caderno De Filosofia E Psicologia Da Educação, 2017.

## PALAVRAS FINAIS

As histórias das infâncias aqui registradas foram diversas, mas tinha sempre algo que as conectavam: o brincar. O brincar, o distrair-se, o divertir-se estavam presentes em todas as histórias, mesmo naquelas em que o trabalho precoce, a falta de uma família e a pobreza as obrigava a assumir tarefas incompatíveis com suas idades. O brincar é, sem dúvida, o que mais caracteriza uma criança, sobretudo, quando ela representa o mundo que a cerca.

Muitos dos alunos de ambas as turmas não escreveram suas memórias. Alguns disseram que não se lembravam de nada bom de seu período de infância; outros porque não gostaria de expor suas memórias e uma ainda porque não consideram esse período como a parte mais importante de suas vidas.

Mas aqui fica o registro de muitas histórias que representam tantas outras. Histórias de infâncias felizes, recheadas de peripécias que envolviam as brincadeiras, os estudos e os trabalhos na roça. Lembranças da terra natal, dos lugares e de pessoas que marcaram suas vidas; lembranças e saudades de todas as formas de brincar.

Cada história foi contada com um misto de saudade e emoção, mas valeu todas as lembranças, todas as imagens, todas as emoções. VALEU TURMAS!

## DADOS DA AUTORA

Francisca Rodrigues Lopes



Doutorado em Comunicação e Semiótica (PUC/SP, 2012), Pós-doutorado em Letras: Ensino de Língua e Literatura (PPGL-UFNT, 2022). Autora de dois livros solos; Quatro livros como organizadora; diversos capítulos de livros e artigos publicados em periódicos e anais de eventos. Docente do curso de Pedagogia Unitins/UFT/UFNT desde 1998.

ISBN: 978-65-5390-076-9

CDL



9 786553 900769

